

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE**  
**CENTRO DE CÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO/PPGEFB**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**



**AS CONCEPÇÕES DOS(AS) PROFESSORES(AS) DE DOIS VIZINHOS SOBRE A TEMÁTICA  
DA SEXUALIDADE EM SALA DE AULA**

**Andréia de Souza**

Francisco Beltrão – PR

2023

**ANDRÉIA DE SOUZA**

**AS CONCEPÇÕES DOS(AS) PROFESSORES(AS) DE DOIS VIZINHOS SOBRE A TEMÁTICA  
DA SEXUALIDADE EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Área de concentração: Educação, Linha de Pesquisa: Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Dra. Giseli Monteiro Gagliotto.

Francisco Beltrão – PR

2023

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Souza , Andréia de

As concepções dos(as) professores(as) de Dois Vizinhos sobre a temática da sexualidade em sala de aula. / Andréia de Souza ; orientador Gisele Monteiro Gagliotto . -- Francisco Beltrão, 2023.

110 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Francisco Beltrão) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

1. Sexualidade. 2. Adolescência . 3. Escola . 4. Professores . I. Gagliotto , Gisele Monteiro , orient. II. Título.



## FOLHA DE APROVAÇÃO

ANDRÉIA DE SOUZA

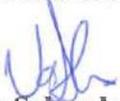
**TÍTULO DO TRABALHO:** AS CONCEPÇÕES DOS(AS) PROFESSORES(AS) DE DOIS VIZINHOS SOBRE A TEMÁTICA DA SEXUALIDADE EM SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado, da UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, Área de Educação, Linha 01: Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestra em Educação a autora.

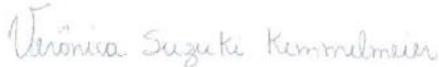
### COMISSÃO EXAMINADORA

  
**Giseli Monteiro Gagliotto (Orientadora)**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/FB)

  
**Vanice Schossler Sbardelotto**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/FB)



**Verônica Suzuki Kimmelmeier**

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Francisco Beltrão, 20 de outubro de 2023

*Dedico esta dissertação a mim pela coragem e dedicação para ter chegado até aqui!*

*Aos meus pais, meu irmão e meu amado noivo que sempre estão presentes em minha vida, me dando  
suporte em tudo o que preciso!*

*A DEUS por sempre estar comigo!*

*E a todos os professores que encaram o desafio da sala de aula todos os dias!*

## AGRADECIMENTOS

É chegada a hora mais esperada, a hora de AGRADECER e o que sinto, nesse momento, se resumem em duas palavras ALEGRIA e GRATIDÃO!

*Gratidão*

*Pela força que não me deixou desistir*

*Por ter sido escolhida para essa missão*

*Obrigada meu Deus por você existir*

*Sempre me deu a mão*

*(GRATIDÃO - XANDE DE PILARES)*

Agradeço a cada pessoa que passou em minha vida e que de alguma forma contribuiu para que esse momento chegasse...

Agradeço a DEUS por ser presença constante em minha vida...

Agradeço a minha família que acredita em meu potencial e me dá forças para conquistar tudo o que desejo...

Ao meu PAI WILMAR, meu primeiro amor, meu herói, obrigada por todo amor e cuidado que desprende a mim. Não há palavras que descrevam o amor, a gratidão e o orgulho que tenho por você. EU TE AMO.

À minha MÃE CLARICE, mulher maravilha que me ensina a cada dia a ser forte e corajosa, mãe com sua rigidez e amor, aprendi que devemos viver sempre ao lado de quem realmente nos quer bem. EU TE AMO ALÉM DA VIDA...Se DEUS me permitisse o meu maior desejo seria ter você e o pai eternamente.

Ao meu companheiro de vida LEANDRO, que carinhosamente chamo de MEU AMOR; que bom ter você ao meu lado há mais de uma década. Obrigada por sempre segurar a minha mão, me motivar a cada dia e ser meu suporte fortalecedor nos momentos mais desafiadores da minha vida. EU TE AMO...

Meu querido IRMÃO ANDRIGO, obrigada por me ensinar tanto sobre a vida; você é essencial em minha caminhada, sem você a vida não teria as mesmas cores...

Minha “flor” que afetuosamente por muitos anos foi assim chamada, minha menina CAMILA, haaa como tenho orgulho de você. Obrigada por vibrar comigo as conquistas, seus atos de amor e companheirismo, no

dia a dia, são combustíveis para o alcance dos meus objetivos. Estará sempre em minha memória o dia que comigo comemorou no portão da minha casa a vitória de ter chegado até o mestrado...

Minha querida ANDROSIANA, que de forma doce chamo de ANA, minha amiga, companheira, sócia e irmã de alma. Obrigada por todo apoio nesse processo, por ter me ensinado que a coragem precisa ser força constante para alcançarmos nossos objetivos...

Meu amado sócio MARCUS, foi maravilhoso ter você comigo nesse processo. Obrigada por meu ouvir, quando na sala do nosso escritório você diversas vezes me encontrou angustiada e nervosa com o processo de me tornar mestra. Sua conduta de cuidado foi essencial para esse processo...

Meus AMADOS afilhados LAURA e ANTÔNIO que bom ter vocês para amar e cuidar. Obrigada por me ensinarem tanto e me perdoem pela ausência nesse período. A DINDA AMA VOCÊS...

Meu anjo fora do céu WHENZO, criança doce, cheia de vida e persistência, você me ensina todos os dias sobre os atos de amor, cuidado e paciência. A DÉIA AMA VOCÊ...

Minha amada NONA DICA (*in memoriam*) sei que você é presença viva em meu coração, mas como queria que você estivesse aqui fisicamente para te contar as minhas conquistas e o quanto estou feliz por elas. Você me ensinou que uma mãe é o coração de uma família. TE AMO...

Meu querido NONO DANGA, que bom ter você em nosso meio, mesmo com sua forma distante de lidar com seus sentimentos, sabemos o quanto ama sua família. Você me ensinou que na vida precisamos de pessoas ao nosso redor e que a solidão não é calmaria...

Minha estimada NONA MARGARITA, tenho tanto orgulho de ser sua neta, mulher forte e batalhadora. Me ensina sempre que no caminho da vida precisamos ter garra para viver, pois a vida é um constante sobe e desce...

Minhas amadas comadres CATI e CLESI, como assim gosto de lhes chamar, que bom ter tido a oportunidade de conhecer vocês, professoras de puro amor, fortes e guerreiras que lutam por uma educação cuidadosa e humana. Obrigada pelas inúmeras palavras de coragem no trilhar do mestrado. Admiro muito vocês...

A todas as minhas amigas, as quais aqui não citarei nomes para não esquecer de mencionar ninguém, pois todas são importantes em minha vida e assim como eu que levo um pouco de cada uma no coração, tenho certeza que levam um pouco de mim em seus corações. Sou grata em tê-las por perto...

À minha ORIENTADORA PROF GI, obrigada por tantos ensinamentos e por me dar a direção nesse processo desafiador de pesquisadora. Você foi essencial, meus sinceros agradecimentos...

Ao Núcleo de Educação da cidade de Dois Vizinhos/PR que muita presteza me auxiliou nesse processo...

À professora SÔNIA TURMENA que de forma muito carinhosa e profissional me ensinou muitas coisas durante minha caminhada escolar e agora no mestrado me auxiliou na busca dos documentos para a pesquisa documental desta dissertação...

A todos os diretores das instituições participantes da pesquisa que me autorizaram estar realizando esta pesquisa...A JOICE e FERNANDA colaboradoras do Núcleo de Educação da cidade de Dois Vizinhos/PR, que me auxiliaram muito no processo de protocolo da pesquisa para que de fato ela acontecesse. Meu muito obrigada...

A todos os professores que participaram desta pesquisa e mesmo os que não se fizeram presentes nesta pesquisa. Obrigada...

À todas as escolas que se disponibilizaram a me ajudar nesse processo de formação...

A minha querida ZELINDA, assistente do programa de mestrado da Unioeste que esteve sempre presente nesse processo, sanando minhas dúvidas e me auxiliando em tudo que eu necessitava. Você foi essencial nesse processo “ZE”.

A todos os meus colegas do mestrado, mas em especial a JULIANE minha dupla de orientação, obrigada por me ouvir e pelas palavras de calma que direcionava a mim nos momentos de desânimo. Sua calma foi reforçadora. Minha querida amiga CACIANA, que com seu jeitinho especial conquistou meu coração. Obrigada por ter sido presente nesse processo e por compartilhar seus desafios comigo. VOCÊS SÃO MUITO ESPECIAIS...

A todos os professores do mestrado que se fizeram essenciais nessa formação.

A minha amiga de faculdade e que o mestrado trouxe novamente THAIS, minha querida que bom conseguir compartilhar uma disciplina com você, foi muito bom ter você por perto mais uma vez. Sou muito grata pela sua amizade...

Aos meus colegas do grupo de estudo *Psicanálise e Educação*, pelas grandes contribuições nesse processo...

Aos professores que carinhosamente aceitaram participar da minha banca professora JULIANA GALLI, obrigada pelas calorosas motivações e considerações no meu processo de me tornar mestra. Professora VANICE com sua energia que contagia e suas grandes ideias, me deu ainda mais coragem de continuar nesse processo desafiador que é o mestrado. Obrigada por tudo...

E, finalmente, agradeço a todos que caminharam comigo nessa jornada. Desculpem-me os que por ventura eu aqui não mencionei, mas com certeza estão em meu coração... **GRATIDÃO**

## RESUMO

**SOUZA, Andréia de. As concepções dos(as) professores(as) de Dois Vizinhos sobre a temática da sexualidade em sala de aula.** Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2023, (p.110).

A presente pesquisa buscou compreender a concepção dos(as) professores(as) dos colégios estaduais do município de Dois Vizinhos no sudoeste do Paraná; partindo da leitura e análise de algumas pesquisas correlacionadas com a temática aqui destacada, bem como a análise de alguns documentos que regulamentam os currículos das escolas e aplicação de questionários para entender o que os professores relatam sobre o desenvolvimento da temática da sexualidade em sala de aula. Para isso realizamos uma pesquisa bibliográfica, documental, descritiva e de campo de cunho qualitativo e quantitativo com base na teoria marxista, tomando como ponto de partida para o referencial teórico – metodológico o materialismo histórico – dialético, a fim de analisar as contradições, possibilidades e limitações da sexualidade em sala de aula. Visto que a problema central desta pesquisa estava em investigar, qual a concepção dos(as) professores(as), do ensino de ciências, dos oitavos anos dos colégios estaduais do município de Dois Vizinhos no Sudoeste do Paraná ao necessitar trabalhar questões voltadas para a sexualidade do educando e como tem sido este cenário depois do período político de 2018? e para analisarmos esta problemática, delimitamos três objetivos específicos, os quais foram compreender e contextualizar historicamente a sexualidade, analisar como a sexualidade aparece nos documentos da escola (BNCC, PCNs, PPPs e livro didático) e identificar a concepção dos(as) professores(as) participantes da pesquisa sobre a sexualidade ser trabalhada no contexto da sala de aula, através das respostas obtidas pelo questionário aplicado. Sendo que a nossa justificativa social estava em compreender a sexualidade de forma ampla, bem como apontar a importância da temática ser discutida em sala de aula, como possibilidades de reflexão, diálogos e conhecimento para professores, alunos e a sociedade em geral. Assim ancoradas na pesquisa bibliográfica, verificamos a grande importância que se tem em falar sobre a sexualidade em sala de aula, principalmente, na adolescência, período de muitas descobertas. No entanto, ao verificarmos na pesquisa documental a forma sucinta como a sexualidade aparece nos documentos utilizados pela escola para sua base curricular, acreditamos que esses documentos não chegam nem perto de dar conta de atender tudo o que envolve a sexualidade. Mas percebemos também que, mesmo em meio a tantos desafios, quando se trata de sexualidade, existem muitos professores e instituições que se preocupam em tratá-la em sua totalidade e não de maneira fragmentada.

**Palavras-Chave:** Sexualidade, adolescência, escola, professores.

## ABSTRACT

**SOUZA, Andréia de. The conceptions of Dois Vizinhos teachers on the topic of sexuality in the classroom.** Master's Dissertation in Education - State University of Western Paraná, Francisco Beltrão, 2023, (p.110).

This research sought to understand the conception of teachers at state schools in the municipality of Dois Vizinhos in southwestern Paraná; starting from the reading and analysis of some research correlated with the theme highlighted here, as well as the analysis of some documents that regulate school curricula and the application of questionnaires to understand what teachers report about the development of the theme of sexuality in the classroom. To this end, we carried out bibliographical, documentary, descriptive and field research of a qualitative and quantitative nature based on Marxist theory, taking as a starting point for the theoretical – methodological reference historical – dialectical materialism, in order to analyze the contradictions, possibilities and limitations of sexuality in the classroom. Since the central problem of this research was to investigate, what was the conception of teachers, of science teaching, of the eighth years of state schools in the municipality of Dois Vizinhos in the Southwest of Paraná when needing to work on issues aimed at student's sexuality and what has this scenario been like after the political period of 2018? and to analyze this problem, we defined three specific objectives, which were to understand and historically contextualize sexuality, analyze how sexuality appears in school documents (BNCC, PCNs, PPPs and textbook) and identify the teachers' conception( as) participants in the research on sexuality being worked on in the classroom context, through the answers obtained by the questionnaire applied. Our social justification was to understand sexuality in a broad way, as well as pointing out the importance of the topic being discussed in the classroom, as possibilities for reflection, dialogue and knowledge for teachers, students and society in general. Thus anchored in bibliographical research, we see the great importance of talking about sexuality in the classroom, especially during adolescence, a period of many discoveries. However, when we verify in documentary research the succinct way in which sexuality appears in the documents used by the school for its curricular basis, we believe that these documents do not come close to being able to cover everything that involves sexuality. But we also realize that, even in the midst of so many challenges, when it comes to sexuality, there are many teachers and institutions that are concerned with treating it in its entirety and not in a fragmented way.

**Keywords:** Sexuality, adolescence, school, teachers.

## RESUMEN

**SOUZA, Andréia de. Las concepciones de los docentes de Dois Vizinhs sobre el tema de la sexualidad en el aula.** Tesis de Maestría en Educación - Universidad Estatal del Oeste de Paraná, Francisco Beltrão, 2023, (p.110).

Esta investigación buscó comprender la concepción de los docentes de las escuelas públicas del municipio de Dois Vizinhs, en el suroeste de Paraná; a partir de la lectura y análisis de algunas investigaciones correlacionadas con el tema aquí destacado, así como el análisis de algunos documentos que regulan los currículos escolares y la aplicación de cuestionarios para comprender lo que los docentes informan sobre el desarrollo del tema de la sexualidad en el aula. Para ello, realizamos una investigación bibliográfica, documental, descriptiva y de campo de carácter cualitativo y cuantitativo basada en la teoría marxista, tomando como punto de partida del referente teórico – metodológico el materialismo histórico – dialéctico, con el fin de analizar las contradicciones, posibilidades y limitaciones de la sexualidad en el aula. Dado que el problema central de esta investigación fue investigar cuál es la concepción de los profesores, de la enseñanza de las ciencias, de los octavos años de las escuelas públicas del municipio de Dois Vizinhs, en el Suroeste de Paraná, cuando necesitan trabajar en cuestiones dirigidas a la sexualidad de los estudiantes. ¿Y cómo ha sido este escenario después del periodo político de 2018? y para analizar esta problemática, definimos tres objetivos específicos, que fueron comprender y contextualizar históricamente la sexualidad, analizar cómo aparece la sexualidad en los documentos escolares (BNCC, PCN, PPP y libros de texto) e identificar la concepción de los docentes(as) participantes en la investigación. sobre la sexualidad que se trabaja en el contexto del aula, a través de las respuestas obtenidas en el cuestionario aplicado. Nuestra justificación social fue comprender la sexualidad de manera amplia, así como señalar la importancia del tema que se discute en las aulas, como posibilidades de reflexión, diálogo y conocimiento para docentes, estudiantes y la sociedad en general. Así anclados en la investigación bibliográfica, vemos la gran importancia de hablar sobre sexualidad en el aula, especialmente durante la adolescencia, período de muchos descubrimientos. Sin embargo, cuando comprobamos en la investigación documental la forma sucinta en que la sexualidad aparece en los documentos utilizados por la escuela para su base curricular, creemos que estos documentos no se acercan a poder abarcar todo lo que involucra la sexualidad. Pero también nos damos cuenta de que, aún en medio de tantos desafíos, cuando se trata de sexualidad, hay muchos docentes e instituciones que se preocupan por tratarla en su totalidad y no de manera fragmentada.

**Palabras clave:** Sexualidad, adolescencia, escuela, docentes.

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 01:</b> Dissertação de mestrado – Sexualidade, adolescência e educação sexual a partir dos quereres e poderes da internet (2017).....	XXX
<b>QUADRO 02:</b> Dissertação de mestrado – Sexualidade e agressividade do adolescente no espaço escolar: contribuições psicanalíticas (2017).....	XXXII
<b>QUADRO 03:</b> Dissertação de mestrado – Diversidade sexual no espaço escolar: concepções, percepções e práticas de adolescentes em escola pública urbana do sudoeste do Paraná (2017).....	XXXIII
<b>QUADRO 04:</b> Diferença entre os PCNs (1998) e a BNCC (2018).....	LXI
<b>QUADRO 05:</b> Similaridade entre os PCNs (1998) e a BNCC (2018).....	LXI
<b>QUADRO 06:</b> Características dos professores do ensino de ciências.....	LXXIV
<b>QUADRO 07:</b> Especialização dos professores pesquisados.....	LXXV
<b>QUADRO 08:</b> Áreas de estudo dos(as) professores(as) de Dois Vizinhos.....	LXXVI
<b>QUADRO 09:</b> Justificativas dos professores ao dedicarem ou não tempo para estudarem sobre a sexualidade.....	LXXVIII
<b>QUADRO 10:</b> Aspectos considerados relevantes para os professores estudarem sobre a sexualidade dos adolescentes.....	LXXXIX
<b>QUADRO 11:</b> Como se sentem em falar sobre a sexualidade em sala de aula depois do período político de 2018.....	LXXXIV
<b>QUADRO 12:</b> Como era falar sobre a sexualidade antes do período político de 2018. Se perceberam resistência de pais, alunos e colegas.....	LXXXIV
<b>QUADRO 13:</b> De que forma a escola apoia o trabalho da sexualidade em sala de aula.....	LXXXV
<b>QUADRO 14:</b> A concepção dos professores sobre a importância das escolas abrirem espaços para falar sobre a sexualidade.....	LXXXVI
<b>QUADRO 15:</b> Como os professores se sentem em falar sobre a sexualidade em sala de aula.....	LXXXVII
<b>QUADRO 16:</b> Percepção dos(as) professores(as) sobre o conhecimento dos alunos dos oitavos anos do ensino de ciências sobre a sexualidade.....	LXXXVIII

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 01:</b> Apoio aos professores para trabalhar questões voltadas para a sexualidade em sala de aula.....	LXXXV
<b>GRÁFICO 02:</b> Os professores costumam falar sobre sexualidade em sala de aula.....	LXXXVII
<b>GRÁFICO 03:</b> O que os(as) professores(as) acreditam ser mais relevante a escola trazer para a sala de aula, quando se trata de sexualidade.....	LXXXVIII

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**BDTDs** – Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações.

**BNCC** – Base Nacional Comum Curricular.

**CONAE** – Conferência Nacional de Educação

**CREP** – Currículo da Rede Estadual do Paranaense.

**DST** – Doenças Sexualmente Transmissíveis

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases.

**PCNs** – Parâmetros Curriculares Nacionais.

**PPP** – Projeto Político Pedagógico.

**UEL** – Universidade Estadual de Londrina.

**UEM** – Universidade Estadual de Maringá.

**UENP** – Universidade Estadual do Norte do Paraná.

**UEPG** – Universidade Estadual de Ponta Grossa.

**UNESPAR** – Universidade Estadual do Paraná.

**UNICENTRO** – Universidade Estadual do Centro-Oeste.

**UNIOESTE** – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

**PSL** – Partido Social Liberal.

## LISTA DE APÊNDICES

<b>Apêndice 01</b> – Carta de Apresentação.....	CIV
<b>Apêndice 02</b> – Termo de consentimento livre e esclarecido (Escolas).....	CV
<b>Apêndice 03</b> – Termo de consentimento livre e esclarecido (Professores).....	CVI
<b>Apêndice 04</b> – Questionário de identificação dos professores.....	CVII
<b>Apêndice 05</b> – Questionário semiaberto (combinado) para coleta de dados.....	CVIII

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>XVIII</b>
<b>I. O UNIVERSO DA PESQUISA .....</b>	<b>XXIII</b>
I.I. Método: Fundamentação teórico metodológica da pesquisa .....	XXIII
I.II. Tipo de pesquisa, delimitação do objeto de estudo e procedimento de coleta de dados .....	XXVI
I.III. As produções acadêmicas científicas das universidades estaduais do Paraná.....	XXX
<b>II. O UNIVERSO DA SEXUALIDADE .....</b>	<b>XXXVI</b>
II.I. A construção histórica do conceito de sexualidade .....	XXXVI
II.II. Adolescência e suas manifestações .....	XLII
II.III. O papel da escola frente à sexualidade: recurso aos documentos legais para a educação Brasileira. .....	XLVIII
<b>III. A CONCEPÇÃO DAS/OS PROFESSORAS/ES ACERCA DA SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE EM SALA DE AULA .....</b>	<b>LXVIII</b>
III.I. O Professor da adolescência .....	LXIX
III.II. O espaço escolar e a sexualidade: a formação e a preparação dos professores .....	LXXIV
III.III O professor, a sexualidade e a escola .....	LXXXII
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>XCI</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>XCIV</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>CIV</b>

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema, quanto do objeto desta pesquisa, surgiu em decorrência do período político de 2018, quando durante a campanha do ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro, a temática da sexualidade ganhou destaque nas mídias sociais, promovendo intensa polêmica e debate sobre os direitos humanos, em virtude do retrocesso conservador político acerca de tal temática, que pode e deve ser trabalhada no espaço da sala de aula.

Assim, a presente pesquisa, nasceu de nossa indignação sobre esse conservadorismo, mas, principalmente, da esperança de que possamos colaborar de forma significativa na compreensão da sexualidade, trazendo informações científicas, bem como interpretações críticas e bem fundamentadas sobre o assunto.

Pois o incômodo com a incompreensão e o preconceito manifestado por muitas pessoas, tanto em redes sociais, quanto em rodas de conversas, durante a campanha do ex-presidente, nos impulsionou ainda mais em nos debruçarmos sobre essa pesquisa e lutarmos pela defesa dos direitos humanos sexuais, em sala de aula.

Isso porque além de pesquisadoras, somos psicólogas comprometidas em lutar pela igualdade e oportunidade de aprendizagem para uma educação sexual cada vez mais abrangente

Uma vez que, de acordo com a declaração dos direitos sexuais (1999)

A sexualidade é uma parte integral da personalidade de todo ser humano. [...] O total desenvolvimento da sexualidade é essencial para o bem-estar individual, interpessoal e social. Os direitos sexuais são direitos humanos universais baseados na inerente liberdade, dignidade e igualdade de todos os seres humanos. Uma vez que a saúde sexual é um direito fundamental, então a saúde sexual deve ser um direito humano básico. Para assegurarmos que os seres humanos e a sociedade desenvolvam uma sexualidade saudável, os direitos sexuais [...] devem ser reconhecidos, promovidos, respeitados e defendidos por todas as sociedades de todas as maneiras. Saúde sexual é o resultado de um ambiente que reconhece, respeita e exercita estes direitos sexuais (p.01).

Partindo deste pressuposto, elegemos a **sexualidade como tema de pesquisa**, pois apesar de sabermos sobre a importância dela ser trabalhada em sala de aula, sabemos também que existem grupos mais conservadores que, pela experiência da cultura tradicional, estão envolvidos a tabus, medos e proibições sobre a sexualidade que, interferem significativamente, na questão pedagógica da escola, impedindo que este assunto seja trabalhado de maneira mais ampla neste ambiente.

Desta forma construímos **o problema central da pesquisa**, que consiste em investigar, qual a concepção dos(as) professores(as), do ensino de ciências, dos oitavos anos dos colégios estaduais do município de Dois Vizinhos no estado do Paraná, ao necessitar trabalhar questões voltadas para a sexualidade do educando, e como tem sido este cenário depois do período político de 2018?

Compreendendo a partir de alguns referenciais a **hipótese** de que os(as) professores(as), tendem a deixar de falar sobre essa temática em sala de aula, por se sentirem intimidados ou com medo de falar sobre sexualidade neste ambiente. Isto se justifica, pelo retrocesso conservador que, se instalou nas políticas do Ministério da Educação no Brasil, com a eleição do ex-presidente da república, em que a educação sexual e a temática da sexualidade foram convocadas a serem tarefas realizadas, exclusivamente, no âmbito da família. Assim, negando toda a contribuição científica, acerca de tais temáticas, que podem e devem ser ensinadas no espaço escolar.

E como Ribeiro (2021) salienta

Mesmo no século XXI, ainda encontramos muita resistência quando a conversa é sobre sexualidade na escola, Os(as) professores(as) em sua maioria não sabem como lidar; os pais, em suas fantasias, acreditam que é um incentivo a uma relação precoce; a escola, por sua vez, fica em meio desses impasses e acaba não realizando o debate tão necessário sobre educação em sexualidade de crianças e adolescentes (p.35).

Mas corroborando com Mary Neide Figueiró (2013) falar sobre a sexualidade no ambiente escolar tem um acréscimo significativo no conhecimento dos alunos. Isso porque falar sobre sexualidade não é falar somente do aparelho reprodutivo, pois existem outras instâncias da nossa vida correlacionadas com a sexualidade que, por vezes podem ser desconhecidas pelos alunos.

Uma vez que a escola é um ambiente em que ocorre a difusão e produção de ciência, motivo pelo qual direcionamos nossa pesquisa para este ecossistema; pois assim como a família, a escola também possui o papel básico de ensinar para a vida em sociedade e é através dela que crianças, adolescentes e adultos possuem acesso ao conhecimento e aos mais diversos assuntos que norteiam o seu desenvolvimento.

Assim, para a realização desta pesquisa, buscamos conhecimentos teóricos e práticos que pudessem nos possibilitar entender as concepções dos(as) professores(as) que precisam tratar desta temática em sala de aula.

Entretanto para alcançar este objetivo, utilizamos o **método materialismo histórico-dialético** de Marx, para nos auxiliar nas múltiplas possibilidades de compreender a sexualidade em sua historicidade e transformações, buscando explicações lógicas e racionais sobre este fenômeno.

Pois, comum e equivocadamente, a sexualidade é compreendida e tratada como sinônimo de sexo, por classicamente, as ciências naturais (medicina, biologia) compreenderem e explicarem a sexualidade a partir de um referencial relativo à espécie humana; dado pela natureza e com fins reprodutivos. E é por isso que, ainda nos dias de hoje, quando interpelados sobre o que é a sexualidade, acaba-se por associá-la aos órgãos genitais, ao coito e a informações biológicas do nosso corpo (GAGLIOTTO, 2020).

Entretanto, podemos esclarecer que, sexo e sexualidade se complementam, mas não se fazem sinônimos, pois como bem trata Nunes (2000)

É possível entender sexo como a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana enquanto animal. Já a sexualidade é um conceito cultural, constituído pela qualidade, pela significação do sexo. Nesta definição, somente a espécie humana ostentaria uma sexualidade, uma qualidade cultural e significativa do sexo (p.74).

Neste sentido, a sexualidade compreende aspectos biológicos, psicológicos e subjetivos, pois além do ser humano ser formado por um corpo, ele também se forma e se desenvolve pelas suas emoções, desejos e sentimentos que fazem parte e constituem as relações humanas e que precisam ser discutidas pela forma que muitas vezes é compreendida (FIGUEIRÓ, 2009).

Assim sendo, é de extrema importância, compreender que apesar da sexualidade ser difundida em aspectos biológicos, ela jamais se restringirá somente a isso, pois como traz Figueiró (2009, p.163).

A sexualidade [...] é o resultado da interação entre o mundo interno e externo, isto é, entre a nossa subjetividade e a organização social. Ela envolve um processo contínuo e nem sempre linear de aprendizado e reflexão por meio do qual elaboramos a percepção de quem somos e do que somos, processo esse que se desdobra em meio a condições históricas, sociais e culturais específicas. Nascermos com um sexo biológico. Todo o resto se constrói e vai se formando ao longo da vida.

Desta forma, no processo de construção da sexualidade, surgem conceitos e pré-conceitos que acabam por apresentar uma visão hegemônica do que é sexualidade, trazendo com ela, valores, normas, medos, vergonha, dentre outras formas de ver e ouvir a sexualidade, que por vezes são determinados pelo momento histórico que vivenciamos, bem como pelos interesses sócio-históricos.

Causando assim a repressão sexual, contexto este, em que a sexualidade é reprimida e muitas vezes deixada em silêncio constante, por não ser vista de forma positiva. Pois, como complementam Cabral e Romeiro (2011, p. 97) a repressão sexual é uma forma de expressão do tabu, na sociedade contemporânea. E isso significa que tratar sobre sexualidade é um grande desafio, exatamente por muitas pessoas não se sentirem confortáveis em falar sobre o assunto.

Entretanto Nunes (1987) comenta que atualmente as pessoas falam mais livremente sobre a sexualidade, apesar de ainda existirem mecanismos de controle e repressão, bem como, ignorância e incompreensão sobre o assunto, acaba sendo bem mais frequente do que alguns anos atrás.

Mas, é importante reconhecermos que, a sexualidade é uma dimensão existencial e essencial, que perpassa o mundo natural, e não há como reduzir em significações somente de atividade sexual, pois a sua constituição compreende, não somente aspectos biológicos, mas também, psicológicos e sociais.

Devendo, assim, lembrar que, além de um corpo que o indivíduo desenvolve em sua existência, ele também desenvolve desejos, sentimentos, emoções que, por vezes, são influenciados pelas relações interpessoais. Conforme Nunes e Silva (2001, p. 12) “a sexualidade é uma marca humana, vivenciada a partir dos desejos e escolhas afetivas, psicossociais e históricas”.

Assim sendo, a sexualidade deve e pode ser trabalhada no ambiente escolar, pois de acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) a proposta [...] é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas, não cabendo a ela julgar a educação que cada família oferece (1998, p.67).

Desta forma, a **justificativa social** desta pesquisa, consiste em compreender a sexualidade de forma ampla, bem como apontar a importância da temática ser discutida, em sala de aula, como possibilidades de reflexão, diálogos e conhecimento para os educadores, educandos e a sociedade em geral. Moizés e Bueno (2010) ensinam que

O diálogo é a ferramenta básica no processo de educar para a sexualidade. Há crianças e adolescentes que perguntam muito, outras nada interrogam e outras, ainda, precisam de um ambiente encorajador para levantar questões. [...] A Escola precisa reassumir o trabalho de educação sexual, mas não para reprimi-la e sim para mudar visões distorcidas ou negadas da sexualidade, sem, contudo, substituir a família, porque a criança não chega à escola sem ideias, mas já com diversas inscrições sobre sexo (p.2006).

Visto que, de acordo com a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, os professores possuem a orientação em trabalhar e discutir sobre a sexualidade, principalmente, no oitavo ano do ensino fundamental público, de professores que nesta pesquisa será enfatizado, pois de acordo com o documento é neste ano do ensino fundamental, em que os professores precisam abordar mais enfaticamente, questões relacionadas as transformações da puberdade, os hormônios sexuais, métodos contraceptivos, DST – Doenças sexualmente transmissíveis, bem como diversas outras dimensões que tratam da sexualidade (Brasil, 2018).

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é investigar a concepção dos(as) professores(as) do ensino de ciências, dos oitavos anos do ensino fundamental, frente as questões da sexualidade em sala de aula, nas escolas públicas estaduais do município de Dois Vizinhos no sudoeste do Paraná, compreendendo assim sua postura diante desta temática que percorre um mundo de resistências e preconceitos.

Assim delineamos os seguintes objetivos específicos: 1) Compreender e contextualizar historicamente a sexualidade; 2) Analisar como a sexualidade está disposta nos documentos da escola (BNCC, PPPs, PCNs e livro didático); 3) Identificar as concepções dos(as) professores(as) participantes da pesquisa sobre a sexualidade ser trabalhada no contexto da sala de aula, através das respostas obtidas pelo questionário. Objetivos que tentam descrever, nos termos mais claros possíveis, o que será obtido neste levantamento (GIL, 2002, p.111).

Para tanto, esta pesquisa foi construída por três (3) capítulos para alcançarmos os objetivos propostos. No primeiro capítulo, nos dedicamos a escrever o universo da pesquisa, o método, a delimitação do objeto de estudo, tipo de pesquisa, procedimentos para a coleta de dados e as produções acadêmicas científicas das universidades estaduais do Paraná que possuem relação com nossa pesquisa.

No segundo capítulo, apresentamos a construção histórica do conceito de sexualidade, que nos faz refletir o porquê de tantos tabus e preconceitos ainda nos dias atuais. Tal como discutimos sobre a

adolescência e os documentos legais que regulamentam o currículo educacional brasileiro, com o intuito de respondermos os dois primeiros objetivos específicos aqui propostos.

No terceiro e último capítulo, abrangemos a importância dos(as) professores(as) no processo de ensino aprendizagem, bem como, a concepção do trabalho acerca da sexualidade ser trabalhada em sala de aula, diante de tantos desafios que precisam ser encarados.

Acreditamos que, nossa dissertação trará contribuições para a compreensão da sexualidade e, muito além disso, transmissão de conhecimentos científicos claros e precisos sobre a importância da sexualidade ser trabalhada, em sala de aula.

## **I. O UNIVERSO DA PESQUISA**

Neste capítulo, percorremos o universo da pesquisa, especificando de que forma ela foi elaborada, desde a delimitação do objeto, a problematização do mesmo, a fundamentação teórica e metodológica, a coleta de dados, tipo de pesquisa e produções científicas das universidades estaduais do Paraná que nortearam esse processo de construção de conhecimento.

Por isso, neste capítulo, apontamos o método utilizado para o desenvolvimento dessa pesquisa e sua importância nesse processo. Assim como, a justificativa da escolha do método do materialismo histórico-dialético, com raízes na teoria marxista, que nos permite compreender a realidade atual, a partir das construções históricas que vivenciamos ao longo da nossa existência.

Destacamos também, a forma como a pesquisa ocorreu em cada etapa, desde a revisão bibliográfica até a pesquisa de campo, enfatizando os critérios estabelecidos para uma pesquisa dinâmica e assertiva. Tal como apresentamos o resultado da pesquisa bibliográfica que realizamos nas BDTDs, das universidades estaduais do Paraná, expondo um recorte de cada pesquisa encontrada.

### **II. Método: Fundamentação teórico metodológica da pesquisa**

Para iniciar um processo de investigação, além de necessitarmos delimitar o tema, problema, justificativas, hipóteses e objetivos, é necessário ainda, delimitar um método que venha agregar em todo o processo da pesquisa.

Assim sendo, sabe-se que eleger um método para a pesquisa não é tarefa fácil, pois exige do(a) pesquisador(a), foco e muitas leituras, para que possa compreender qual o método que melhor atende o problema e os objetivos de sua investigação.

Bloise (2020) cita que

Para realizar uma pesquisa científica é preciso aplicar o método científico. Antes de mais nada o pesquisador necessita ordenar as próprias ideias. Dessa forma ele transforma boas ideias em um trabalho de pesquisa com objetividade e rigor, sistematizando as questões a serem estudadas. Ele escolhe um tema de pesquisa que seja do seu interesse — mais propriamente: que seja apaixonante. Em seguida o pesquisador deve recortar o seu tema, delimitando o objeto dentro de um campo de estudo e determinando as variáveis que serão observadas. [...] No momento seguinte o pesquisador define os conceitos que serão utilizados, estabelecendo o arcabouço teórico que vai sustentar o trabalho. Aqui ele define o método de pesquisa, como ele vai abordar o tema escolhido, qual a metodologia de pesquisa vai ser utilizada, que tipo de pesquisa ele vai desenvolver, que técnicas ele pretende utilizar (p. 119-120).

Seguindo então esta direção, demarcamos o materialismo histórico-dialético para nortear nosso processo de pesquisa; método este, “construído por Karl Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895), que buscam explicações coerentes, lógicas e racionais, para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento” (TRIVIÑOS, 1928, p. 51).

Desta forma, buscamos um método que nos possibilitasse entender a realidade social, através da construção de conhecimento que, envolve as relações humanas e, como bem esclarece Triviños (1928); o materialismo histórico-dialético considera

[...] o contexto do fenômeno social que se estuda, privilegia a prática e o propósito transformador do conhecimento que se adquire da realidade que se procura desvendar em seus aspectos essenciais e acidentais. Por isso, consideramos como válido o enfoque histórico-estrutural para a nossa realidade social que, empregando o método dialético, é capaz de assinalar as causas e as consequências dos problemas, suas contradições, suas relações, suas qualidades, suas dimensões quantitativas, se existem e realizar através da ação um processo de transformação da realidade que interessa (p.125).

Destarte, o materialismo histórico-dialético nos permite entender a sexualidade através de questões sociais, materiais e históricas, com lógica dialética, que influenciam e determinam o comportamento dos indivíduos na sociedade contemporânea, tal como, por reflexões críticas que surgem na prática da realidade. Buscando, novas formas de entender o conhecimento do homem, pois como ensina Silva (2015)

Sob a perspectiva do materialismo histórico, todos os fenômenos sociais e econômicos devem ser analisados dentro de seu historicismo, dentro do contexto da vida social e material produzida pelos homens. Os indivíduos são o que produzem e dependem das condições materiais de sua produção, as quais não são fatores absolutos, permanentes e imutáveis. Não existem, para Marx, leis absolutas e eternas, tudo pode ser transformado com a ação do homem (p. 03).

Analisamos e compreendemos que, através do materialismo histórico-dialético, conseguiremos reconhecer a sexualidade, em suas categorias básicas, a matéria, a consciência e a prática social dentro de um mundo cognoscível, ou seja; que pode ser conhecido pelo homem.

Triviños (1928) ressalta que

De maneira muito geral, pode se dizer que a concepção materialista apresenta três características importantes. A primeira delas é da materialidade do mundo, isto é, todos os fenômenos, objetos e processos que se realizam na realidade são materiais [...]. A segunda peculiaridade do materialismo ressalta que a matéria é anterior à consciência. Isto significa reconhecer que a consciência é um reflexo da matéria, que esta existe objetivamente, que se constitui numa realidade objetiva. E, por último, o materialismo afirma que o mundo é conhecível (p.52).

Neste sentido, a sexualidade enquanto matéria pode ser entendida dentro de aspectos ligados às questões biológicas, referindo-se ao corpo. Já, enquanto consciência, podemos reconhecer os sentimentos, as ideias, pensamentos e emoções (subjetividade) e, enquanto prática social, o saber sobre a sexualidade que o homem é capaz de conhecer, transmitir e transformar no percurso de sua história. Isso porque, os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois [...] estas lhes foram transmitidas assim como se encontram (Marx, 2011, p.25).

“O materialismo histórico é a ciência filosófica do marxismo que, estuda as leis sociológicas que, caracterizam a vida em sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade” (Triviños, 1928, p.51).

Nesta perspectiva, o método tem como objetivo, explicar a realidade vivenciada, partindo de uma compreensão já existente. Em nossa atividade de investigação sobre a sexualidade, o método foi utilizado com uma ferramenta de interpretação da realidade, levando em consideração toda a sua historicidade. Afinal, foi por estas condições que, “Marx deu o caráter material (os homens se organizam na sociedade para a produção e reprodução da vida) e o caráter histórico (como eles vêm se organizando através da sua história)” (Pires, 1997, p.86).

A sexualidade deve ser entendida de forma abrangente, já que se constitui numa totalidade, articulada, dinâmica, constante e histórica e que, estudá-la sem levar em consideração todas as dimensões que a constituem, é compreendê-la de modo fragmentado, parcial e incompleto (ROZA, 2017). Segundo Pires (1997), para pensar a realidade diante do método materialista, é necessário, aceitar as contradições que aparecem e aprender que elas são essenciais, dentro da dialética que se dá pela diferença, diante das bases filosóficas do marxismo. A dialética baseia-se na forma de compreender a história, interpretar a realidade e transformá-la, já que

No processo dialético de conhecimento da realidade, o que importa fundamentalmente não é a crítica pela crítica, o conhecimento pelo conhecimento, mas a crítica e o conhecimento crítico para uma prática que altere e transforme a realidade anterior no plano do conhecimento e no plano histórico-social (FAZENDA, 2010, p.89).

Ou seja, a lógica dialética permite o movimento do pensamento para compreendermos o fenômeno aqui pesquisado de maneira concreta, diante de suas inúmeras determinações. Portanto, esta realidade sobre a qual a concepção materialista se debruça, traz consigo todas suas contradições, conflitos e transformações evidenciando que as ideias são, de fato, reflexos do mundo exterior (Benitez, Silva e Souza, 2014).

Para tanto, podemos então aqui destacar que o materialismo histórico-dialético não pode explicar coisa nenhuma sem o reflexo da historicidade, pois este aspecto é fundamental para a produção e reprodução do conhecimento do homem na sociedade, que acontece pela e na *práxis* que nada mais é do que a prática social, pois a *práxis* refere-se ao movimento, as ações a conduta dos homens em suas interações com o mundo.

Nesse sentido, entendemos que não há nada separado, tudo se dá por um conjunto de forças que se agrupam para construir a realidade social, assim como, a sexualidade que conforme Silva (2001)

[...] está atravessada por valores históricos, carências materiais, situações psíquicas, determinações morais, expectativas religiosas, necessidades materiais e determinações biológicas, entre outras questões. Esta categoria da concepção dialética define-se como contradição, a consideração de que todas as coisas e a própria realidade são constituídas por teses, antíteses e sínteses, complexas integrações e articulações, sendo passíveis de uma multiplicidade de abordagens e considerações (p.79).

Desta forma, buscamos aqui, por meio deste método, conhecer e reconhecer a sexualidade, bem como seus condicionantes internos e externos que a fazem incompreensível diante de uma história, cheia de contradições, limitações e possibilidades. Pois como bem esclarece Silva (2001, p.81) “entender a sexualidade supõe entendê-la na trama das relações econômicas e sociais de produção e organização da vida material e constituição de relações de vivências, convivência e poder”.

Portando, nessa pesquisa partimos de uma leitura da sexualidade que a entende como um ser sócio-histórico, que se produz e se transforma no percurso de sua história, com a intenção de provocar a criticidade dos professores, quando se trata de sexualidade em sala de aula, visto que a problemática desta pesquisa é investigar a concepção dos(as) professores(as) ao necessitar trabalhar questões voltadas para a sexualidade do educando.

### **I.II. Tipo de pesquisa, delimitação do objeto de estudo e procedimento de coleta de dados**

Em nossa atividade investigativa, nos concentramos em explorar o máximo possível, para que pudéssemos obter resultados assertivos, mesmo que divergentes de nossa hipótese inicial. Assim, esta dissertação, caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e quantitativo, documental e de campo descritiva.

Silva (2015) esclarece que a pesquisa bibliográfica

Trata-se do levantamento da bibliografia já publicada sobre o assunto de interesse, em forma de livros, revistas, periódicos, publicações avulsas, veiculados na internet ou por meio da imprensa escrita. A pesquisa bibliográfica objetiva colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito sobre determinado assunto, com a finalidade de colaborar na análise de sua pesquisa (p.83).

Partindo deste pressuposto, consideramos que esta é uma etapa fundamental em um processo de pesquisa, pois é o momento que além do pesquisador acessar os dados que já existem sobre seu objeto de estudo, é possível compreender e conhecer ainda melhor o que se pretende pesquisar.

No entanto, para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica, buscamos dissertações de mestrado nos programas de pós-graduação *stricto sensu* das universidades estaduais do Paraná, exclusivamente nas BDTDs (Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações) destas universidades, exatamente por estarmos inseridas nessa esfera.

As universidades pesquisadas foram sete (7): Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR); Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) e Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

A partir dessas instituições definidas, realizamos um levantamento de acordo com alguns critérios estabelecidos, dos quais foram: Critério 01 – Serem pesquisas já concluídas entre os anos de 2012 a 2022, um intervalo de dez anos retroativos ao ano que iniciamos essa pesquisa; Critério 02 – Pesquisas que possuíssem pelo menos duas palavras-chaves da categoria de análise delimitada, da qual foi **sexualidade, adolescência, professores e escola**. Critério 03 – Somente dissertações de mestrado em educação.

Para tanto, vale aqui ressaltar que a categoria de análise citada, foi elencada de acordo com algumas palavras específicas que mais refletiam sentido para nossa análise, pois sabemos que no decorrer do processo desta pesquisa, poderão aparecer outras categorias de análise, que aqui poderão ser anunciadas.

Entretanto para a escolha desta categoria, que muito nos auxiliou na busca das dissertações, que pudessem refletir nosso objeto de estudo, seguimos algumas regras que são necessárias para classificar as categorias de forma assertiva, que são colocadas por Carlomagno e Da Rocha (2016)

Em termos simples: a) é preciso existir regras claras sobre os limites e definição de cada categoria; b) as categorias devem ser mutuamente exclusivas (o que está em uma categoria, não pode estar em outra); c) as categorias devem ser homogêneas (não ter coisas muito diferentes entre si, no mesmo grupo); d) é preciso que as categorias esgotem o conteúdo possível (não sobre conteúdos que não se encaixem em alguma categoria); e) é preciso que a classificação seja objetiva, possibilitando a replicação do estudo (p. 184)

Desta forma, a categoria nos possibilitou uma aproximação maior com a temática e nosso objeto de estudo, que nos instiga e movimenta esta pesquisa.

Para a coleta de dados, além da pesquisa bibliográfica, também realizamos a análise de documentos e a aplicação de questionários semiabertos (combinados).

Consideramos na presente pesquisa, a análise documental, parte essencial para compreendermos de modo completo, o seu objeto de estudo, pois sabemos que a pesquisa documental, embora siga os mesmos passos da pesquisa bibliográfica, as fontes são muito mais diversificadas, se constituindo por dois vieses, os documentos de “primeira mão” e dos documentos de “segunda mão” (GIL, 2001).

Gil (2001, p.46) ensina que “os documentos de “primeira mão” são os documentos conservados em órgãos públicos ou instituições privadas e os documentos de “segunda mão” os documentos que de alguma forma já foram analisados como relatórios e tabelas”.

Diante disso, os documentos aqui analisados serão os de “primeira mão”, pois, nos concentramos nos respectivos documentos BNCC (Base Nacional Comum Curricular), documento este, importantíssimo para o desenvolvimento progressivo da aprendizagem dos alunos, PPP (Projeto Político Pedagógico) das escolas estaduais do município de Dois Vizinhos/PR, pois sabemos que é a partir deste documento que ocorre também a atuação da prática pedagógica, PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), documento que norteia a educação brasileira e os livros didáticos, especificamente, os de ciências dois oitavos anos.

O objetivo de tal análise foi compreender como a sexualidade aparece em diferentes documentos, que possuem um propósito em comum que é nortear a educação e por consequência a prática dos professores.

Para tanto, nesta etapa da pesquisa, entramos em contato com as escolas para a apresentação de nossa pesquisa e para a solicitação dos PPPs, para que as análises destes documentos pudessem ser realizadas. Assim como buscamos em uma das escolas escolhidas, o livro didático do oitavo ano que, também faz parte desta análise, sendo que, não foi utilizado nenhum critério específico para o livro didático, visto que todas as escolas estaduais do município utilizam o mesmo; já a BNCC e o PCN encontramos via internet.

Ao realizarmos uma pesquisa de campo descritiva, aprendemos com Gonsalves (2001) que a pesquisa de campo é

[...] o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas (p.67).

No entanto, para essa etapa da pesquisa, realizamos a aplicação de questionários semi-abertos (combinados), com seis (6) professores que atuam com a disciplina de ciências nos oitavos anos do ensino fundamental, os quais se propuseram a responder a pesquisa, visto que foi solicitado a todos os professores do ensino de ciências, dos oitavos anos da rede estadual do município, das 10 (dez) escolas estaduais da cidade de Dois Vizinhos/PR, para entender como o fenômeno da sexualidade se mostra nesse meio, diante da compreensão dos professores, que por vezes, necessitam trabalhar questões relacionadas à sexualidade em sala de aula.

Na sequência, entramos em contato com o núcleo de educação do município, solicitando o protocolo e autorização das instituições de ensino participantes da pesquisa. Em seguida, entramos em contato com os diretores de cada escola para apresentarmos o objetivo principal da pesquisa, momento em que entregamos a carta de apresentação (apêndice I) o termo de consentimento livre e esclarecido da escola (apêndice II) e a solicitação do contato dos professores que iriam participar da mesma.

Depois, entramos em contato de forma individual, com os(as) professores(as) do ensino de ciências das dez (10) escolas estaduais do município, para encaminharmos o termo de consentimento livre esclarecido (apêndice III) e o link do questionário com as perguntas que elaboramos para essa pesquisa (apêndice IV e V), que ocorreu de forma online, através da plataforma GoogleForms.

Uma vez que delimitamos dois questionários, um para identificação do nosso público-alvo, composto por doze (12) perguntas e outro para compreender a problemática da pesquisa composto por dezesseis (16) perguntas, que envolveram questões abertas e fechadas.

Para responder aos questionários, os professores não foram em nenhum momento, obrigados a se identificar, inclusive poderiam escolher codinomes para assegurar o sigilo de sua identidade. Valendo aqui destacar que, de maneira alguma, serão apresentados os nomes das escolas participantes, bem como, os dos

professores, pois acreditamos que a ética é uma condição primordial para qualquer ato humano e quando se trata de pesquisa, necessitamos por esta condição ter cuidado com os seres humanos e as instituições envolvidas na pesquisa, garantindo a segurança, integridade e respeito a estes.

Amorim (2019) assevera que:

A ética deve ser incorporada como parte indissociável do saber científico. Dessa forma, é imprescindível ter a consciência que ela deverá ser a pedra angular de todo o processo para a tomada de decisões, escolhas e ações, daqueles envolvidos nas atividades científicas. O intuito é buscar um equilíbrio entre o processo de investigação científica e a proteção das pessoas que dela participam; buscando, nesse curso, promover o exercício do respeito e da responsabilidade em prol de uma melhor qualidade de vida e dignidade para todos (p.1035).

Optou-se por realizar um questionário semiaberto (combinado) como ferramenta de coleta de dados por ser

Uma das ferramentas mais utilizadas por pesquisadores em Ciências Sociais. Por isso, a elaboração das perguntas é etapa crucial para a obtenção de um bom questionário, isto é, de um questionário que cumpra seu papel na coleta de dados de maneira a revelar, da melhor forma possível, a realidade dos fatos ocorridos dentro do alvo do estudo proposto (MELO E BIANCHI, 2015, p.01).

Assim, na construção do questionário pensamos e repensamos cuidadosamente, sobre as perguntas que dirigiríamos ao público-alvo, no sentido de atingir alto índice de assertividade no que pretendíamos tornar essencial para análise dos dados.

Deste modo, nossa pesquisa se dá de maneira qualitativa, pois como citado por Triviños (1928) na pesquisa qualitativa com raízes no materialismo histórico-dialético, como já dissemos, o fenômeno tem sua própria realidade fora da consciência. Ele é real, concreto e como tal é estudado (p.129).

Contudo, para a análise dos questionários, utilizamos a análise de conteúdo de Bardin, muito utilizado em pesquisas qualitativas; mas o que é análise de conteúdo? Um conjunto de instrumentos metodológicos que irá nos auxiliar a organizar e manter de forma disciplinada, todas as etapas que precisarão ser seguidas na análise da pesquisa, das quais de acordo com análise de conteúdo de Bardin, se darão em três polos cronológicos.

1) Pré-análise, uma fase reconhecida como a fase de organização, que se ordena em três missões, a escolha dos documentos que serão utilizados na análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e elaboração de indicadores que irão fundamentar a interpretação final, bem como, é ainda nesta fase que, se dará a leitura flutuante, que consiste em um primeiro contato com os documentos que serão utilizados durante a análise.

2) Exploração do material, que se trata da fase de codificação, onde será determinado o que o pesquisador irá analisar (unidade de registro) e separar o que será analisado para entender o contexto (unidade de contexto).

3) Tratamento do resultado obtido e interpretação, onde irá ocorrer a síntese do agrupamento de tudo o que foi analisado durante o processo de pesquisa, ou seja, esta é a fase em que os resultados serão tratados (BARDIN, 2016, p 63-67).

Esta análise contribui para a esquematização e interpretação dos dados, bem como, auxilia os leitores em sua compreensão, diante dos principais objetivos que esta pesquisa pretende alcançar.

Menin (2017) destaca que

A técnica de análise de conteúdo é utilizada para descrever e interpretar os dados coletados durante a pesquisa, seja por meio de documentos, textos, entrevistas, entre outros. Essa conduz a descrição e sistematização qualitativa e quantitativa, o que auxilia o pesquisador na interpretação dos dados obtidos, para compreender o amplo significado das mensagens para além da simples leitura realizada de maneira comum (p.85).

Isso porque, esta técnica de análise, proporciona um trabalho muito mais aprofundado, compreendendo assim a sexualidade diante de diferentes visões de mundo, possibilitando a construção de um conhecimento seguro, com bases teóricas adequadas.

### **I.III. As produções acadêmicas científicas das universidades estaduais do Paraná**

Aqui apresentamos o resultado da pesquisa bibliográfica que realizamos nas Universidades Estaduais do Paraná, realizando um recorte de cada pesquisa.

Serão expostas três (3) pesquisas que selecionamos de acordo com a categoria de análise que definimos inicialmente, pesquisas estas, proveniente da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* Francisco Beltrão/PR. Os quadros apresentam os dados e conteúdos básicos dessas pesquisas.

Lembrando que nossa categoria de análise para essa busca foi – sexualidade, adolescência, professores e escola, uma vez que as pesquisas deveriam ter no mínimo duas palavras-chaves da categoria de análise delimitada.

**QUADRO 01:** Dissertação de mestrado – Sexualidade, adolescência e educação sexual a partir dos quereres e poderes da internet (2017).

<b>PALAVRAS – CHAVES ENCONTRADAS:</b> Adolescência e Professores.			
<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>UNIVERSIDADE</b>	<b>ANO</b>

SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DOS QUERERES E PODERES DA INTERNET	FRANCIÉLE TRICHEZ MENIN	UNIOESTE	2017
---	----------------------------	----------	------

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

A partir das palavras-chaves **adolescência e professores**, encontramos a pesquisa *Sexualidade, adolescência e educação sexual a partir dos quereres e poderes da internet*. Nesta pesquisa a autora traz reflexões sobre a sexualidade, adolescência e educação sexual na escola, com o objetivo de compreender a influência do uso da internet, no espaço escolar, especificamente, quando se trata de sexualidade.

Assim, destacou como “problema central da pesquisa: em que medida a internet pode viabilizar a Educação Emancipatória de adolescentes do Ensino médio, em colégios estaduais públicos do município de Francisco Beltrão – PR?” (MENIN, 2017, p.22).

De acordo com a autora, a internet pode ser usada como uma ferramenta pedagógica excepcional no meio escolar, pelas grandes possibilidades que ela oferece, mas ao mesmo tempo, também pode interferir no processo educacional, dependendo da forma que é utilizada pelos educandos.

Visto que, existem vantagens e desvantagens, quando se fala do uso da internet no meio educacional, isso porque, a forma como cada aluno busca e recebe informações são distintas; mas o fato é que, quando utilizada de forma correta, a internet tende a se tornar uma ferramenta muito eficaz no processo de ensino aprendizagem, potencializando a qualidade do ensino, tornando o processo de desenvolvimento do indivíduo muito mais dinâmico e interativo.

No entanto, a internet pode servir como um apoio para o ambiente educacional, que favorece o conhecimento em informações, praticidade, comunicação, oportunidades e, entretenimento que por vezes, tende a deixar os professores preocupados quanto a distrações no processo educativo e o uso de páginas inadequadas na busca de informações, principalmente, quando se trata de sexualidade. Isso porque, “a abrangência da internet e de suas informações sobre sexualidade, vem se fazendo cada vez mais presente na vida dos adolescentes, os quais carecem de orientação para o bom uso desta ferramenta” (MENIN, 2017, p.150).

Ou seja, muitos conhecimentos ofertados para os educandos, via internet, são adquiridos sem qualquer tipo de orientação, o que pode ser prejudicial para uma educação eficaz. Pois de acordo com a autora, a internet está presente no espaço escolar seja de forma permitida ou não (MENIN, 2017).

Mas consideramos que o uso da internet de forma não permitida no ambiente escolar, através de relatos e acesso de páginas, deve ser utilizado pelos professores a seu favor, no ambiente da sala de aula, pois este é, o momento em que o poderá expressar um olhar crítico, em relação às informações referente à sexualidade, que chegam distorcidas para alunos.

A autora em sua pesquisa, propõe que os professores façam uso da internet, mas ao seu favor e com cuidado quando se trata de sexualidade, por ser um tema amplo e complexo e que exige uma boa formação para a construção de conhecimento.

Visto que, como Menin (2017) enfatiza

Educar sexualmente os adolescentes não é dar liberdade total, mas dar-lhes limites, ato imprescindível para a formação de adolescentes críticos e reflexivos socialmente, afinal vivemos em sociedade e precisamos seguir regras. A Educação Sexual Emancipatória pode libertar os indivíduos do desconhecimento, dos riscos, proporcionando melhores relacionamentos entre professores e adolescentes. Assim, a internet pode ser usada como ferramenta para esta educação, facilitando a comunicação, a pesquisa e a construção de conhecimentos (p.153).

Assim, a autora defende que, a formação dos professores é capaz de auxiliar os alunos, no uso da internet, como ferramenta pedagógica que, traz possibilidades diante de conhecimentos que nós seres humanos somos capazes de aprender.

**QUADRO 02:** Dissertação de mestrado – Sexualidade e agressividade do adolescente no espaço escolar: contribuições psicanalíticas (2017).

<b>PALAVRAS – CHAVES ENCONTRADAS:</b> Sexualidade e Adolescência.			
<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>UNIVERSIDADE</b>	<b>ANO</b>
SEXUALIDADE E AGRESSIVIDADE DO ADOLESCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS	GISELE ARENDT PIMENTEL	UNIOESTE	2017

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

Quanto as palavras-chaves **sexualidade e adolescência**, encontramos a dissertação *Sexualidade e agressividade do adolescente no espaço escolar: contribuições psicanalíticas*. Nesta pesquisa o foco foi a investigação do vínculo entre agressividade e sexualidade em adolescentes no contexto escolar (PIMENTEL, 2017, p.16). Isso porque, como citado pela autora, a agressividade e a sexualidade são características ontológicas do ser humano ou seja; é algo intrínseco, que constitui o ser em sua essência. E assim, como a sexualidade, a agressividade também ocupa um lugar de destaque na educação dos estudantes que, por vezes, possuem dificuldades em lidar com ambos os assuntos. Assim, esta pesquisa, traz alguns apontamentos sobre a relação da agressividade com a sexualidade, e também, a forma como a sexualidade é trabalhada no contexto escolar.

Visto que, muitas vezes a agressividade é vista pela escola com muita similaridade à violência, tendendo esta instituição a combater sua manifestação, sem levar em consideração que a agressividade, faz parte do sujeito como um todo, pois como conforme Pimentel (2017, p 18) “A agressividade está associada à constituição da personalidade, como um fenômeno que faz parte do cotidiano das pessoas, sendo suas manifestações, muitas vezes, visíveis e, outras vezes, não”.

Diante disso, consideramos que a agressividade é natural e saudável. Ao mesmo tempo, é vinculada a comportamentos de violência, de maneira destrutiva, quando afetados por emoções que lhe causam comportamentos agressivos. Por isso, a escola por sua vez, tende a não acolher esta temática em seu ambiente.

Assim, como a sexualidade que pelo preconceito em trabalhar sobre a temática no contexto escolar, deixa a desejar na formação dos educandos que, muitas vezes recorrem à escola para a compreensão da sexualidade somente em última instância. E como a autora, dirige suas palavras, “se a escola não tratar a sexualidade ou trabalhar apenas o seu aspecto biológico, está reforçando para os adolescentes que o assunto é mesmo um tabu, do qual não se pode falar” (PIMENTEL, 2017, p.16). A autora ressalta o vínculo entre agressividade e sexualidade, de acordo com a psicanálise, que trata dos assuntos por meio da pulsão de vida e de morte, citando que, a agressividade é pulsão direcionada para vida, enquanto a sexualidade é direcionada para o prazer de estar vivo.

Corroborando que

[...] a sexualidade e agressividade, vida e morte, são forças que nos constituem enquanto humanos e se apresentam, desde os conflitos mais insignificantes, até os confrontos macros como as guerras. Estas forças contraditórias estão presentes em tudo que o ser humano faz, pensa e sente. (PIMENTEL, 2017, p. 49).

Então, argumenta que, essas temáticas sejam trabalhadas no espaço escolar, defendendo os direitos humanos, bem como uma educação emancipatória que, dê liberdade aos educandos, em explanar sobre esses assuntos no espaço da escola, bem como contribua de maneira efetiva na educação dos alunos.

**QUADRO 03:** Dissertação de mestrado – Diversidade sexual no espaço escolar: concepções, percepções e práticas de adolescentes em escola pública urbana do sudoeste do Paraná (2017).

<b>PALAVRAS – CHAVES ENCONTRADAS:</b> Sexualidade e Adolescência.			
<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>UNIVERSIDADE</b>	<b>ANO</b>
DIVERSIDADE SEXUAL NO ESPAÇO ESCOLAR: CONCEPÇÕES, PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DE	ROSANGELA DA ROZA	UNIOESTE	2017

ADOLESCENTES EM ESCOLA PÚBLICA URBANA DO SUDOESTE DO PARANÁ			
--	--	--	--

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

Em relação a esta dissertação que se *denomina Diversidade sexual no espaço escolar: concepções, percepções e práticas de adolescentes em escola pública urbana do Sudoeste do Paraná*, foram encontradas as palavras-chaves **sexualidade e adolescência**.

Nesta pesquisa a autora buscou investigar a relação entre diversidade sexual e o espaço escolar, com vistas a compreender o conceito de sexualidade e de diversidade sexual. Uma vez que a sexualidade e a diversidade sexual não são bem compreendidas pelos professores, pela falta de conhecimento e formação que estes possuem (DA ROZA, 2017).

Visto que, como assegura Da Roza (2017)

Sabemos que é desafiador lidar com a diversidade sexual no espaço escolar, afinal fomos educados/as para rejeitar e discriminar as pessoas que rompem com o padrão cisheteronormativo. No entanto, não podemos admitir que a formação familiar ou religiosa, bem como a falta de formação inicial ou continuada em sexualidade sirvam de subterfúgio para que professores/as reproduzam ou sejam coniventes com manifestações de preconceito, discriminação e violência contra a população LGBT no espaço escolar. A dignidade é um direito humano e fundamental que deve ser assegurado, sem exceções, a todas as pessoas (p.239).

Exatamente porque, a sexualidade é parte integrante do ser humano, é diversa e mutável, onde estivermos ela também estará, portanto, “é tarefa da escola conhecê-la, respeitá-la e garantir que o direito à educação seja usufruído por todos/as, sem distinção” (DA ROZA, 2017, p. 240).

Defendendo que não podemos mais nos calar, diante de realidades preconceituosas, pois o calar só reforça a realidade injusta e desigual vista em nosso país. Argumentando sobre a importância de lutar “por uma educação mais igualitária que reconheça e respeite a diversidade sexual, bem como que garanta o direito de todos(as) os(as) cidadãos(ãs)” (DA ROZA, 2017, p. 240).

Assim, concluímos com essa pesquisa bibliográfica que, além da sexualidade ser um tema abrangente e cheio de possibilidades de trabalho no espaço escolar é tão importante, quanto outros assuntos discutidos nesse ambiente. É necessário e primordial que, todos os envolvidos na educação de crianças, adolescentes e jovens possuam entendimento do que é sexualidade, para que não disseminem informações equivocadas sobre a sexualidade ser trabalhada no ambiente escolar. O que torna importante um diálogo constante entre alunos, professores e familiares sobre questões voltadas para a sexualidade.

Visto que, esta pesquisa bibliográfica nos fez enxergar a dimensão na qual a sexualidade está envolvida e o quanto pode e deve ocupar um lugar de destaque nos assuntos trabalhados em sala de aula. O

que proporcionou que levantássemos ainda, mais questionamentos sobre a concepção dos professores em discutir a sexualidade em sala de aula, tais como: o que os professores pensam sobre a sexualidade ser trabalhada em sala de aula? Como eles se sentem quando os alunos abordam essas questões? os quais nos auxiliariam ainda mais no desenvolvimento desta pesquisa.

Pois, mesmo que as três pesquisas mencionadas não reflitam de fato o nosso objeto, encontramos nelas ricas discussões sobre os assuntos que estão destacados como a educação, adolescência, sexualidade, diversidade sexual e características da adolescência, trouxe contribuições significativas para nossa pesquisa no que se refere que os(as) professores(as) precisam lidar diariamente com essa temática, em sala de aula.

Desta forma, ressaltamos a importância dessas pesquisas no nosso percurso como pesquisadoras, uma vez que nos serviram de aporte teórico e construção estrutural de toda a nossa jornada.

## II. O UNIVERSO DA SEXUALIDADE

Neste capítulo, discutimos sobre a questão histórica da sexualidade, que refletem na forma como nos comportamentos até os dias atuais em nossa sociedade, com o intuito de compreender por que atualmente a sexualidade ainda é vivenciada como um tabu na sociedade contemporânea. Uma vez que compreendemos a importância de conhecer a trajetória histórica da sexualidade que carrega consigo valores religiosos e sociais.

A seguir apresentamos alguns conceitos de adolescência, detalhando esta fase do desenvolvimento humano que, percorre um período de muitas turbulências, dúvidas e descobertas e no último ponto deste capítulo, apresentamos o papel da escola frente à sexualidade, a partir da análise e resultados dos documentos legais que em nossa pesquisa foram delimitados para a pesquisa documental.

### II.I A construção histórica do conceito de sexualidade

Nunes em seu livro *Desvendando a sexualidade* explana o seguinte trecho:

[...] “falar sobre sexualidade implica retomar alguns recursos metodológicos: a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Não se fala da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes” (1987, p.15).

Traz à tona que a sexualidade, em seus aspectos gerais, foi construída pelas relações sociais, através de normas, valores e regras estabelecidas historicamente e culturalmente; não há como entender a sexualidade sem falar destes aspectos que fazem parte da sua história.

Gagliotto (2014) afirma que é a “apropriação histórica e social da sexualidade humana que possibilita compreendê-la como dialética, construída a partir das contradições políticas e econômicas, antropológicas e sociais (p.50)”. E esta afirmação nos move a descrever aqui as ricas contribuições da história sobre a construção da sexualidade.

Desta maneira, abordaremos alguns dos períodos históricos que estiveram entrelaçados na construção da história da sexualidade, partindo do pressuposto de que a antiguidade contribuiu significativamente e até os dias atuais contribui para a compreensão de sexo e sexualidade (GAGLIOTTO, 2020).

Neste sentido, Gagliotto (2020, p.12) descreve “que as primeiras ideias sobre sexo e sexualidade se formaram na mitologia e até os dias atuais refletem nossos valores e preceitos sexuais – nossas atividades humanas”. Exatamente porque os mitos desempenharam um papel importante na história da humanidade e apesar das modificações advindas do tempo, os mitos ainda estão vivos e fundamentam muitos os comportamentos dos homens (ELIADE, 1972).

Pois como esclarece Gagliotto (2014) “o mito e o tabu de uma sexualidade velada estão presentes nas representações contemporâneas das sociedades ocidentais e igualmente na cultura do povo brasileiro” (p. 25-27). Isso porque a cultura contemporânea reflete significativamente a cultura dos povos ocidentais que vislumbravam a sexualidade cheia de representações, significações e controle.

Deste modo, observa-se que a primeira compreensão da sexualidade se deu de forma mítica, onde esta era considerada como semidivinizada e assim percebida como sagrada e as mulheres de maneira central possuíam uma condição de poder, sendo extremamente veneradas. Justamente pelos homens divinizarem o corpo da mulher, acreditando que algo misterioso e mágico envolvia a fecundação (GAGLIOTTO, 2020).

Assim, por esta condição dada as mulheres, existia o culto à fertilidade que, como Nunes (1987, p.52) situa “A representação simbólica desses cultos manifestava-se pela veneração das partes sexuais femininas, mas especificamente a vagina, representada por um triângulo”. Pois nesta época tudo era muito representado de maneira mística (misteriosa), e o sexo era visto como algo sagrado, religioso (GAGLIOTTO, 2020).

Mas como pautado por Nunes (1987)

A exaltação e a divinização do sexo feminino podem ser explicadas pela falta de relação adequada, na mente do homem primitivo, entre causa e efeito da fecundação, desconhecimento da paternidade e da relação entre ato sexual e a gravidez pela falta de adequada noção de tempo. Entre tantas explicações afirma-se que esse fato seja um dos princípios explicativos da matrilinearidade. [...] uma matrilinearidade [...] baseada no desconhecimento da paternidade [...] (p.52-53).

Ou seja, nesta época, o homem não possuía conhecimento da sua importância como um fenômeno também essencial para a constituição da vida. Mas esta condição matriarcal permaneceu até a revolução agrícola (5.000 anos a. C.), onde o patriarcado começou a tomar forma e as mulheres “foram usurpadas pelos homens que instauraram um poder exercido por meio do modelo da sociedade patriarcal que se mantém, salvaguardadas algumas especificidades, até os nossos dias (GAGLIOTTO, 2020, p. 14)”.

Neste período, o sexo então “perde seu caráter mítico e começa a ser mais “racionalizado”, mais conhecido e controlado (NUNES, 1987, p.54)”. Pois, neste momento, após uma nova forma de organização social, o relacionamento sexual passou a ser atividade exclusiva entre homens e mulheres para que tivessem filhos e estes pudessem ser seus herdeiros. Deste modo Gagliotto (2020, p. 14) ensina que “nessa organização familiar, o sexo tinha como objetivo a reprodução; as mulheres eram submissas e fiéis sexualmente aos seus maridos”.

Mas vale destacar que, de acordo com Nunes (1987) quando realiza uma análise sobre a história da sexualidade que na idade antiga tiveram três sociedades patriarcais que mais tiveram influência na cultura ocidental: *Os Hebreus* – os quais criaram a bíblia para organizar a sociedade e definiram a mulher com um ser inferior diante do homem, dando a este o privilégio de exercer o patriarcado. Exatamente como Nunes (1987) descreve

Os hebreus, cuja fonte histórica de conhecimento é a bíblia, tem um Deus concebido como “homem”, senhor e primeiro patriarca, exigente de fidelidade exclusiva e juiz implacável. A mulher é inferiorizada, impura, não participa do sacerdócio, [...] nem frequenta o centro do templo. [...] A mulher é tida como “propriedade” do homem e encontra-se no mesmo estado dos servos e dos bois e jumentos, que eram animais valiosos. [...] A mulher é tida como “auxiliar do homem” [...] e deve permanecer sob seu domínio e serviço. (p.68).

Podendo assim, ser observável que nesta época a sociedade já era controlada pelos homens. Aqui demarcamos também, a cultura dos *Romanos* – que como a do Hebreus também teve grande influência na cultura do patriarcado; nesta cultura o matrimônio era realizado através de um contrato, em que a mulher tinha um preço, que era denominado como dote e diante desta condição, deixava de ser propriedade do pai, para ser propriedade do marido (GAGLIOTTO, 2020).

Nunes (1987) destaca que nesse período

Tudo se arranjava sem ouvir a moça, era um negócio entre os pais, entre homens. Depois que o homem pagava o “preço da noiva” ela era sua propriedade e ele, o seu dono. O marido devia sustentar a esposa e o fim imediato do casamento era gerar filhos, que eram tidos com bênçãos de Deus e sinais de riqueza e abundância (p.68).

E por último os Gregos – que criam a tradição filosófica, escolar, jurídica e pedagógica. Para esta cultura a reprodução também era a ação mais importante na relação do casamento, isso porque havia a necessidade de muitos homens para participarem das guerras e assim conquistarem cada vez mais territórios. (GAGLIOTTO, 2020)

Desta forma como cita Gagliotto (2020), nesta época

As meninas eram educadas para as tarefas domésticas e preparadas para se casarem logo após as primeiras menstruações e geralmente com homens mais velhos. Os meninos, ao contrário, eram desestimulados ao casamento antes dos vinte e um anos de idade e igualmente desestimulados da prática da masturbação, pois se acreditava produzir fraqueza e perda de forças (p.16).

Assim, o ideal para este período era a mulher manter-se em sua casa e assim fazer todas as vontades de seu marido o senhor da casa. E os homens preparar-se para as guerras. Uma vez que, um dos aspectos da educação do homem grego, estava voltado para o fortalecimento do corpo, na escola de ginástica, por meio da dança e de lutas que se caracterizavam como rituais religiosos e ou preparatórias para as guerras (GAGLIOTTO, 2020).

Visto então, que a constituição da sexualidade possui suas raízes desde a antiguidade, continuamente por questões biológicas e sócio-históricas, partimos para a idade média que também possui grande valorização neste caminho, pelo cristianismo passar a ser a religião oficial do império no século IV e engrenar, ainda mais, com a desvalorização da mulher, a repressão sexual, bem como o controle e a culpa que incessantes, se fazem presentes neste período.

Dado que, a idade média construiu uma visão extremamente negativa da sexualidade, “a qual foi disseminada por Santo Agostinho um dos teóricos deste período (354-430 séc. IV) que pregava esta visão negativa e a vinculava como perigo, como uma ameaça para o corpo e a alma” (GAGLIOTTO, 2020, p. 18).

Nunes (1987) retrata que

Para Santo Agostinho, que carrega em sua doutrina um forte acento maniqueísta, e cuja obra resume toda a moral sexual dos Santos Padres, a sexualidade é uma qualidade má, fruto do “pecado” do homem, o casamento tem o fim único de procriação e todo ato sexual é pecaminoso fora desse propósito (p.83).

Ou seja, para ele o único meio para justificar a sexualidade, seria através da procriação, condenando toda relação que perpassa este percurso.

Pois, no cristianismo, se faz uma grande interdição da sexualidade, pela imposição da monogamia e atribuição de que a sexualidade teria somente uma função a de reprodução, desconsiderando completamente o prazer sexual, que era interpretado como mal, devendo assim o evitar (FOUCAULT, 2004).

Visto que a sexualidade era intimamente relacionada ao pecado e por consequência à castidade perpétua. Mas devemos considerar o real papel do cristianismo citado por Foucault (2004)

[...] Não, portanto, interdição e recusa, mas colocação em ação de um mecanismo de poder e de controle, que era ao mesmo tempo um mecanismo de saber, de saber dos indivíduos, de saber sobre os indivíduos, mas também de saber dos indivíduos sobre ele próprios e em relação a eles próprios. Tudo isso constitui a marca específica do cristianismo, e creio que é nessa medida que se pode fazer uma história da sexualidade [...] (p.72).

Assim, o cristianismo traz com ele mecanismos de poder, poder este que Foucault denomina como poder pastoral, onde o principal objetivo era controlar a sociedade, pois como bem expressado por ele, um pastor precisa saber por onde anda suas ovelhas (FOUCAULT, 2004).

Diante disso, a igreja com sua conduta de poder, interessada em combater a sexualidade desde seus primórdios, estabelecia limites para impedir que as pessoas vivessem a sua sexualidade, pois de acordo com a doutrina cristã os planos de Deus é somente fazer uso da sexualidade para o desenvolvimento de novas vidas (procriação) e não para algo que fugisse deste objetivo.

Pois de acordo com a exposição de Nunes (1987, p.55) na civilização cristã “o corpo é o lugar da maldade demoníaca, “cárcere da alma”. Dominar o corpo e reprimir o sexo constitui ideal de vida cristã. [...] Nesta mentalidade cristã o sexo está preso a ideia de pecado, de “sujeira”, de maldade”.

Desta forma, para controlar seus fiéis, a igreja inseriu a prática da confissão como forma de descobrir o que os fiéis de sua doutrina escondiam sobre suas vidas pessoais, especificamente sobre suas sexualidades. Visto que citado por Gagliotto (2009)

[...] a confissão era uma estratégia do poder clerical para controlar a sexualidade, procurando reduzir cada vez mais o seu sentido e direcionando-a exclusivamente para a procriação. [...] Assim, a confissão constitui um ritual que produz a verdade dentro de uma relação de poder, procurando reduzir, afunilar e aprisionar toda e qualquer situação de prazer (p. 49-50).

Fazendo com que todo e qualquer ato que desviasse a procriação, fosse visto como crime, pecado e relação negativa, que como citado por Foucault (1926-1984) “traz traços de rejeição, exclusão, recusa, barragem ou, ainda, ocultação e mascaramento” (p.91). Isso porque, o discurso de poder da igreja, enuncia uma instância de regra, instaurando temor aos seus fiéis para que conseguissem manter o controle dos atos dos que seguiam a doutrina.

E na tentativa de buscar a salvação, o cristão que seguia a doutrina de forma rigorosa, buscava seguir o ritual imposto da igreja e requeria a confissão para livrar-se de suas falhas. Isso porque como Foucault (2004) descreve

[...] a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito enunciado; é, também um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e pelas resistências que teve que suprir para poder manifestar-se; enfim um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação (p.69).

Entretanto, podemos considerar que, por muito tempo, a confissão permaneceu e ainda permanece como um rito da igreja no mundo contemporâneo, mas devemos ressaltar que, mesmo na tentativa de manter o controle na atual sociedade, a igreja não consegue manter o controle em sua totalidade. Pois como relata Nunes (1987)

[...] na idade média, podemos dizer que não havia ainda um controle total da sexualidade. Entre as classes populares proliferavam as relações primárias, comunitárias. As casas não tinham quartos separados entre homens e mulheres. A linguagem da sexualidade era rica e picante, músicas, piadas, formas de expressão. Todo o esforço da igreja não fora capaz de enquadrar o materialismo das camadas populares. Sexo com animais, sexo entre clérigos, tudo isso era proibido e praticado (p.87).

Isto é, mesmo com tantas imposições da igreja frente as questões da sexualidade, muitos atos considerados interditos ainda eram praticados.

Iniciamos então, a modernidade que conforme ressalta Gagliotto (2020, p.22) “caracteriza como um período de profundas mudanças no campo social, político, cultural e econômico, produzidas por uma nova concepção de homem e natureza que resultam igualmente em uma nova compreensão de mundo e de sociedade”. Neste período, o rigor sobre a sexualidade passa a ser muito maior que na idade média, pois aqui toda a energia precisava ser inibida, para ser despendida na produção do trabalho.

Menin (2017) salienta que

Neste período, as questões referentes à sexualidade começam a ser ligadas ao Capitalismo e à sua lógica de produção, e, para tanto, era necessário inibir o prazer sexual para que toda

energia produzida no corpo fosse deslocada ao trabalho alienado, gerando um acúmulo de capital (p.28).

Deste modo, um conjunto de regras é estabelecida na sociedade, mas agora também, por outras vertentes além da igreja, os quais são a família, a escola, o poder público, que por vezes possuem visões distintas sobre a sexualidade, mas que possuem também valores arraigados sobre a sexualidade.

Visto que a modernidade de acordo com Gagliotto (2020)

Produziu uma nova síntese da sexualidade, tendo como concepção predominante a perspectiva médico-higienista que se preocupou sobretudo com a descrição e constituição anatômica e fisiológica dos órgãos sexuais, suas funções procriativas e doenças sexualmente transmissíveis (p.24).

Isto é, a constituição fisiológica do corpo era tão importante que eram realizados investimentos para a preparação deste corpo para o trabalho, em razão de que o ideal educativo característico da modernidade foi legitimado pelo discurso da saúde e da preparação do corpo para o trabalho (GAGLIOTTO, 2020).

Em virtude desse cenário a educação sexual então, passou a ser inserida no contexto escolar (meados do século XVIII) que como Silva (2001) retrata, a proposta é que a escola agregue com seus saberes científicos este objeto tão importante para o conhecimento do homem, que é a educação sexual.

Inicia-se então, o período da pós-modernidade (1939-1945) que deixa de focar no corpo produtor para focar no corpo consumidor, ou seja, um novo modelo de relação com a sexualidade começa a se propagar e esta passa a ser vista como mercadoria, uma vez que o corpo virou “o mais belo objeto de consumo” (MAROUN E VIEIRA, 2008, p. 181).

E, somente na contemporaneidade, é que a sexualidade volta a ser objeto das ciências humanas, retornando com a dimensão humanista, a partir de alguns autores como Engels, Freud, Figueiró, Nunes, Silva, Gagliotto, dentre tantos outros que refletem sobre a história da sexualidade e a partir da dialética existente nesse contexto.

Por isso, a grande importância de compreender a história que, em suma, constitui o homem e o faz ser quem se apresenta em sua realidade, pois a análise de toda a evolução histórica que acontece, de maneira dialética, nos faz perceber as grandes transformações deste processo e assim compreender a realidade vivenciada.

Concebendo de forma cada vez mais clara, os porquês das intensas discussões sobre a sexualidade, principalmente quando se refere a ela no espaço da escola e porque os livros didáticos e outros documentos que norteiam o currículo escolar por vezes refletem somente visões biologistas, bem como a concepções de muitos professores que por diversos momentos percorrem o mesmo caminho no discurso da aprendizagem.

## II.II Adolescência e suas manifestações

E para aqui discutir, consideramos que a adolescência é um dos períodos mais importantes para o desenvolvimento do ser humano, marcado pelo grande desenvolvimento do corpo. Pois é neste período evolutivo que muitas transformações começam a ocorrer.

Adolescência como citado por César (1998) refere-se à fase pela qual o sujeito percorre, uma vez que em seu duplo significado, um refere-se ao processo de crescimento do sujeito e outro ao processo de adoecer, exatamente pelas grandes turbulências que ocorrem nesse período.

Gutierra (2003) revela que

O tempo da adolescência surge como fruto da modernidade, dos movimentos históricos e sociais, forçando, por sua vez, alterações e transformações significativas na subjetividade. Trata-se de uma operação psíquica efetuada no interior de cada subjetividade, em equivalência aos processos simbólicos de “adultificação” presentes nas sociedades tradicionais (p.29).

Assim, consideramos que nesta idade, junto com as transformações começam as preocupações, curiosidades, dúvidas, questionamentos e um preparo especial para a vida adulta, pois esta é a transição mais próxima do ser adulto.

Le Breton (2017, p. 22) destaca que “a adolescência é para nossas sociedades um período mais ou menos longo entre infância e maturação social, um período de formação escolar e profissional”. Visto que, neste momento, não ocorrem apenas transformações corporais, mas também psicológicas e sociais na vida do sujeito, pelas mudanças nos papéis sociais, entrada no mundo do trabalho para alguns adolescentes e relacionamentos mais intensificados.

Menin (2017) destaca que

As mudanças na Adolescência envolvem sentimentos, comportamentos, gostos, atitudes e valores morais, sociais e religiosos que permeiam sua vida. O indivíduo é constituído por experiências vividas, as quais lhe forma um ser único, com suas especificidades [...] (p. 38).

Entretanto, “a adolescência apresenta muitas mudanças que refletem em seus comportamentos e o(a) deixam confusos(as), diante de tantas modificações, exatamente porque, corroborando com Menin” (2017, p. 39) “o adolescente visualiza que está perdendo o corpo e o jeito de ser criança”.

Visto que a “adolescência” constituiu-se como a fase cronológica do desenvolvimento humano durante a qual o “processo de maturação” iria se iniciar e se concluir (CÉSAR, 1998, p. 23).

Dado que, de acordo com o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (2021) adolescentes são os sujeitos que possuem entre doze e dezoito anos de idade. Assim Le Breton esclarece “que [...] nas nossas sociedades a adolescência se constitui como faixa etária e forma uma geração (2017, p. 64)”.

Corroborando com este mesmo autor ele nos explica que

Nas nossas sociedades, a adolescência é o tempo necessário á domesticação de um corpo que muda, um pensamento renovado sobre o mundo, uma abertura ao outro, uma aprendizagem aos dados essenciais pelo fato de ser homem ou uma mulher, uma crescente autonomia de movimento, uma descoberta da sexualidade. Esse período vai das transformações da puberdade à entrada na vida, ele traduz uma lenta transformação do sentimento de identidade através das experimentações do jovem. [...] Ele não é bem uma criança, nem ainda um homem ou uma mulher para se interrogar sobre isso. A adolescência é um tempo progressivo do amadurecimento, da construção dos alicerces de um sentimento de identidade mais elaborado. [...] É um tempo pleno da existência [...] (LE BRETON, 2017, p.87).

Diante disso, reconhecemos que a adolescência é um renascimento para um mundo diferente daquilo que o adolescente estava habituado. Pois a adolescência é a fase em que a necessidade de mudar é constantemente imposta e o processo propõe voltar-se para si e apropriar-se de si. Compreendemos que, esse processo é difícil e que pode acabar gerando grandes frustrações e decepções ao sujeito, principalmente, no ato de assumir responsabilidades, que antes eram assumidas pelos pais.

Pois como muito bem apontado por Knobel & Aberastury (1981)

Entrar no mundo dos adultos – desejado e temido – significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança. É o momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento (p.13).

Nesta concepção, uma longa fase de maturidade se estende e os adolescentes começam a perceber suas diferenças, sobretudo sexuais, pelas mudanças que ocorrem em seus corpos, pois como apresentam Knobel & Aberastury (1981) este é o momento em que ocorrem mudanças físicas em três níveis

[...] um primeiro nível, onde a ativação dos hormônios gonadotróficos da hipófise anterior produz o estímulo fisiológico necessário para a modificação sexual que ocorre neste período da vida. No segundo nível temos as consequências imediatas da secreção da gonadotrofina hipofisária e do prosseguimento da secreção do hormônio de crescimento da mesma hipófise: a produção de óvulos e espermatozoides maduros e também o aumento da secreção de hormônios adrenocorticais como resultado da estimulação do hormônio adrenocorticotrófico. No terceiro nível se encontra o desenvolvimento das características sexuais primárias (com o aumento do pênis, dos testículos, ou do útero e da vagina) e o desenvolvimento das características sexuais secundárias (como o amadurecimento dos seios, as modificações fisiológicas em geral e das mudanças de voz), aos quais devemos acrescentar as modificações fisiológicas em geral e das mudanças de tamanho, peso e proporção do corpo que acontecem neste período vital (p.31).

No entanto, no terceiro nível é o momento em que ocorrem as mudanças mais visíveis externamente e também momento, em que o contato genital acaba ocorrendo com fim exploratório, isso porque o adolescente precisa conhecer a si mesmo. Assim, conforme salientam Knobel & Aberastury (1981) quando

o adolescente vai aceitando a si mesmo, a sua genitalidade, vai buscando também contato com o outro, que agora lhe chama a atenção, iniciando suas experiências sexuais.

O que vem de acordo com o que Farias, Nantes e Aguiar (2015) destacam que, este é o momento em que “[...] o adolescente começa a aprender a amar outras pessoas, e esse amor não é apenas de forma pessoal ou de maneira egoísta. Na adolescência aparecem as primeiras manifestações de atração sexual a outras pessoas [...]” (p.11).

Deste modo, ocorre o despertar da sexualidade, as primeiras atrações sexuais, o(a) primeiro(a) namorado(a). “E o que antes era dirigido para a mãe, ou o pai, agora passa a ser parcialmente dirigido a outras pessoas, e o adolescente também tem de ser objeto de amor de outra pessoa” (NUNES E SILVA, 2001, p. 82).

Pois como esclarece Freud (1901-1905) o instinto sexual, “[...] encontra agora um objeto sexual (p.121)”. Diante disso, este é o período em que se considera importantíssimo falar sobre a sexualidade, bem como compreender o adolescente, que em meio a tantas transformações, muitas vezes se vê perdido sem saber o que fazer.

Ribeiro (1992) inclusive nos traz algumas indagações importantes

O que fazer? O que dizer a esses jovens que estão em conflito? O que precisaríamos é de um espaço, onde esses jovens pudessem se colocar discutindo e refletindo sobre a própria vida, que vai muito mais além de uma preferência por esses ou aquele sexo. Nesse momento, uma pessoa que o escute sem impor os seus próprios valores de “certo” e “errado”, pode auxiliá-lo, e muito (p.49).

Para tanto, apesar da sociedade compreender que a sexualidade é um aspecto importante da condição humana, por vezes é deixada para trás por persistir como um tabu.

Mas como cita Brilhante e Catrib (2011)

A sociedade moderna está ciente da importância de abordar as questões da sexualidade, principalmente na adolescência. Nesse período, ocorre uma grande quantidade de mudanças físicas e psicológicas. Nesse sentido, o adolescente necessita receber informações acerca da anatomia, fisiologia, contracepção e prevenção de doenças (p.02).

Assim, consideramos que este é o momento em que devemos ajudar os adolescentes para que se formem cidadãos autônomos e responsáveis, diante da sua vida e da vida de outras pessoas que passam e revivem situações distintas a todo momento, quando se remete a sexualidade, seja ela por sua escolha sexual ou pela maneira que se comporta diante da diversidade, pois como Maia (2014) nos ensina

A adolescência, fase que começa na puberdade e termina quando se assumem papéis de adultos, é um período muito importante para a sexualidade, pois é quando descobrimos e vivenciamos nossas escolhas amorosas e sexuais e nos reconhecemos como sujeitos sexuados no mundo. Nessa fase, reconhecemos nossa identidade pessoal, assumindo

nossos desejos e forma de sentir e amar. Enfim, nos preparamos para a vida adulta no que diz respeito à independência emocional e afetiva. A partir dos contextos supracitados nos apropriamos de muitas das regras sociais que regem a questão da sexualidade (p.03).

No entanto, é neste período em que, identificações, significações e desejos, ganham novo sentido e o adolescente precisa vivenciar novos aprendizados, para lidar com seu novo corpo e as suas novas formas de vivenciar a sexualidade.

E por mais que, os adolescentes tenham acesso a assuntos relacionados à sexualidade, por outros meios, como a internet, televisão, entre outros; é necessário que este tenha uma orientação mais plausível sobre o assunto, para que consigam lidar com questões mais complexas da sexualidade. Exatamente porque a sexualidade é um processo de amadurecimento que, vai sendo melhorado no decorrer do desenvolvimento do ser humano.

Como Ribeiro (1992) afirma, é na adolescência que surgem as primeiras relações sexuais. E é neste momento em que o adolescente precisa de alguém que o escute e esclareça sobre questões que lhe deixam preocupados/as, sem qualquer tipo de julgamento, precisam de alguém que o auxiliem. Pois aqui, se faz um processo de busca por uma identidade que é determinante para a vida adulta.

E neste momento, os pais podem enfrentar certa dificuldade em falar sobre questões relacionadas a sexualidade. Isto se dá, pela própria história da sexualidade, pelos seus valores enraizados e pela própria cultura que por muitas vezes expressa julgamentos sobre questões voltadas para a temática.

Pois sabemos que, nem sempre a família é porta de entrada para alguns caminhos, inclusive, sobre questões voltadas para a sexualidade que, pela pesquisa realizada em 2016 pela UOL, mesmo que o diálogo entre pais e filhos sobre sexualidade seja recomendável, apenas 25% deles falam sobre temas sexuais com seus filhos, os quais foram alegados pelos próprios jovens que não falam sobre o assunto pela falta de interesse e vergonha dos pais, como também pelas restrições culturais (UOL, 2016).

Bem como, podemos observar, em outra pesquisa, realizada pela DataFolha em 1994, mesmo que não tão recente, reflete resultados similares à pesquisa da UOL (2016), em que observamos que 48% dos pais com filhos em idade escolar nunca ou raramente conversaram sobre sexo. Segundo seus filhos, pois os pais justificaram preferir "livrar-se" desta tarefa, que consideram "constrangedora". (1994, caderno 6, p.3; apud Banzato e Grant; 2000).

Entretanto, podemos analisar aqui, que tivemos, no decorrer dos tempos, uma baixa ao invés de um aumento de pais que falam sobre a sexualidade. Pois se em 1994 existiam 48% dos pais que nunca ou raramente falavam sobre sexualidade, significa que 52% mentiam um diálogo sobre o assunto com os seus filhos. Já, em 2016 observamos que apenas 25% dos pais falam sobre sexualidade com os seus filhos, o que nos remete a dizer que 75%, não falam sobre este assunto, no ambiente familiar.

Nessa concepção, compreende-se ainda mais, a necessidade da temática ser trabalhada no contexto da escola, visto que de acordo com Santos, Silva e Tavares (2018)

É nesse momento que a escola apresenta um papel relevante no esclarecimento de dúvidas e pode auxiliar na busca de orientação e conhecimento. A execução de um trabalho em educação sexual dentro da escola torna-se, portanto, estimulador e promotor de saúde dos adolescentes no sentido do desenvolvimento responsável de sua sexualidade, ajudando-os a discernir atitudes e conceitos (p.02).

Isso porque, mesmo que os adolescentes já possuam uma base de informações, mais ligados a sexo do que de fato à sexualidade, em sua complexidade, advindas do contexto social que estão inseridos, é necessário que a escola abra espaços para discussões sobre a sexualidade, com o objetivo de que os alunos possam refletir, tirar suas dúvidas e expressar-se sobre o assunto. “É muito bom que os alunos possam falar com liberdade na sala de aula e oportunizar que o assunto seja conversado, como qualquer outro” (Figueiró, 2009, p.82).

Pois, é necessário educar os alunos a serem cada vez mais responsáveis pelas suas escolhas, pois como referencia Figueiró (2009) o papel do professor, bem como da escola é educar os alunos com responsabilidade e liberdade; ou seja que se tornem capazes de se responsabilizar pelas suas escolhas e possuam a capacidade de se expressar de acordo com seus desejos.

Adolescentes e jovens são pessoas livres e autônomas, que têm direito a receber educação sexual e reprodutiva e a ter acesso às ações e serviços de saúde que os auxiliem a lidar com a sexualidade de forma positiva e responsável e os incentive a adotar comportamentos de prevenção e de cuidado pessoal (BRASIL, 2013, p. 64).

Assim sendo, ter acesso a essa educação, tende a promover comportamentos saudáveis nos indivíduos e não o contrário, pois conhecer a si mesmo e suas limitações, faz parte de uma sexualidade saudável. Podendo diminuir a probabilidade de comportamentos que o comprometam para uma vida toda.

A adolescência como momento de transformação é um período em que o sujeito se questiona e questiona o mundo, bem como vive severas crises de identidade, buscando identificações dentro e fora do lar. Sendo estas, as respostas para a necessidade de uma orientação responsável, como da escola, por exemplo, que busca sempre orientar e desenvolver seus alunos da melhor forma possível.

Visto que, se há crises de identidade e desconhecimentos sobre questões ligadas à sexualidade, há também uma falha de saber que faz o adolescente, através de comportamentos por vezes agressivos, expressar seus sentimentos de angústia e desequilíbrio emocional, pela difícil tarefa de encontrar-se em si mesmo. Isso porque, a adolescência é muito mais do que uma travessia de aparência que se resume em questões biológicas.

Menin (2017) afirma que

É preciso falar sobre sexualidade com o adolescente, deixá-lo esclarecido sobre os momentos de inquietações que vivem na adolescência, bem como de que não precisa fazer o que os outros querem ou cobram, pois cada um tem seu tempo para as descobertas [...] (p.125).

Mas sabemos que muitas vezes os professores, pais, dentre outras pessoas que se envolvem no desenvolvimento do adolescente e que se dispõem a falar sobre a sexualidade, acabam deixando para trás aspectos cruciais deste assunto. Entretanto, este é o momento de passar segurança e confiança para o adolescente lhe proporcionando educação e limites, pois educar o adolescente é lhe proporcionar uma educação consciente, transversal (MENIN, 2017). Fazendo com que se tornem sujeitos ativos diante de sua sexualidade, pois na adolescência, muitos aspectos contribuem para a expressão da sexualidade.

Pois como colaboram Garritano e Sadala (2010)

A adolescência, por sua própria estrutura, é uma vivência da insuficiência, onde o vazio, a castração e o não sentido tornam-se ameaçadores frente às incertezas, rupturas e lutos que necessita viver. Na busca de um novo saber, deverá abandonar sua posição infantil em direção à posição subjetiva de adulto. Neste espaço entre dois mundos, o adolescente caminha, fatalmente com tropeços, saindo em busca de uma nova verdade (p.61).

Contudo, na tentativa de ultrapassar os muros que emergem deste momento em que o adolescente vai se constituindo enquanto sujeito. É nesta busca por uma nova verdade que, o outro deve lhe oferecer orientações do caminho a se seguir, para adentrar no mundo adulto. Pois o adolescente, como pessoa de direito, deve ter a liberdade de se conhecer e de maneira ampla conhecer a sua sexualidade e as relações que a envolvem.

Pois, sabemos diante dos direitos e deveres que são propostos para a sociedade de maneira geral, quando se trata de sexualidade, que é necessário assegurar, aos adolescentes o conhecimento necessário para que possa iniciar sua vida sexual.

Diante disso, Figueiró (2013) menciona

A educação sexual deve formar pessoas autônomas, tanto moral, quanto intelectual. Ao mesmo tempo que orientamos para que pensem e decidam com seriedade qual o melhor momento para iniciar sua vida sexual, devemos ajudá-los a entender que, muito antes de se preocuparem em fazer sexo, devem investir em aprender a se expressar sexualmente, por meio de atitudes afetivo-eróticas. Isso significa aprender a dar e receber carícias, a dar e receber afeto; aprender a “curtir” a alegria e o prazer nos pequenos atos eróticos, tais como: tocar; pegar na mão; abraçar; beijar; afagar os cabelos; olhos nos olhos etc (p.193).

Entretanto, este é um dos momentos considerados importantes para falar sobre a sexualidade de maneira ampla, com sensibilidade e humanidade, pois partilhar deste conhecimento exige dedicação e muito aprendizado. Mas vale ressaltar aqui, que este assunto não deve terminar na adolescência, pois por sermos seres humanos que vivem em constante desenvolvimento, o processo da educação sexual deve continuar ao longo da vida humana.

### **II.III. O papel da escola frente à sexualidade: recurso aos documentos legais para a educação Brasileira**

*A sexualidade é como um fantasma que ronda as cercanias e os interiores da escola e da sala de aula. Não é o único, sabemos disso. Mas é, sem dúvida, um daqueles que, quanto mais se busca erradicar, mais assombra a cada esquina. E isso, há séculos, ao que indica a história.*

(AQUINO, 1997)

Quando falamos de sexualidade no contexto escolar, vislumbramos traços de conservadorismo e preconceitos, presentes na sociedade, por vezes atrelado ao grau de compreensão sobre o assunto ser trabalhado no contexto da escola, justamente pelas relações políticas que vivenciamos nos últimos anos e pela própria história da sexualidade.

No entanto, não podemos negar a importância de estudar sobre a sexualidade, pois segundo Figueiró (2009)

[...] ela é experimentada ou revelada em expectativas, imaginações, anseios, crenças, posturas, valores, atividades práticas, papéis e convivências. Abrange além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. É uma dimensão do ser humano que abarca gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução (p.41).

Assim, devemos considerar que, falar sobre a sexualidade no contexto escolar é tão importante, quanto falar de qualquer outro assunto, exatamente porque é neste espaço em que os alunos possuem a grande oportunidade de lidar com as diferentes opiniões sobre a temática, socializando conhecimento e promovendo o seu íntegro desenvolvimento, papel que acreditamos compor a responsabilidade da escola diante da sociedade.

E a escola como transmissora de conhecimento, deve tratar como fundamental todos os assuntos trazidos pelos alunos neste contexto, inclusive questões ligadas à sexualidade, que desde 1998 são levantados nos documentos utilizados por esta instituição, como o PCNs, que apesar de não ser um documento obrigatório e, neste momento, não estar mais vigente, evidencia que deve-se “criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania”(NACIONAIS, 1998, p.05).

Desta forma, quando levantamos as questões sobre sexualidade é importante ressaltar, para compreender que desde o início da elaboração dos documentos que viriam para auxiliar no planejamento dos professores em suas respectivas disciplinas.

A proposta [...] é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas, questão ampla e polêmica, marcada pela história, pela cultura e pela evolução social. As crianças e adolescentes trazem noções e emoções sobre sexo, adquiridas em casa, em suas vivências e em suas relações pessoais, além do que recebem pelos meios de comunicação. [...] A escola não substitui nem concorre com a família, mas possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de valores. Em nenhuma situação cabe à escola julgar a educação que cada família oferece a seus filhos. Como um processo de intervenção pedagógica, tem por objetivo transmitir

informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados, sem invadir a intimidade nem direcionar o comportamento dos alunos (NACIONAIS, 1998, p.67).

Diante disso, podemos estabelecer a necessidade e o dever que a escola possui de levar a sexualidade como debate para a sala de aula, visto a importância e relevância “em levar para o âmbito escolar os mais variados temas que envolvem a sexualidade” (FIGUEIRÓ, 2009, p. 43).

Dado que, um dos objetivos da escola, que acreditamos estar atrelado as suas responsabilidades é, dar cada vez mais oportunidades para os alunos, principalmente quanto a sua subjetividade, ou seja, o que pensam e o que sentem sobre determinados assuntos.

E a escola como uma instituição que auxilia no desenvolvimento educacional de crianças, adolescentes e jovens, possui facilitadores, que neste processo, assim como em tantos outros, se fazem essenciais para discutir a temática através de socializações que tendem a dar segurança e apoio para os alunos que acabam não tendo acesso a determinados assuntos como a sexualidade no braço de sua família.

Assim, esperamos que a escola trate de diversos assuntos que estão relacionados com a sexualidade de forma aprofundada e, não somente, questões relacionadas ao campo reprodutivo do ser humano, mas também questões voltadas para as relações sociais, diversidade sexual, identidade de gênero, cuidados com o corpo que por vezes são apresentadas nos documentos que compõe o planejamento da escola de maneira sucinta. Pois como Figueiró (2009) aponta que “a comunidade escolar, tem de tratar desse assunto para não deixar os jovens na dependência de fontes informais, de pessoas que passam por sua vida, de amigos, dos que leram ou assistiram, ou da própria família” (p. 53).

No entanto, é necessário que os professores tragam esses assuntos ao contexto da escola, para que as crianças, adolescentes e jovens não fiquem refém de informações que podem não lhe ajudar de forma integral a lidar com suas escolhas, dúvidas e preconceitos. Pois, ao dizer sobre sexualidade, estamos nos referindo ao processo de interação humana, que nos leva a diálogos que ativam o ser humano a ter e expressar suas opiniões, percebendo a sexualidade de forma positiva, sem medos, tabus e preconceitos.

Compreender e repassar a informação de que a sexualidade é um tema transversal, é o grande desafio dos professores, enquanto sujeitos suposto saber, pois ao adentrar o espaço escolar, normalmente o professor encontra um formato de trabalho que há muito tempo possui o mesmo padrão, necessitando assim, encontrar maneiras neste contexto para aplicar uma nova estratégia de ensino de forma cuidadosa, relevante e de qualidade.

Mas, devemos ressaltar que a escola é um espaço que possui como principal objetivo “o desenvolvimento do indivíduo como um todo deve ajudar os alunos a fazer as suas escolhas e a compreender as relações entre todos os aspectos que integram a sua educação - pessoais, intelectuais, sociais e éticos” (SAMPAIO, 1987, p.19).

Assim, a sexualidade como um aspecto que integra a educação para o desenvolvimento dos indivíduos precisa integrar o currículo escolar, mesmo em meio a tabus e preconceitos que a sociedade vem carregando e transmitindo de gerações para gerações. Pois, como Sampaio (1987) cita, este assunto está

totalmente relacionado com “as ideologias pessoais, valores morais, filiações políticas e convicções religiosas, bem como a concepção que cada um tem do que é sexualidade humana” (SAMPAIO, 1987, p. 20).

Mas como Figueiró expõe (2007)

[...] é direito do aluno ter oportunidades para pensar criticamente sobre todo o conjunto de valores e normas morais que a sociedade cria em torno da sexualidade e, a partir daí, poder formar sua própria opinião e estar devidamente preparado para tomar decisões sobre sua vida sexual, com liberdade e responsabilidade. Isto implica num processo de construção da autonomia moral, em que se possibilita, ao aluno, construir seus próprios valores e ser sujeito de sua sexualidade (p.27).

No entanto, além dos professores necessitarem de estudo e dedicação, é necessário que reconheçam que a sexualidade pode e deve ser tratada no contexto da escola, bem como reconhecer sua própria sexualidade, para que de maneira positiva possam refletir sobre ela e não expressar comportamentos preconceituosos ou até mesmo mal-intencionados, que possam vir a causar ainda mais resistência nos alunos quando sentirem a necessidade de expressar suas dúvidas sobre o assunto. Visto que, como relata Maia (2014, p.12) “a escola nunca será neutra nas questões da sexualidade e o professor querendo ou não precisa assumir sua responsabilidade na formação dos estudantes”. Deste modo, consideramos a escola primordial na desconstrução de mitos e preconceitos, pois acreditamos que através dela muito se aprende e se desenvolve.

Figueiró (2007) “assegura que é função da escola, sempre educar sexualmente, porque ela é responsável pela formação integral do aluno, e isto inclui não apenas sua formação intelectual, mas, também, sua formação moral e afetiva” (p.27). Isso porque, a escola não só transmite conhecimento, como também forma os sujeitos para a vida em sociedade.

Para isso, se faz necessário que os professores, sujeitos primordiais no processo de ensino aprendizagem da escola, sejam beneficiados por programas ou formações disponibilizadas pela própria instituição, que também possui o papel de formar os professores para que possam desenvolver habilidades para lidar com questões sobre a sexualidade no contexto escolar. Pois como afirma Figueiró “todo o processo formativo dos professores, tanto no magistério, quanto nas licenciaturas, não os tem preparado para abordar a questão da sexualidade no espaço da escola (2009, p.141)”.

Figueiró (2009) ainda salienta de forma muito objetiva

Além do despreparo, todos somos frutos de uma sociedade repressora em relação à sexualidade, na qual ainda perduram associações do sexo com ideias de pecado, de feio e de proibido, ou, por outro lado, com ideias de promiscuidade e de imoralidade. [...] Assim sendo, quando se propõe educar sexualmente os alunos, há que se pensar, concomitantemente, em oportunizar aos professores o reeducar-se sexualmente, participando de estudos que os auxiliem a preparar-se para atuar como educadores sexuais (p.141-142).

Pois, como observado nos documentos da escola muitas vezes o sistema educacional trilha caminhos sucintos quando precisa adentrar o assunto da sexualidade e o que era para ser prazeroso, acaba sendo receoso. Assim cabe ao educador que se ocupa dessa questão o grande desafio de encontrar a melhor forma de abranger esta questão no espaço escolar. “Entretanto sabe-se que sem uma base de conhecimentos, por maior boa vontade que tenham os professores, o trabalho acaba por esvaziar-se” (NUNES E SILVA, 2000, p.68).

Gagliotto (2014) em seu livro *A educação sexual na escola e a pedagogia da infância: Matrizes Institucionais, Disposições culturais, Potencialidades e Perspectivas*, destaca que

A complexibilidade da sexualidade exige uma formação teórico-metodológica profunda apoiada em diversas áreas das Ciências Humanas como a filosofia, a história, a sociologia a antropologia, a psicologia, etc e com aporte das Ciências Biológicas também. E essa formação não pode ser adquirida no voluntarismo de um grupo de professores que se reúnem para ler textos e manter contatos breves, mesmo que continuado, sobre questões referentes à sexualidade (p.61).

Exatamente porque, a sexualidade exige muito mais do que troca de informações, exige uma formação em educação sexual dos professores que o capacite a ter condições para discutir sobre o assunto em sala de aula com seus alunos, uma vez que defendemos a educação sexual como um dos temas primordiais a serem trabalhados na formação dos professores que irão atuar não só com adolescentes, mas também com crianças, visto que a vida sexual dos seres humanos não é algo que surge na adolescência, mas sim desde o seu nascimento.

Gostaríamos de salientar que, em hipótese alguma, nossa intenção é depreciar a troca de informações dos professores, pois sabemos que essa também é uma forma de desenvolvê-los para o educar, mas a sexualidade é muito mais profunda do que se imagina, é necessário estudar e se aprofundar em aspectos históricos, culturais, religiosos, psicológicos, biológicos e dentre tantas outras dimensões que cercam a sexualidade e que a troca de informações entre os professores nem de perto dão conta de estudar todos estes aspectos.

E “pensar em uma educação promotora de valores éticos e morais é também pensar um educador/professor com uma formação consistente” (GAGLIOTTO, 2014, p. 65).

Aquino (1997) afirma que

O compromisso da educação é com a formação e não com a informação. Informação consegue-se em qualquer lugar e é de curta duração. Pensar que ensinar é transmitir informações parciais as pessoas fragmentadas, sem a compreensão do todo contextual, é iludir-se, enganar a si mesmo e os outros, deixar envelhecer a capacidade de aprender (p.85)

Portanto, cabe a escola formar os professores e conseqüentemente os alunos, que buscam por conhecimentos precisos, consistentes e científicos em todas as áreas do conhecimento, inclusive sobre a educação sexual, aspecto integrante do ser humano desde o seu nascimento.

Para tanto o papel da escola, quando se trata de sexualidade é ampliar o leque de conhecimento dos alunos, bem como dialogar sobre suas dúvidas, com o objetivo de preparar o aluno para a vida em sociedade. Uma vez que, mesmo a escola tentando cumprir seu papel de trazer essa temática para dentro da sala de aula, acaba tendo alguns limites e normas que são estabelecidos pela sociedade, bem como pela política que rege suas regras.

Assim, cabe ressaltar que, a sexualidade precisa ser vista como uma ferramenta pedagógica no contexto da escola, capaz de transformar e tornar os educandos conscientes de uma sexualidade que se faz presente nele em todos os contextos, possibilitando que suas hesitações sejam esclarecidas e sua sexualidade vivida de forma plena e respeitosa.

Portanto, para compreendermos como a escola recebe e planeja suas ações educativas quando se trata de sexualidade em sala de aula, iremos aqui descrever o que encontramos sobre o assunto na BNCC, bem como nos PCNs, documentos importantíssimos que regem a educação nacional brasileira.

E ainda serão analisados os PPPs de dez colégios estaduais do município de Dois Vizinhos/PR, nos livros didáticos de ciências naturais dos oitavos anos do ensino fundamental da coleção araríba mais, desenvolvido pela editora moderna, em que especificamente aparecem mais questões relacionadas à sexualidade, por muitas vezes, esta disciplina se relaciona por somente ela falar sobre a sexualidade.

Para tal, destacamos aqui os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), como o primeiro documento a ser analisado, documento este que indica muitos objetivos para uma educação compreensiva, participativa e crítica, uma vez que a escola possui papel essencial a desempenhar nesse processo.

Um documento importante e complementar, mas não obrigatório por lei, para a educação básica, constituído em 1998 com o intuito de melhorar ainda mais a qualidade do ensino no país, mas também foi construído como “uma forma de resposta às exigências de organismos internacionais no sentido de sintonizar as políticas curriculares brasileiras com os interesses e estratégias dos órgãos financiadores internacionais” (DE MACEDO NETO, 2009, p.02).

Sendo assim o PCN foi desenvolvido após um longo trabalho de muitos educadores brasileiros que auxiliaram na construção deste documento, sendo analisado e debatido por diversas vezes, para assim apresentar uma versão que de fato fosse servir como apoio para as ações educativas dos professores (NACIONAIS, 1998).

Pois, como destaca De Macedo Neto (2009)

O processo de elaboração dos PCNs passou por um estudo realizado, a pedido do MEC, pela Fundação Carlos Chagas acerca de propostas curriculares de estados e municípios brasileiros. A partir desses estudos formulou-se uma “versão preliminar” e instalou-se um debate nacional, do qual participaram professores universitários, representantes de secretarias estaduais e municipais de educação, além de outros educadores e pesquisadores (p.03).

Para que assim, pudessem ser apresentados os diversos temas que devem ser trabalhados no contexto da sala de aula para uma educação relevante no Brasil. Uma vez que

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania (NACIONAIS, 1998, p.05).

Visto que, este documento nasceu para auxiliar as escolas na construção de seus currículos e conseqüentemente os professores na prática educativa, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos de 1º ao 9º anos, anteriormente tratado como 1º a 8º séries do ensino fundamental e também do ensino médio, possibilitando a eles direitos a conhecimentos indispensáveis para construir-se integralmente.

Deste modo, ao analisarmos as questões da sexualidade abordadas neste documento, descobrimos que a proposta dos PCNs é tratar da sexualidade como fundamental na vida das pessoas, permitindo a liberdade de discutir sobre o assunto no espaço da escola.

Dado que, como enfatizado pelo próprio documento quando traz a questão a orientação sexual em foco que a sexualidade é muito presente na vida humana e que engloba diversos fatores como as questões físicas, papel social tanto do homem, quanto da mulher, discriminações, estereótipos, doenças, gravidez indesejada, abusos, entre outros fatores, os quais sabemos que são questões atuais e que devem ser dialogadas (NACIONAIS, 1998) .

Assim, quando se trata de sexualidade o PCN possui o papel de explicar quais os aspectos que devem ser trabalhados no ambiente escolar, neste documento tratada como orientação sexual e como um tema transversal. Destacando que a sexualidade deve ser trabalhada no contexto da escola, inclusive deve-se debater assuntos sobre preconceitos, valores, crenças, opiniões, mas distanciados das opiniões pessoais dos professores.

Mas vale aqui informar que, a educação sexual não surgiu na escola através dos PCNs, pois de acordo com Lorenzi (2017) no Brasil desde 1920, discussões sobre a educação sexual na escola já haviam sido intensificadas por médicos e educadores que se preocupavam em assegurar uma vida saudável aos sujeitos da sociedade.

E o próprio documento em sua justificativa sobre inserir a temática da sexualidade no currículo escolar salienta

A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio vem se intensificando desde a década de 70, provavelmente em função das mudanças comportamentais dos jovens dos anos 60, dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade. Com diferentes enfoques e ênfases, há registros de discussões e de trabalhos em escolas desde a década de 20. A retomada contemporânea dessa questão deu-se juntamente com os movimentos sociais que se propunham, com a abertura política, repensar o papel da escola e dos conteúdos por ela trabalhados (NACIONAIS, 1998, p. 291).

Deste modo, os PCNs como referencial para os currículos escolares enfatizaram ainda mais a grande importância de trazer esse assunto para o contexto da sala de aula, pois de acordo com Altmann (2001) a sexualidade é disposta no PCN, por ser considerada uma necessidade básica do ser humano, principalmente dos adolescentes que precisam compreender a sua sexualidade, desta forma a educação sexual deve estar em toda área educativa.

Assim, analisamos que os PCNs possuem uma proposta de complementar a educação sexual dada pela família, considerando o repertório que os alunos trazem consigo sobre a sexualidade, mas favorecendo discussões que podem ser significativas para o desenvolvimento do aluno, discutindo não só sobre questões biológicas, mas também apontando a importância de debater sobre crenças, tabus, preconceitos e valores que por vezes estão associados a sexualidade.

Pois como citado no PCN (1998, p. 292) a sexualidade “invade a escola por meio das atitudes dos alunos e a convivência social entre eles”. E a existência deste trabalho no meio escolar não só possibilita questões voltadas para ações preventivas, mas também questões da vida psíquica das pessoas, seus sentimentos, emoções, ações e identificações.

Uma vez que de acordo com o próprio documento

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Além disso, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito (NACIONAIS, 1998, p. 295).

Sendo assim, a proposta do PCN é tratar a sexualidade em todas as suas dimensões, biológica, psíquica, sociocultural e implicações políticas. Deste modo, consideramos que o PCN foi um avanço da sexualidade no meio escolar e que mesmo inicialmente trazendo uma nomenclatura não clara sobre a temática da sexualidade, sendo que esta foi denominada por este documento como “orientação sexual”, este trouxe grandes oportunidades de conhecimento para os alunos.

Conforme a colocação de Santos (2011, p.116) quando descrevemos orientação sexual, ela “[...] imediatamente nos remete ao lugar onde a pessoa coloca o seu desejo sexual, ou seja, como uma pessoa se

sente preferencialmente atraída fisicamente e/ou emocionalmente por outra independente de sua marca biológica”. Considerando que, orientação sexual não é o termo mais adequado para ser utilizado nesse documento.

Mas acreditamos que, o PCN veio para quebrar muitos muros e tabus, clarificando como a sexualidade deveria ser trabalhada em sala de aula levando em consideração todas as suas dimensões, inclusive a bagagem trazida pelos alunos, das suas relações sociais e familiares que fazem parte do processo educativo de cada um deles.

Assim enfatizamos que, o PCN tem a sua importância e relevância no processo de ensino aprendizagem e mesmo não sendo um documento obrigatório por lei, acreditamos que ele deve ser um meio de buscar informações e parâmetros ainda nos dias atuais, pois mesmo sendo um documento construído em 1998, traz discussões significativas sobre algumas abordagens que são extremamente importantes de serem realizadas em sala de aula.

Destacamos aqui também a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (2018), documento este também analisado em nosso processo de pesquisa; documento que foi construído a partir do reconhecimento do artigo 210 da constituição federal de 1988, que foi criada para garantir os direitos e deveres dos cidadãos e políticos da nossa sociedade, o qual descreve a importância de fixar conteúdos mínimos para o ensino fundamental “de maneira a assegurar a formação básica, comum e respeito ao valores culturais e artísticos nacionais e regionais (BRASIL, 1988, p.1424).

Assim, para garantir uma base curricular nacional que garantisse a qualidade do ensino e promovesse a educação integral dos alunos, foi criada a BNCC que possui o intuito de incluir conteúdos comuns a toda a rede de ensino nacional, seja ela pública ou privada, descrevendo o que devem aprender na educação básica (BRASIL, 2018).

Desta forma, salientamos que a BNCC, possui a finalidade de direcionar os atos educativos que ocorrem no contexto nacional das escolas, uma vez que as instituições escolares são submetidas a utilizar este documento como base para seus currículos, para assim formar um sujeito com as competências necessárias para uma vida em sociedade de maneira lógica e temporal, conforme definido em seu próprio documento

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)<sup>1</sup>, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)<sup>2</sup> (BRASIL, 2018, p. 07).

Portanto, a BNCC é referência nacional e obrigatória nas escolas, para que os alunos alcancem as dez competências gerais para seu pleno desenvolvimento das quais são:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2018, p. 09-10).

Afirmando que, a partir destas dez competências gerais, os alunos estarão preparados de maneira crítica para construir uma sociedade justa, democrática, autônoma e determinada, visto que, de acordo com a BNCC este documento se compromete a promover aprendizagens que auxiliem os alunos a encarar os desafios da sociedade contemporânea (BRASIL, 2018).

Contudo, considerando a padronização encontrada na BNCC, acreditamos que esta forma, tende a ter seus pontos positivos e negativos, pois consideramos que, ao mesmo tempo que a BNCC impõe conteúdos que obrigatoriamente devem ser trabalhados em sala e, que de fato são significativos para o desenvolvimento dos alunos, ela também fere a autonomia da escola, que por vezes, fica presa aos conteúdos trazidos por este documento, não conseguindo integrar outros assuntos que são de extrema importância para o desenvolvimento dos alunos.

Uma vez que, não devemos deixar de citar que a BNCC permite adaptações do currículo de acordo com cada realidade encontrada no contexto das escolas “considerando a autonomia dos sistemas e redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos” (BRASIL, 2018, p.16).

Mas, ela permite adaptações como citado em seu próprio documento e não inclusões de novos conteúdos, o que compreendemos como um ponto negativo, visto que, por mais que ela seja uma base comum curricular, ela é obrigatória e impõe o que os professores devem ensinar. Enfatizando, significativamente, em alguns conteúdos e deixando a desejar em outros, como observado na disciplina de ciências da natureza, em que as questões biológicas ganham muito mais corpo neste documento do que outros assuntos como a diversidade, identidade de gênero, orientação sexual, tabus, preconceitos, que aparecem de forma muito rasa.

Pois, ao analisarmos a BNCC e especificamente observarmos o que é posto para trabalhar no ensino de ciências naturais, o qual é nosso objetivo, observamos de primeiro modo, que as CIÊNCIAS DA NATUREZA, possui diversos objetivos no campo educacional, entre eles os seguintes:

7. Conhecer, apreciar e cuidar de si, do seu corpo e bem-estar, compreendendo-se na diversidade humana, fazendo-se respeitar e respeitando o outro, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza e às suas tecnologias.

8. Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza para tomar decisões frente a questões científico-tecnológicas e socioambientais e a respeito da saúde individual e coletiva, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2018, p. 324).

Entretanto, compreendemos que, ao estudar ciências da natureza, assim como outras disciplinas presentes no âmbito curricular da BNCC o objetivo principal é promover desenvolvimento aos estudantes, de modo que possibilite a eles conhecimento sobre o mundo que vivem.

Uma vez que

Ao estudar Ciências, as pessoas aprendem a respeito de si mesmas, da diversidade e dos processos de evolução e manutenção da vida, do mundo material – com os seus recursos naturais, suas transformações e fontes de energia –, do nosso planeta no Sistema Solar e no Universo e da aplicação dos conhecimentos científicos nas várias esferas da vida humana. Essas aprendizagens, entre outras, possibilitam que os alunos compreendam, expliquem e intervenham no mundo em que vivem (BRASIL, 2018, p. 325).

Desta forma, este documento pressupõe que seja trabalhado três unidades temáticas ao longo do ensino fundamental, dos quais são Matéria e Energia, Vida e Evolução, Terra e Universo.

Destacamos a unidade temática de Vida e Evolução, que condiz com o que estamos pesquisando, pois, o objetivo da análise deste documento é compreender como as questões da sexualidade estão descritas na BNCC e esta, por sua vez, aparece nesta unidade temática.

Assim analisamos que esta unidade possui o seguinte propósito

[...] o estudo de questões relacionadas aos seres vivos (incluindo os seres humanos), suas características e necessidades, e a vida como fenômeno natural e social, os elementos essenciais à sua manutenção e à compreensão dos processos evolutivos que geram a diversidade de formas de vida no planeta. Estudam-se características dos ecossistemas destacando-se as interações dos seres vivos com outros seres vivos e com os fatores não vivos do ambiente, com destaque para as interações que os seres humanos estabelecem entre si e com os demais seres vivos e elementos não vivos do ambiente. Abordam-se, ainda, a importância da preservação da biodiversidade e como ela se distribui nos principais ecossistemas brasileiros (BRASIL, 2018, p. 326).

Tendo com um dos focos, ensinar

[...] a percepção de que o corpo humano é um todo dinâmico e articulado, e que a manutenção e o funcionamento harmonioso desse conjunto dependem da integração entre as funções específicas desempenhadas pelos diferentes sistemas que o compõem. Além disso, destacam-se aspectos relativos à saúde, compreendida não somente como um estado de equilíbrio dinâmico do corpo, mas como um bem da coletividade, abrindo espaço para discutir o que é preciso para promover a saúde individual e coletiva, inclusive no âmbito das políticas públicas (BRASIL, 2018, p. 327).

Pretendendo assim, nos anos iniciais, ampliar o conhecimento das crianças, sobre o seu corpo, reforçando questões relacionadas aos cuidados que precisam ter para a manutenção da vida, bem como as atitudes e respeito em relação as diferenças. Já, nos anos finais, em que o trabalho é feito com adolescentes que permeiam entre treze a quinze anos de idade o foco é abordar questões relacionadas à reprodução e à sexualidade humana, assuntos extremamente relevantes para essa faixa etária.

Visto que como a BNCC, retrata

Pretende-se que os estudantes, ao terminarem o Ensino Fundamental, estejam aptos a compreender a organização e o funcionamento de seu corpo, assim como a interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o impacto que elas podem ter na autoestima e na segurança de seu próprio corpo. É também fundamental que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva. Além disso, os estudantes devem ser capazes de compreender o papel do Estado e das políticas públicas (campanhas de vacinação, programas de atendimento à saúde da família e da comunidade, investimento em pesquisa, campanhas de esclarecimento sobre doenças e vetores, entre outros) no desenvolvimento de condições propícias à saúde (BRASIL, 2018, p. 327).

Diante disso, analisamos que, ao se trabalhar com os alunos as questões relacionadas à sexualidade que contemplam essa unidade temática, no oitavo ano a proposta é desenvolver as seguintes habilidades:

(EF08CI07) Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos.

(EF08CI08) Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso.

(EF08CI09) Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

(EF08CI10) Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção.

(EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) (BRASIL, 2018, p. 349).

Desta forma, observamos que a grande ênfase nesse período dos oitavos anos, está nos aspectos biológicos; mas vale destacar que este documento também salienta, mesmo que de forma breve que, é importante argumentar sobre diversas outras questões que são atreladas a outras dimensões da sexualidade não só biológicas, mas também socioculturais, afetivas e éticas. Isso porque, a dimensão sociocultural nos ensina que muitas experiências sobre a sexualidade decorrem de aprendizados que são manifestados e mantidos pela própria cultura e sociedade que estamos inseridos, uma vez que, cada sociedade desenvolve suas regras que, por vezes, surgem através de conhecimentos sobre a religião, acesso a mídias sociais e à própria história que traz consigo uma bagagem extraordinária sobre a sexualidade, sendo estes então modelados pela sociedade atual, bem como pelas políticas públicas, visto que cada um possui uma visão sobre o que é a sexualidade. Já, a dimensão afetiva, está atrelada à capacidade que todos os seres humanos possuem de se relacionar uns com os outros e inclusive de sentir sentimentos por essas relações, como de amor, carinho, afeto, etc... E na dimensão ética aprendemos que existem muitas pessoas que possuem gostos, preferências e visões diferentes sobretudo o que nos rodeia e que precisamos respeitar. Neste sentido, o dever da escola é debater sobre tudo isso, as diferenças que existem na sociedade, o respeito e o cuidado que precisamos ter uns com os outros, bem como crenças, valores, atitudes e preconceitos presentes na sociedade.

Assim, considerando a BNCC, destacamos que nos diversos âmbitos da sexualidade a formação escolar deve possibilitar conhecimento, porém sabemos que ainda existem forças conservadoras que tendem a nos limitar em falar sobre sexualidade em todas as suas dimensões do espaço da escola.

Assim, concordamos com Da Silva (et. al, 2020) quando ressalta que, a medida em que, as pessoas da nossa sociedade percebem este movimento de trazer discussões sobre a sexualidade no âmbito escolar por vezes

[...] forças conservadoras em geral ligadas às religiões, passam a trabalhar no sentido contrário, deslegitimando professores, pesquisadores e chamando a educação sexual para o espaço privado, sob o argumento de que ela é dever das famílias. E mais, para gerar caos social, essas mesmas forças, que a cada dia que passa ocupam espaço maior também no legislativo brasileiro, afirmam em discursos inflamados nas tribunas e nas redes sociais, que os professores querem ensinar “pornografia” nas escolas e ensinar as crianças a “serem gays” (DA SILVA et. al, 2020, p. 157).

Diante disso, queremos ressaltar que a escola pode e deve falar sobre a sexualidade, deixando claro que, falar de sexualidade não é somente falar de sexo, isso porque a sexualidade vai além de um corpo biológico; ela traz sentimentos, identificações, diferenças, limitações, cuidados, dentre tantos outros aspectos.

E ao considerar esse aspecto, podemos afirmar, conforme a BNCC, trata que, a sexualidade deve ser trabalhada em suas múltiplas dimensões no ambiente escolar, fazendo com que, os discursos sobre a sexualidade sejam resignificados na sociedade, minimizando as resistências, que por vezes atrapalham o trabalho de uma escola que busca contemplar a diversidade, o cuidado com o outro, a inclusão, o respeito, dentre outros aspectos importantes para a constituição de um sujeito crítico e responsável. Visto que conforme enfatiza Da Silva (et.al, 2020) “o objetivo da escola é a formação de educandos e educandas em sua integralidade, garantindo a compreensão de seus direitos e deveres” (p.159).

Dado que, o papel da biologia que, é mais enfatizado na BNCC, não é suficiente para abordar tudo o que envolve a sexualidade e é neste momento em que é necessário desafiar a escola a reproduzir e refletir conhecimentos e concepções que vão além disso, não desconsiderando a importância de falar também sobre este aspecto, pois como evidencia Figueiró (2009)

A sexualidade de cada um/a é composta de vários elementos, um destes é o corpo com o qual nascemos. Nesta questão, também deve ser clarificado que não se pode negar a importância da fisiologia e da morfologia - anatomia - do corpo, pois são elas que dispõem as condições e os limites do que é materialmente possível em termos de sexualidade (p.162).

Figueiró (2009)

[...] as condições biológicas não produzem, por si sós, nem os comportamentos – ou papéis sexuais, a identidade de gênero ou ainda, a orientação sexual. Elas formam um conjunto de potencialidades que só adquirem sentido e eficácia por meio da socialização e do aprendizado das regras culturais. São essas as regras que aprendemos e que nos dizem, entre outros, onde tocar, como tocar, quem tocar e porque tocar (p.162).

A vista disso, a discussão sobre sexualidade, se faz necessária e obrigatória na escola, pois este trabalho irá proporcionar aos alunos, informações sobre o corpo, cuidados, valores, proteção, comportamento preventivo, respeito as diferenças, dentre outros aspectos importantes.

Mas, aqui vale destacar também que mesmo que a sexualidade sendo posta como um aspecto obrigatório de ser trabalhado, principalmente quando se chega nos oitavos anos do ensino fundamental, é importante enfatizar que ela não é disposta na BNCC como um tema contemporâneo transversal, pois conforme o próprio documento traz

[...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente [...], educação para o trânsito [...], educação ambiental [...], educação alimentar e nutricional [...], processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso [...], educação em direitos humanos [...], educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana

e indígena [...], bem como saúde, vida familiar e social, educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural [...] (BRASIL, 2018, p. 19-20).

Assim, é possível analisar que, mesmo a sexualidade sendo obrigatória nos currículos escolares, por vezes é colocada somente de maneira pontual em um tópico de uma unidade temática e em uma disciplina específica e passível deste comportamento, “pode o docente pensar que não é mais indicado debater sobre este tema” (RIBEIRO, 2021, p.25); assunto este que jamais deve ser deixado de lado no ambiente escolar, pois é a partir deste e outros assuntos que se discute sobre a subjetividade e escolhas que cada sujeito possui, discussões estas que possivelmente servirão como base para sua vida em sociedade.

Assim, nossa consideração é que, a BNCC por ser um documento obrigatório e que abrange de forma nacional, deveria tratar todos os conteúdos que devem ser estudados, inclusive na disciplina de ciências da natureza, no oitavo ano, a qual estamos analisando com mais afinco, de maneira equiparada. Pois existem muitos assuntos dentro da temática da sexualidade que devem ser estudados pelos professores e ensinados aos alunos que são tratados de maneira limitada, por este documento e, conseqüentemente pela prática dos professores que se atentam a ele em sua rotina diária.

Assim, observamos que, entre os dois documentos analisados, existem diversas distinções, mas também algumas similaridades, pois assim como os PCNs a BNCC foi construída para disponibilizar uma base às escolas e aos professores dos conteúdos que, deveriam ser trabalhados, em cada disciplina, servindo com uma referência curricular.

Desta forma disponibilizaremos aqui dois quadros, um sobre as diferenças entre os PCNs e a BNCC e outro com as similaridades, para que você caro leitor também possa observar essas características.

**QUADRO 04:** Diferença entre os PCNs (1998) e a BNCC (2018)

<b>DIFERENÇAS ENTRE OS PCNs e a BNCC</b>	
<b>PCNs</b>	<b>BNCC</b>
Não é um documento obrigatório.	É obrigatória por lei.
É organizado por ciclos	É organizada pelos anos de ensino.
Estabelece a estrutura do ensino por blocos de conteúdos, com alguns objetivos.	Estabelece a estrutura do ensino pensando em unidade temática, habilidades e competências
Trazem volumes para discutir com mais afinco alguns assuntos importantes, vistos por este documento como temas transversais.	Não trazem volumes a parte para discutir temas transversais.

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

**QUADRO 05:** Similaridade entre os PCNs (1998) e a BNCC (2018)

<b>SIMILARIDADES ENTRE OS PCNs e a BNCC</b>
Ambos servem como referência curricular.
Ambos abrangem o ensino infantil, fundamental e médio.
Os dois documentos servem para a educação pública e privada.

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

Desta forma, ao observarmos estes dois quadros, identificamos ainda com mais clareza, que ambos os documentos são construídos para facilitar e melhorar a qualidade do ensino no Brasil, mesmo com suas diferenças. Mas, levando em consideração a questão da sexualidade a qual, aqui estamos discutindo, a pergunta que vem à tona é “o que mudou sobre as questões da sexualidade entre os PCNs e a BNCC?”

Identificamos que, ambos os documentos apresentam uma proposta um tanto quanto similar, pois focam mais em questões biológicas e mecanismos reprodutivos, não deixando de salientar que as outras dimensões que fazem parte da sexualidade, como questões éticas, afetivas e socioculturais também são importantes, mas trazendo essas dimensões de uma forma mais breve do que as questões biológicas que aparecem com mais afinco.

Mas, notamos que os PCNs se preocupam mais com a sexualidade em seus aspectos gerais deixando descrito que

A sexualidade humana [...] tem um significado muito mais amplo e variado que a reprodução, para pessoas de todas as idades. É elemento de realização humana em suas dimensões afetivas e sociais, que incluem, mas não se restringem à dimensão biológica. (BRASIL, 1997, p. 40).

Compreendendo a sexualidade inclusive como um tema transversal, diferente da BNCC que descreve de forma breve e sucinta as outras dimensões da sexualidade. Assim, ao olharmos para os dois documentos conseguimos vislumbrar que a BNCC mesmo trabalhando aspectos muito similares aos dos PCNs nas questões da sexualidade, regrediu em seus argumentos, pois além de não tratar a sexualidade como um tema transversal em suas diferentes dimensões, em nenhum momento ressalta que a sexualidade não se restringe às questões biológicas, inclusive traz as outras dimensões que ela considera importante entre parênteses, o que podem ser consideradas somente como um assunto acessório (complementar).

Analisando também os PPPS dos dez colégios estaduais do município de Dois Vizinhos/PR, a fim de compreender se as questões de sexualidade são postas nestes documentos, de acordo com a realidade de cada instituição.

Visto que

O Projeto Político-Pedagógico é a sistematização das ideias já consolidadas, contextualizadas e planejadas das ações educativas que acontecerão na instituição. Essas ideias são a conclusão de todo um processo de diagnóstico participativo da comunidade escolar, calcado nas leis de diretrizes que regulam o nosso sistema de ensino (RIBEIRO, 2021, p. 19).

Dado que, a construção do PPP deve se dar com a intenção de possibilitar aos professores e a escola de forma geral, o que fazer com a comunidade escolar, para alcançarem os objetivos de aprendizagem.

Assim os PPPs, são construídos através de políticas já existentes, utilizadas como base para sua elaboração, dos quais são a BNCC que possui caráter normativo e os PCNs que diferente da BNCC, não é um documento que possui poder de lei, mas que pode ser utilizado pelo sistema escolar (Ribeiro, 2021).

Uma vez que

Apesar de apresentar uma estrutura curricular completa, os Parâmetros Curriculares Nacionais são abertos e flexíveis, uma vez que, por sua natureza, exigem adaptações para a construção do currículo de uma Secretaria ou mesmo de uma escola. Também pela sua natureza, eles não se impõem como uma diretriz obrigatória: o que se pretende é que ocorram adaptações, por meio do diálogo, entre estes documentos e as práticas já existentes, desde as definições dos objetivos até as orientações didáticas para a manutenção de um todo coerente (BRASIL, 1997, p.29).

A vista disso, compreendemos que as questões relacionadas a sexualidade que são dispostas na BNCC que compõe caráter obrigatório, devem estar presentes nos PPP desenvolvidos pelas instituições, mesmo esta questão sendo pautada pela BNCC de maneira pontual e não como tema contemporâneo transversal.

Ribeiro (2021) ressalta que

No PPP da escola, as questões de sexualidade precisam estar expostas, uma vez que trabalhar essas questões em sala de aula é uma das funções importantes do educador(a). Se as práticas de sala de aula devem ser pautadas pelos documentos que subsidiam e norteiam uma conduta em prol do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos(as) alunos(as), temas especiais precisam estar contidos nesses documentos norteadores. O objetivo final é a formação de adultos conscientes de seus direitos e deveres dentro da sociedade, livres de preconceitos e estereótipos (p.27).

Portanto, ao analisar o colégio que aqui denominaremos de colégio número um, observamos que este contempla algumas questões da sexualidade que precisam ser trabalhadas e que trazem as questões da BNCC que são postas como obrigatórias, dentre outras questões que a instituição considera relevante trabalhar quando se trata de sexualidade no espaço da escola.

Assim consideramos o seguinte trecho descrito neste documento

Diante dos desafios contemporâneos postos ao sistema educacional, é imprescindível que a escola esteja preparada para tratar de temáticas que suscitam um fazer pedagógico, os quais contemplem os temas sociais contemporâneos de ordem ambiental, de enfrentamento às violências, de sexualidade e gênero, das questões étnico-raciais e de uso de álcool e outras drogas (PPP, 2021, p.37).

Ou seja, mesmo que a BNCC não contemple como um tema transversal e contemporâneo, esta instituição, considera como um tema social contemporâneo para um fazer pedagógico cada vez mais expressivo.

Cabe destacar ainda que, este colégio, apura a importância de abordar outros conhecimentos que por vezes não compõem os livros didáticos, mas que constituem como direito dos alunos no processo de aprendizagem, os quais são:

Conhecimentos sobre o corpo e as diversas expressões da sexualidade humana; a homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade, sobre a saúde sexual e reprodutiva, bem como das diferentes expressões da identidade de gênero: a cisgeneridade e transgeneridade (PPP 01, 2021, p.55).

“Isso porque a escola possui como filosofia proporcionar um ambiente saudável, que gere condições favoráveis ao desenvolvimento integral do educando” (PPP 01, 2021, p.05). Bem como, “a concepção de currículo e de conhecimento escolar é enriquecida pela compreensão de como lidar com temas significativos que se relacionem com problemas e fatos culturais relevantes da realidade escolar” (PPP 01, 2021, p. 34).

Já, no colégio que denominamos como colégio de número dois, a mesma também percebe a importância de se trabalhar questões contemporâneas no sistema educacional, mas coloca a questão da sexualidade mais sucinta que a escola de número um, o qual é destacado no seguinte trecho, em que ressalta a necessidade do trabalho pedagógico. “Dentre os problemas sociais contemporâneos estão a questão ambiental, a necessidade do enfrentamento à violência, os problemas relacionados à sexualidade e à drogadição” (PPP 02, 2021, p. 32).

Assim, podemos observar que esta escola também percebe a sexualidade como uma questão contemporânea, tal como a importância de tratar assuntos que vão além dos livros didáticos como o colégio de número um.

O colégio denominado de número três, caracteriza a sexualidade como um assunto necessário para o exercício da vida cidadã, no processo de ensino aprendizagem; assim como a saúde, a vida familiar e social, o meio ambiente, a cultura, dentre outros.

Dado que, este mesmo colégio percebe a sexualidade como uma dificuldade de ser superada, em seus mais diversos saberes, bem como, responsabiliza os professores pela abordagem destes e de tantos outros, de forma interdisciplinar, em sala de aula. Pois como citado no próprio documento

É no interior da escola que se deve tratar desses assuntos com reflexões sobre gênero, diversidade, sexualidade, homofobia, preconceito, racismo, drogas, álcool. Esses temas poderão ser trabalhados nas disciplinas, através de vídeos, palestras, filmes ou palestras com pessoas especializadas. É importante destacar que deve constar no Plano de Trabalho Docente do professor para que sejam atividades pedagógicas organizadas (PPP 03, 2021, p. 35-36).

Apresentando, inclusive, na proposta curricular do ensino de ciências que é neste momento em que o aluno

Deve poder ainda perceber a vida humana seu próprio corpo, como um todo dinâmico, que interage com o meio em sentido amplo, pois tanto a herança biológica quanto as condições culturais, sociais e afetivas refletem-se no corpo. Nessa perspectiva, a área de ciências pode contribuir para a percepção da integridade pessoal e para a formação da auto-estima, da postura de respeito ao próprio corpo e ao dos outros, para o entendimento da saúde como um valor pessoal e social e para a compreensão da sexualidade humana sem preconceito (PPP 03, 2021, p.78).

Objetivando o aluno a compreender o mundo que vive e atuar como um cidadão ativo, em busca de qualidade de vida, preservando a dignidade da vida humana. Uma vez que, a sexualidade deve ser tratada com um assunto educacional contemporâneo.

Já, no colégio de número quatro, nem se quer a palavra sexualidade aparece no documento, apenas trazem como conteúdo programático corpo humano e saúde, no sexto, sétimo e oitavo ano do ensino fundamental, mas sem especificar o que os professores poderiam estar trabalhando quando diante deste tema.

No colégio de número cinco, que inclusive está em processo de atualização, observamos que a sexualidade, assim como em outros colégios, é vista como um tema contemporâneo que devem ser trabalhadas questões que vão além dos livros didático, como as diversas expressões da sexualidade, a homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade e as diferentes expressões da identidade de gênero.

O colégio de número seis, o qual frisa a importância do papel da educação, na formação do ser humano, também não trata de sexualidade em seu documento, reconhece os direitos humanos, frisando a importância de garantir esses direitos, mas não traz em nenhum momento a importância da sexualidade ser trabalhada no ambiente escolar, visto que essa temática também é direito de todo ser humano.

No PPP do colégio de número sete, a sexualidade é considerada um assunto relevante, que deve ser trabalhado no espaço da escola, conforme citado abaixo

A sexualidade, entendida como uma construção social, histórica e cultural, precisa ser discutida na escola – espaço privilegiado para o tratamento pedagógico desse desafio educacional contemporâneo. O trabalho educativo com a sexualidade, por meio dos conteúdos elencados nas Diretrizes Curriculares e nas fundamentações teóricas e didáticas, deve considerar os referenciais de gênero, diversidade sexual, classe e raça/etnia. Visa-se, subsidiar o trabalho pedagógico, por meio do conhecimento científico, e não por meio de valores e crenças pessoais (PPP 07, 2020, p.28).

Deixando claro o papel da educação e a necessidade de se trabalhar questões voltadas para a sexualidade que, conforme já citados em outros PPPs, aqui destacados.

No colégio de número oito, observamos que a proposta pedagógica curricular preocupou-se com os aspectos contidos na BNCC, quando se trata de sexualidade, salientando apenas as questões do corpo humano e saúde como conteúdo estruturais da disciplina de ciências.

Já, no colégio de número nove, não é tratado sobre as questões da sexualidade no PPP, mas destaca-se que:

A seleção dos conteúdos e atitudes a serem ensinados, pressupõe, por parte dos profissionais da educação, uma concepção clara quanto ao tipo de cidadão que deseja formar e que tipo de sociedade deseja construir. A educação não é um fazer neutro, e não se pode compactuar com uma educação não diretiva. Educar é um ato político. Cabe, portanto, analisar criticamente a sociedade e suas contradições, para poder fazer emergir uma nova realidade, no qual o ser humano seja respeitado em sua dignidade (PPP 09, 2021, p. 38-39).

Mostrando-se assim aberto e flexível aos conteúdos que poderão ser trabalhados em sala de aula, dando aos profissionais autonomia em trabalhar temas os quais percebam maior necessidade durante o seu trabalho docente. O que consideramos um ponto muito significativo, visto que mesmo não constando a sexualidade como um tema importante de ser trabalhado em sala neste documento, caso o professor perceba a necessidade, terá a autonomia de falar sobre o assunto.

No colégio de número dez, observamos que, assim como em outros colégios, a sexualidade aparece como uma abordagem relevante no espaço da escola e não somente questões do corpo humano (biológicas) são enfatizadas, mas as diversas expressões da sexualidade como as socioculturais, afetivas e ética, trazendo orientações de conteúdos com os objetivos propostos na BNCC.

Para tanto, ao completar a pesquisa dos PPPs, observamos que a grande maioria deles, não são atualizados anualmente e “[...], apesar de serem desenvolvidos para implementação em médio prazo, precisam ser atualizados anualmente, a fim de que possam nortear as mudanças necessárias, visando a promover um ideal de educação coletivo (GUEDES et. al, 2017, p.588)”.

Pois sabemos que, a todo momento, ocorrem transformações na caminhada da educação, principalmente, quando se trata de um documento que, visa nortear o processo pedagógico da escola, levando em consideração a sua realidade.

Ribeiro (2021) afirma que

Um bom PPP nunca está finalizado; está sempre em construção. Mas, essa construção não significa ter um documento com lacunas ou incompleto. Podemos dizer que o PPP é inacabado porque sua construção é um processo contínuo de elaboração com base em evidências que são diagnósticas a partir do processo de monitoramento que a própria comunidades faz da aplicação do PPP, ou seja: ação-reflexão-ação. Daí se rever as partes

do documento, para que ele se torne vivo, e se refaz, reconstrói, reelabora, para novamente aplicar-avaliar-rever (p.21).

Mas, por ser um processo trabalhoso e que necessita seguir algumas diretrizes curriculares, para que se construa um PPP eficaz e coerente com a realidade vivenciada

[...] muitas vezes a escola elabora o PPP por meio da autoria da equipe gestora, considerando as premissas política-pedagógicas existente em livros didáticos, desconsiderando a realidade da instituição e de seu público – interno e externo. Em outras escolas, copia-se o PPP...Há muitos disponíveis na internet; basta usar um bom sítio de busca. Entretanto, não vai revelar a identidade da escola nem a sua intenção (RIBEIRO, 2021, p.21).

Deste modo, sem construir este documento de maneira participativa com a comunidade escolar. Para tanto, observamos que diante da análise dos PPPs, não são todas as escolas que tratam da sexualidade como um tema contemporâneo e importante, algumas inclusive se quer mencionam a palavra sexualidade em seu documento.

E como um documento global da escola o PPP, deve abordar todas as questões que favoreçam o desenvolvimento do indivíduo, inclusive a sexualidade. Uma vez que “[...] o PPP precisa estar alicerçado na liberdade e na pluralidade. Vivemos na era da globalização, quando tudo tende a convergir [...]. Objetiva-se uma sociedade múltipla que busque acabar com preconceitos de quaisquer origens (RIBEIRO, 2021, p.31)”.

Assim, a sexualidade, além de ser assunto necessário, é também, um direito do aluno ter a liberdade de receber e esclarecer conhecimentos acerca da mesma, no espaço da escola.

Passamos então para a análise do livro didático do 8º ano do ensino fundamental, da Coleção Araríba Mais, com a finalidade de compreender as questões da sexualidade que nele estão inseridas.

Pois bem sabemos que o livro didático ainda ocupa um papel central no universo escolar atual, mesmo coexistindo com diversos outros materiais como quadros, mapas, enciclopédias, recursos tecnológicos, ele é um dos principais e essenciais materiais do ensino e da aprendizagem no contexto escolar (BRANDÃO, 2013, p.43).

Uma vez que o livro didático tem a função de contribuir nas ações pedagógicas dos professores, sendo apoio tanto para eles, quanto para os alunos. Diante disso, analisamos que, quando se trata de sexualidade, o livro que compõe os conteúdos que devem ser ensinados neste período seguem, rigorosamente, a BNCC.

E assim como a BNCC, o livro didático contempla a maioria dos seus temas com questões relacionadas ao corpo humano e brevemente questões voltadas para a identidade de gênero e orientação afetiva e sexual, os quais também são assuntos importantíssimos de serem trabalhados, principalmente no

período da adolescência em que os alunos estão passando intensas transformações e que não são somente biológicas, mas sim psíquicas e sociais.

Deste modo, é possível observar que a sexualidade por vezes, é restrita neste livro didático, pois a maioria dos conteúdos estão ligados à reprodução, os quais se entrelaçam com a adolescência, sistema genital, métodos anticoncepcionais, infecções sexualmente transmissíveis, ciclo menstrual, fecundação, gestação, parto e gravidez na adolescência.

Mas, devemos considerar que o entendimento sobre a sexualidade ultrapassa as relações sexuais de reprodução, se fazendo necessário dialogar também sobre identidade de gênero, orientação afetiva e sexual, para que práticas de discriminação, desrespeito e tabus não permeiem este espaço e as pessoas que ali estão.

Mas observamos que muito brevemente e de maneira resumida aparecem essas questões no livro didático para serem trabalhadas, visto que não basta aparecerem desta forma, ainda aparecem como o último conteúdo a ser trabalhado quando o assunto é sexualidade.

O que nos faz compreender que realmente essa questão é direcionada para não ser explanada em sala de aula, levando em considerações esses pontos apresentados acima que nos fazem refletir, porque assuntos como esses ainda ficam para depois? Mesmo os envolvidos na educação destes alunos compreendendo que “a sexualidade faz parte da personalidade de cada indivíduo, bem como é aspecto de necessidade básica, não sendo restrita a visão biológica, deixando claro que o sexo da pessoa não é determinado apenas pela sua genitália” (ARARÍBA, 2018, p.112).

Ferreira et. al (2020) que

Essa falta de informação no manual acaba por deixar a cargo do professor, por si só, o aprofundamento na abordagem dessas questões que, muitas vezes, são deixadas de lado, devido ao fato de que o docente nem sempre é preparado na vida acadêmica para falar sobre sexualidade, levando consigo tabus e preconceitos que podem ser perpetuados na escola (p.14)

Diante disso, concordamos que o tema da sexualidade de forma geral é pouco abordado no contexto dos livros didáticos, mostrando-se como um assunto desprovido de aspectos importantes de serem trabalhados. Daí a necessidade em se trabalhar as diversas dimensões da sexualidade, como a identidade de gênero, orientação sexual, diversidade, dentre outros aspectos.

Fazendo assim que os professores, ultrapassem os livros didáticos, como encontramos em alguns PPPs de algumas instituições que percebem essa falta e se planejam para trazerem à sala de aula, aspectos referentes à sexualidade que perpassam tais livros.

Com o intuito de apresentar como a sexualidade aparece nos conteúdos da educação básica, realizamos uma pesquisa de campo, junto aos professores, dos oitavos anos do ensino fundamental, das escolas estaduais do município de Dois Vizinhos/PR que será descrita em detalhes no próximo capítulo.

### III. AS CONCEPÇÕES DAS/OS PROFESSORAS/ES ACERCA DA SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE EM SALA DE AULA

Neste capítulo, abordamos sobre a importância dos professores no processo de ensino aprendizagem dos alunos, uma vez que estes possuem a função de auxiliá-los e orientá-los, para que alcancem os objetivos de uma aprendizagem digna, respeitosa, saudável e humana. Bem como apontaremos os desafios que os professores enfrentam na educação sexual dos adolescentes.

Nossa pesquisa de campo visa apresentar, como a sexualidade se dá, no contexto da sala de aula, e o que os professores acreditam que deveria ser trabalhado quando se trata desta temática, levando em conta, o público de adolescentes que atendem, bem como o conhecimento dos documentos que regem a educação básica e apontam questões específicas que devem perpassar professores e alunos na sala de aula.

E no último item deste capítulo, apontaremos as questões que estão intimamente relacionadas ao período político do ano de 2018 que, trouxemos no problema desta pesquisa, afim de compreender se este período influenciou a concepção dos professores diante da sexualidade dos alunos, no espaço escolar.

Para tanto, este capítulo, possui o objetivo central de discutir o resultado da pesquisa de campo em que abordamos a questão da sexualidade na compreensão dos professores.

#### III.I. O Professor da adolescência

*Eu aprendi a respeitar  
Eu aprendi a te admirar  
Quando as coisas não iam bem  
Você me fez aprender também*

*É tão bom poder encontrar  
Alguém pra gente se espelhar  
Que nos faz acreditar  
E está sempre pronto pra ajudar*

*Você desperta em mim  
A vontade de saber  
E me prova que melhor do que já sou, eu posso ser...*

*(PRA VOCÊ PROFESSOR – THAIANE SEGUETTO)*

Quem é o professor no contexto da escola? Uma boa pergunta para iniciarmos a discussão sobre a importância dos professores, no processo de ensino aprendizagem dos alunos e os grandes desafios que estes possuem na relação com os adolescentes. Miranda (2001) destaca que professor (*do latim professore*) “é aquele que ensina uma ciência, uma arte, uma técnica; mestre” (p.81).

A partir destas significações da palavra professor, muitos compreendem que ser professor consiste em ser um sujeito que detém todo o saber do mundo; que ele tudo sabe e terá respostas para todas as perguntas. Ainda em Miranda (2001) “a ideia é que muitas vezes os professores tem de ser Deus [...] de que é necessário arcar com tudo, responder por tudo e dar soluções a tudo [...] A pessoa tudo pode, tudo vê e a todos protege” (p.93). Isso porque, o ser humano possui desejos e nestes desejos estão incluídos a eterna necessidade de alguém que lhe auxilie, lhe guie e de maneira geral lhe eduque. O que vem de acordo com o que Pereira (2008) descreve quando destaca que “o ser humano tem a necessidade de educadores, para nutri-lo, amá-lo, orientá-lo ou guiá-lo permanentemente, pois somos pela própria natureza mal-acabados e incompletos” (p.96).

Entretanto, sabemos que, quando nos referimos a figura do professor diante de alunos adolescentes, por mais que necessitem de alguém para lhes auxiliar; alguns não são muito receptivos com os professores, que precisam encontrar estratégias para estabelecer uma boa relação com eles, os quais, por vezes podem trazer muitos desafios para a sala de aula.

Assim, ressaltamos que, educar já não é uma tarefa fácil e educar alunos que estão em um processo de transição se torna ainda mais difícil; isso porque as questões conflituosas que perpassam a fase da adolescência, podem interferir, significativamente, na relação aluno e professor, tal como no processo de aprendizagem.

Uma vez que, o impacto da adolescência na educação é significativo, muito embora, por ser um fenômeno com aspectos naturais, cada sujeito vivencia esta etapa de uma maneira, em razão de que cada adolescente possui uma história e experiências vivenciadas, cultural e socialmente. E este momento, em que os adolescentes estão em plena transformação e formação de seus valores, enfrentando medos e angústias é normal que eles desafiem a todos a sua volta (BORGES, 2013).

Assim, concordamos com o que Gutierrez (2003) retrata

O mestre do adolescente por sua vez, fica numa posição delicada, pois por um lado pode ser tomado como alguém capaz de contribuir com a passagem do adolescente, e por outro é provavelmente equivalente, na transferência, as figuras parentais (mundo adulto), com quem a relação é frequentemente pautada em desconfiança e afastamento. E [...] ensinar àquele que, muitas vezes, quer se afastar... Eis uma grande dificuldade encontrada pelo mestre de adolescentes [...] (p.18).

No entanto, para que os professores possam construir relacionamentos de segurança e confiança para com os seus alunos, aqueles devem oferecer a esses, além de informações, conhecimentos e socialização, uma escuta ativa. Uma vez que, como citado por Pereira (2008) “um mestre que escuta, que deixa falar, permite a cada sujeito ter acesso a uma “fala verdadeira” (p.119).

Ou seja, o professor que permite e que dá ao aluno autonomia para se expressar no espaço escolar, autoriza esse mesmo aluno a se ouvir e aos poucos se reconhecer, como um ser que possui valores, regras e autonomia para viver em sociedade, formando assim cidadãos críticos e participativos. Lembrando que em

todo o processo de aprendizagem, o professor como mediador, pode organizar a sua prática pedagógica, considerando as interações, que são pontos centrais, para tornar os alunos sujeitos capazes de agir e intervir no mundo, em razão de que, quando se considera as interações, considera-se também o respeito e a valorização de todos aqueles que fazem parte do processo de aprendizagem (LOPES, 2011).

Desta forma, podemos considerar que a questão da afetividade com os professores é crucial nesse processo, para que os alunos se sintam confiantes, quando precisarem direcionar alguma dúvida a eles, principalmente quando o assunto é sexualidade. Afim de construir um ambiente agradável, estimulante, afetivo e rico de conhecimento. Assim, todo educador “[...] deve buscar desenvolver atividades que envolvam os alunos de forma integrada, ou seja; deve orientar sua prática para que desenvolva a expressividade, a emoção, a personalidade e o pensamento criativo” (LOPES, 2011, p.07).

Uma vez que, para Salem e Moretti (2006)

A maioria dos alunos alega que suas expectativas estão em torno de que seus professores expliquem bem, que sejam legais e pacientes e da mesma forma apontam os pontos positivos das aulas – continuem dando boas aulas, sejam amigos, mantenham um bom relacionamento com eles, etc... (p. 20).

O que significa que, além de boas aulas, os alunos buscam ter afeição pelos seus professores. No entanto, além da construção de conhecimento, os alunos também buscam um professor que lhe ofereça saberes indispensáveis, como respeito, presença, apoio e que o contemple para além do papel de estudante, acolhendo suas angústias e dúvidas, que muitas vezes podem não ser acolhidas no espaço familiar.

Assim, consideramos que os professores devem proporcionar aos alunos

[...] a possibilidade do encontro consigo mesmo, num contexto simultaneamente protegido e aberto, que lhe dê todo o tempo necessário para se ir consolidando como pessoa, sem ter que esconder ou recalcar, ou converter em agressividade descontrolada, as suas fragilidades, dúvidas e descobertas (GUIMARÃES et. al, 2007, p.85-86).

Quando a sexualidade ganha seu espaço em sala de aula e é possível falar com os alunos de maneira formal sobre o assunto, visto que de maneira recorrente e informal, diante do mundo que vivenciamos, esses alunos têm acesso a conteúdos sobre sexualidade, seja na relação familiar ou mesmo fora dela. E, o professor, como figura responsável pela prática pedagógica, assume um papel muito importante e desafiador nesse momento, considerando a dificuldade em trabalhar sobre esse assunto, que está intimamente relacionado com a história da sexualidade, trazida nesta dissertação em seu segundo capítulo, no qual as crenças religiosas, a repressão, o patriarcado, dentre outras questões, contribuem significativamente para que a sexualidade fique oculta.

Assim consideramos, que os(as) professores(as) ao abordarem ou mesmo serem questionados sobre a sexualidade, em sala de aula, devem explanar de forma clara o assunto, minimizando a possibilidade de

que os alunos saiam da sala de aula com dúvidas, mas sim com certa compreensão sobre o que é a sexualidade. Esse também é o momento em que o professor deve mostrar sua ética, confiança e responsabilidade para com os alunos, pois estarão dialogando sobre um assunto, que por vezes, pode parecer difícil para alguns indivíduos, por ser coberto de tabu.

Assim, percebemos que o trabalho do professor para com os adolescentes, principalmente, quando o assunto é sexualidade, vai muito além do conteúdo programático. É necessário encontrar estratégias para construir e manter uma relação de confiança com os estes, para que possam completar uma ação educativa em que se entenda que falar sobre sexualidade, seja na escola ou fora dela é necessário, visto que ela faz parte do desenvolvimento do ser humano do nascimento até a morte.

Pois compreendemos que é de extrema relevância que os alunos conheçam o que é a sexualidade, se conheçam sexualmente, compreendam as inúmeras transformações que ocorrem durante o desenvolvimento humano, bem como conheçam como a sexualidade se constrói socialmente. Visto que concordamos que ela é uma construção social e que a cada instante, novas descobertas são feitas e a sexualidade do ser humano passa por transformações de acordo com suas e identificações.

Assim, no que tange o trabalho do professor, nos perguntamos; e os professores se sentem preparados para falar sobre o assunto? De acordo com o questionário aplicado para essa pesquisa, todos os professores respondentes, informaram se sentirem preparado para falar sobre a temática da sexualidade. Mas sabemos que, mesmo com a confiança de possuir uma boa preparação para falar deste assunto é imprescindível e não só dentro da temática da sexualidade, os professores devem ter acesso a formações que lhes concedam mais conhecimentos e aptidões para sua prática profissional.

Lopes (2011) ensina que

[...] pensar sobre a formação de professores é conceber que o professor nunca está acabado e que os estudos teóricos e as pesquisas são fundamentais, no sentido de que é por intermédio desses instrumentos que os professores terão condições de analisar criticamente os contextos históricos, sociais, culturais e organizacionais, nos quais ocorrem as atividades docentes, podendo assim intervir nessa realidade e transformá-la (p.04).

Posto que, a teoria e a prática andam lado a lado, para assim construir conhecimentos, pois além da prática que é uma condição essencial para lidar com o dia a dia dos alunos, a teoria dá aos professores noções gerais de uma prática cada vez mais assertiva, ampliando suas visões de mundo, uma vez que, precisam lidar com diferentes gerações no contexto da sala de aula.

Nesta perspectiva, a formação do professor é imprescindível, visto que, como destaca Menin (2017, p. 123) “a formação dos professores vem para a construção de conhecimentos que serão trabalhados junto aos alunos no espaço escolar [...]”. Desenvolvendo assim, um processo formativo que primeiro perpassa o corpo docente e depois os envolvidos nesse processo.

Assim consideramos que é fundamental investir na formação continuada dos professores, pois além de desenvolvê-los, tornando-os cada vez mais qualificados em seu trabalho, melhora-se significativamente a qualidade do ensino, pois a formação dá a esses professores ainda mais segurança e confiança para lidar com as dificuldades que tendem a surgir em sala de aula.

Conforme cita Parolin e Caldeira (2007), o professor como sujeito no processo de ensino é um ser que pensa, sente, tem dúvidas, acerta e erra.

Nessa perspectiva, um trabalho que pretenda formar professores preparados para o enfrentamento dos desafios de ensinar nos novos tempos, tem de passar por conversas, vivências, reflexões, compartilhamentos e análises críticas. Ou seja, necessita formar o professor, além de informar. Isso implica entender que o comportamento de uma pessoa se renova à medida que ele é trabalhado, de forma dialética, em suas emoções e em sua razão (PAROLIN E CALDEIRA, 2007, p.179).

Visto que, o que determina a prática do professor, além dos conhecimentos que ele possui, são suas experiências que são construídas e reconstruídas no processo de aprender e ensinar, e “[...] estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que também é uma identidade profissional” (NÓVOA, 2002, p.39)

Pois além de formador, o professor também é formando que, necessita se inovar para fazer e passar por mudanças no ambiente da escola, componente essencial para o desenvolvimento da comunidade escolar. Assim, corroboramos com Barbosa (2004)

Ser educador não é tarefa fácil, pois, na prática, exige também ser um educando, não se limitando ao simples ato de repassar conteúdos fechados, mas em uma constante busca do aprender o novo que liberta, partindo da posse dos instrumentos do velho que oprime a fim de superar o sistema de ensino em descompasso com a realidade presente (p.189).

Diante disso, salientamos que, a forma como os professores lidam com os adolescentes em sala de aula, depende de uma formação contínua para que as mudanças na prática pedagógica ocorram, conforme as mudanças da sociedade. Pois, sabemos que, a relação professor/aluno, precisa de uma dinamização, que faça com que a produção de saberes ocorra de forma eficaz.

Por isso, defendemos que a formação para professores de adolescentes é necessária, mas não devemos esquecer que a forma como estes lidam com este público, também diz respeito, às particularidades subjetivas que cada indivíduo possui, que também auxiliam nesse processo, como as experiências, a paciência, a cautela e a forma como vislumbra os movimentos dos adolescentes nesse meio.

Compreendemos então que o professor desempenha papel essencial na educação dos alunos, sejam eles adolescentes ou não, pois é a partir da figura do professor que se articula os conhecimentos que são vivenciados na escola, bem como é este mesmo professor que precisa estar preparado para os desafios da sala de aula que, lhe exigem segurança para acolher as demandas surgidas neste contexto que, acolhe uma diversificada forma de viver em sociedade.

### III.II. O espaço escolar e a sexualidade: a formação e a preparação dos professores

Neste item, discutiremos sobre nossa pesquisa de campo, destacando os resultados obtidos através dos questionários aplicados durante o percurso de nossa pesquisa.

Assim, como nossa pesquisa de campo, se dá de forma descritiva, o primeiro questionário aplicado, teve o intuito de conhecer o nosso público-alvo, ou seja, os professores participantes. Pois conforme Triviños (1928), o foco principal dos estudos descritivos é conhecer a comunidade envolvida. Desta forma, destacamos que os oito (8) professores participantes da pesquisa são das escolas estaduais do município de Dois Vizinhos/PR e lecionam a disciplina de ciências para os oitavos anos do ensino fundamental.

Entretanto, vale dizer, que o questionário que aplicamos, com o objetivo de conhecer nosso público-alvo, teve o cuidado ético de solicitar que os participantes não tivessem seus nomes revelados. Esses escolhiam um nome fictício de como desejariam serem chamados e enfatizamos que toda e qualquer informação que venha a identificar a identidade desses sujeitos, não será revelada, mantendo sigilo sobre estas informações por questões éticas que norteiam o processo desta pesquisa.

Desta forma, observamos no quadro abaixo, algumas características do nosso público-alvo.

**QUADRO 06:** Características dos(as) professores(as) do ensino de ciências

<b>CARACTERÍSTICAS DOS (AS) PROFESSORES(AS) DO ENSINO DE CIÊNCIAS</b>	
<b>Sexo</b>	7 do sexo feminino e 1 do sexo masculino.
<b>Estado Civil</b>	4 casados, 2 solteiros, 1 divorciado, 1 união estável.
<b>Formação Profissional</b>	Todos possuem formação universitária.
<b>Graduação dos Participantes</b>	7 possuem graduação em ciências biológicas e 1 não respondeu à questão.
<b>Especialização dos professores</b>	Todos possuem, mas nenhum possui especialização em sexualidade.
<b>Professores que possuem mestrado e/ou doutorado</b>	2 possuem mestrado e 1 possui doutorado.
<b>Tempo de docência</b>	5 possuem mais de 10 anos de experiência na função, 2 iguais ou mais que 5 anos e 1 com 2 anos.
<b>Regime de Trabalho</b>	6 atuam em regime de 40hrs e 2 em regime de 20hrs.
<b>Religião</b>	7 são católicos e 1 não quis informar sua religião.

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

Os dados nos permitem afirmar que o público-alvo se caracteriza por mais pessoas do sexo feminino do que masculino. Vianna (2002).

Ao longo do século XX, a docência foi assumindo um caráter eminentemente feminino, hoje, em especial na Educação Básica (composta da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio), é grande a presença de mulheres no exercício do magistério (p.83).

E de fato a presença feminina pode ser observada nos dados da nossa pesquisa, representando 87,5% do público de professores participantes.

Os dados evidenciaram também que, todos os professores respondentes desta pesquisa, exceto um que não respondeu a esta questão, possuem formação universitária e inclusive na disciplina a qual lecionam, neste caso Ciências Biológicas, o qual consideramos um ponto muito significativo e que vem de acordo com a pesquisa do Censo de 2022 em que é mostrado que “do total de docentes que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, 86,6% têm nível superior completo” (p. 10).

Assim compreendemos que todos os professores se preocupam com uma formação adequada para poder formar os alunos com bases teóricas cada vez mais assertivas, visto que a falta de formação em sua área de atuação pode trazer prejuízos para a formação dos estudantes.

Mas, em nossa pesquisa, no que se refere à formação dos professores da disciplina de Ciências Biológicas, observamos que todos possuem a base adequada para suas atividades profissionais, visto que todos os professores respondentes possuem formação na área.

Uma vez que, como destaca Figueiró (2014)

[...] para formar alunos que assumam um papel ativo em sua aprendizagem, com autonomia e criticidade, o professor precisa, antes de tudo, ter, ele próprio, esse tipo de postura com sua aprendizagem. Precisa exercitar e aprimorar sua atitude e busca constante pelo conhecimento, para conseguir despertar esse mesmo tipo de atitude em seu aluno (p.102-103).

Nesta perspectiva, fica perceptível que os professores precisam de formações adequadas, não só para ensinar seus alunos, mas também para de alguma forma, mostrar a eles a importância da aprendizagem e da evolução profissional em nossa sociedade, uma vez que a formação é a base para a evolução, seja ela profissional ou pessoal.

Mas, mesmo considerando essa questão como algo positivo em nosso público-alvo, observamos que nenhum desses professores possuem especialização na área de Ciências Biológicas e sim em outras áreas conforme o quadro a seguir:

**QUADRO 07:** Especialização dos professores pesquisados.

#### ESPECIALIZAÇÃO DOS PROFESSORES

Educação especial e inclusiva. Educação de jovens e adultos.
Alfabetização de jovens e adultos.
Educação especial. Educação do campo. Múltiplas Deficiências. Libras. Educação especial/autismo.
Gestão. Supervisão educacional e Neuropsicopedagogia.
Interdisciplinaridade.
Educação especial.
Terapias complementares.
Gestão escolar.

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

Analizamos ainda, que apenas dois dos professores participantes da pesquisa possuem mestrado e um doutorado e que também não é em sua área de formação, sendo que um possui mestrado em Agro ecossistemas de produção, outro em zootecnia e o que possui doutorado em agronomia. Compreendendo então, que são poucos os professores que buscam estudos para além de uma especialização, como mestrado e doutorado, bem como não buscam se especializar em sua área de formação, visto que nenhum que possui este grau de escolarização na área que lecionam.

Além disso analisamos que dos oito (8) professores respondentes seis (6) deles, possui mais de 10 anos de experiência como docente, bem como a grande maioria, também, atua em regime de trabalho de quarenta (40) horas semanais e, atualmente, 50% desses professores que estão estudando, encontram-se fora da sua área de formação, conforme o quadro abaixo.

**QUADRO 08:** Áreas de estudo dos(as) professores(as) de Dois Vizinhos.

<b>ÁREAS QUE OS PROFESSORES ESTÃO ESTUDANDO</b>
Matemática.
Gastronomia.
Técnico em Qualidade.
Psicoaromaterapia.

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

Os dados acima, nos remetem a inúmeras indagações: por que nenhum deles busca especializar-se na área? O que os faz buscar por outras áreas? Será que percebem a importância de se especializar em sua área de formação? Será que se sentem realizados com a disciplina que lecionam? Ou será que acreditam possuir todo o conhecimento necessário para tal disciplina que, não precisam buscar por novos conhecimentos?

Uma vez que, é perceptível que de alguma forma eles apreciam a docência, visto que todos os professores participantes da pesquisa, se especializaram na área docente, mesmo não sendo na disciplina a

qual lecionam, eles buscaram outras formas de desenvolvimento que pudessem os ajudar dentro de sua prática profissional.

Mas vale destacar que a formação continuada do professor, na área em que atua, é imprescindível, pois tende a colaborar no aprendizado dos alunos, deixando claro que o professor(a) pode e deve buscar outras formas de desenvolvimento, para lidar com os inúmeros desafios que, a sala de aula trás para seu dia a dia, mas a busca de conhecimento na disciplina pela qual é responsável deve ser primordial, uma vez que, o professor precisa se responsabilizar pelas suas qualificações e competências.

Para tanto, ao perguntarmos ao nosso público se eles possuem formação em sexualidade, já que no oitavo ano do ensino fundamental essa questão aparece como conteúdo programático da disciplina de ciências e, por vezes são trazidas constantemente pelos alunos, uma vez que, estes se encontram em momento de novas transformações e novas descobertas sobre a sua sexualidade. Os dados informaram que 71,4% dos professores responderam que não possuem formação em sexualidade.

Mas para que, e por que, é importante a formação em sexualidade? Aquino (1997) salienta que “O fundamental para a preparação do profissional da educação em orientação sexual é a formação em temas afins à sexualidade [...] (p. 115.” Para que assim, este possa refletir e compreender a importância de desenvolver os alunos em sua sexualidade. Pois “através do conhecimento científico os professores passam a compreender as manifestações da sexualidade da criança e do adolescente e educá-los para uma sexualidade emancipatória e humanista” (BRITTOS, et. al, 2013, p.14).

Mas que tipo de formação é essa que aqui nos referimos? Esclarecemos que, quando nos remetemos à formação em sexualidade, nos referimos a formações continuadas que dê oportunidades para os professores refletirem e partilharem suas práticas profissionais.

Para Figueiró (2014) “quando falo em formação de educadores sexuais, refiro-me a um processo específico de intervenção, cuja finalidade é auxiliar os professores a atuarem, intencionalmente, no ensino da sexualidade, de maneira qualitativamente positiva e humanizadora (p.36)”. No entanto, muito embora tenhamos observado que, a grande maioria dos professores, não possuem formação em sexualidade, todos responderam que se sentem preparados para falar sobre esse assunto. Além de nem todos apresentarem formação na área, 25% dos respondentes, afirmaram não tirar tempo para estudar sobre a sexualidade.

Ao analisarmos o contexto em que todos se sentem preparados para falar sobre sexualidade, esses deveriam despende de um tempo para se dedicar aos estudos nessa área, pois o fato é que, se torna fundamental, o professor olhar para o exercício da sua profissão e compreender a importância de se manter atualizado, munido de informações e formação científica para atender aos alunos que têm o direito de receber explicações claras e assertivas sobre a sexualidade.

Silva (2016) escreve que

Para que o educador venha a trabalhar com este tema em sala de aula, é importante que amplie seus conhecimentos acerca do assunto, para que possa auxiliar os alunos que não possuem informações adequadas, respondendo e esclarecendo suas dúvidas, a fim de contribuir com uma melhora na qualidade de vida dos alunos. (p. 08).

Entretanto, parece que os professores confundem informação com formação. Isto é, acreditam que assistir informações sobre sexualidade, nos meios de comunicação, já representa estar aprendendo sobre o tema, conforme a fala de um dos professores: “o assunto vem à tona nos meios de comunicação e a gente sempre está aprendendo coisas novas.” Esta fala entre outras apresentadas no quadro 09, para nós se apresenta contraditória ao que 75% deles responderam que se dedicam a estudar sobre sexualidade fora do contexto escolar. No entanto, ao observarmos as justificativas, de quando eles, normalmente, dedicam tempo para estudar sobre a sexualidade ou não, observamos as respostas do quadro a seguir.

**QUADRO 09:** Justificativas dos professores ao dedicarem ou não tempo para estudarem sobre a sexualidade.

<b>JUSTIFICATIVAS DOS PROFESSORES AO DEDICAREM OU NÃO TEMPO PARA ESTUDAR SOBRE A SEXUALIDADE</b>
Ultimamente não. Mas com frequência o assunto vem à tona nos meios de comunicação e a gente sempre está aprendendo coisas novas.
Tenho preparo, materiais produzidos com excelentes referências.
Importante, conceitos diferentes de sexualidade todo o tempo está mudando e precisamos estar a par de todos esses conceitos.
A preparação das aulas.
Conceitos e definições dos quais eu não tenha certeza da compreensão para que não haja complicações com termos na hora da explicação.
Sempre surgem coisas novas e devemos estar preparados para os questionamentos.

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

Para tanto, podemos inferir que, quem respondeu não se dedicar ao estudo sobre a sexualidade pode ser que acredite estar preparado o suficiente para lidar com tal questão ou porque acreditam que os próprios meios de comunicação são suficientes e dão informações necessárias, sobre novas questões voltadas à sexualidade, conforme as respostas apresentadas no **quadro 09**.

Já, os que, responderam que dedicam um tempo para estudar sobre a sexualidade, informaram que é porque precisam preparar as aulas, bem como compreendem que sempre estão surgindo novas definições e conceitos dentro deste campo e precisam estar atentos para que ao serem questionados no ambiente da sala de aula, possam explicar com clareza e assertividade os questionamentos referentes a temática.

Assim, consideramos que, ao questionarmos os professores se sentem a necessidade de realizarem estudos para compreenderem a sexualidade dos adolescentes, visto que estes profissionais lidam exatamente com este público, 62,5% afirmaram que sim; entendem a necessidade de realizar estudos sobre a sexualidade do adolescente, enquanto existe uma parcela destes profissionais que não sentem essa necessidade, a qual diz respeito a 37,5%.

E aqui temos um questionamento que não quer calar, por que esses professores não sentem essa necessidade? Por que acreditam que não precisam falar sobre o assunto? Por que se veem tão preparados para tal atividade de falar sobre a sexualidade que acreditam não ter de fato a necessidade de estar realizando estudos constantes sobre o assunto?

Observando que mais de 50% dos professores respondentes da pesquisa, percebem a necessidade de realizar estudos sobre a temática, questionamos a estes então, quais aspectos que consideravam mais relevantes estudarem sobre a sexualidades dos adolescentes e tivemos as seguintes respostas, disponíveis no quadro abaixo.

**QUADRO 10:** Aspectos considerados relevantes para os professores estudarem sobre a sexualidade dos adolescentes.

<b>ASPECTOS CONSIDERADOS RELEVANTES PARA OS PROFESSORES ESTUDAREM SOBRE A SEXUALIDADE DOS ADOLESCENTES</b>
Mudanças, puberdade, higiene, cuidados com o corpo ai partir para diferenças anatômicas, machismo, feminismo, lei Maria da Penha, igualdade de gênero, respeito, responsabilidade, prevenção, gravidez e infecções sexuais.
Devido às dúvidas deles, pois muitos têm vergonha de perguntar aos pais. Então, a leitura às mudanças do dia a dia nos torna profissionais que necessitam estar sempre em busca de novos conhecimentos para ajudar na vida, pois eles precisam se conhecer e ter responsabilidades para cuidar do seu próprio corpo.
Novas nomenclaturas.
Sim. Sempre surgindo fatos novos e a cada dia nos deparamos com sérios problemas ligados a conflitos emocionais de nossos adolescentes. Isso nos fazer ir em busca de como lidar com essas situações.

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

Assim, conseguimos observar que os professores que consideram a necessidade de realizar estudos sobre o tema, apontaram questões relevantes como as mudanças do corpo, puberdade, cuidados, identidade de gênero, respeito, responsabilidade, bem como novas nomenclaturas e novos assuntos que podem vir a surgirem sobre sexualidade e adolescência.

Uma vez que, estes professores, ao compreenderem a necessidade de realizar estudos sobre a temática, compreendem também a importância de transmitir informações seguras aos seus alunos que por vezes, tendem a levantar questões específicas sobre a sexualidade, principalmente, nos dias atuais que, conforme citado pelos próprios participantes da pesquisa, existem diversas nomenclaturas e conceitos novos que precisam ser estudados.

Desta forma, compreende-se que os assuntos destacados aqui, como os mais relevantes a serem trabalhados em sala de aula, tendem a caracterizar a própria experiência dos professores, que são indagados, constantemente, por estas questões, embora tenham diversos outros assuntos que retratam a sexualidade.

Por isso, é importante levar em consideração que, mesmo esses tópicos citados no **quadro 10**, possam ser os assuntos mais discutidos em sala de aula, atualmente, diante do público pesquisado, as questões destacadas em sala de aula sobre a sexualidade, não devem se esgotar aqui, visto que precisa ser tratado de forma abrangente, no processo de desenvolvimento e conhecimento dos alunos, requerendo constantes estudos por parte dos professores.

Pois como brilhantemente Figueiró (2014) destaca

O ensino, concebido como uma profissão, impõe a necessidade de envolvimento dos professores num processo contínuo de formação. Vistos não mais apenas como quem transmite informações aos alunos, mas também como profissionais que criam e constroem conhecimentos sobre o processo de ensino aprendizagem, os professores, em sua maioria, vêm sentindo e reconhecendo a importância de estarem constantemente envolvidos em um processo de crescimento pessoal, cultural e profissional (p. 101).

E como apresentado em nossa pesquisa os professores de fato reconhecem e sentem a necessidade de estarem cada vez mais atualizados sobre questões que norteiam o processo de ensino aprendizagem, isso porque se trata também de um assunto que caracteriza uma atividade humana que está intimamente ligada com a práxis que é muito bem esclarecido em nosso método de pesquisa, ou seja diz respeito a prática social que é construída socialmente por questões históricas, culturais e religiosas que é totalmente mutável e por isso exige do educador estudos constantes.

No entanto, aqui podemos voltar-se à formação do professor, que em seu sentido amplo, tem por foco, o aprimoramento da sua prática profissional, que como ensina Figueiró (2014), auxilia no desenvolvimento profissional do professor e conseqüentemente para uma escola renovada. Visto que um professor bem qualificado e preparado, traz resultados significativos para uma educação melhor e satisfatória.

Mas, como tornar esse professor um agente transformador na educação? E qual formação seria a mais adequada? Ribeiro (2021) adverte que “todo(a) professor(a) pode ser um(a) agente transformador(a) e ser responsável pelo trabalho na sua escola. O que vai precisar, no entanto, é educação continuada” (p. 39).

E a pergunta que vem à tona agora é, o que seria essa formação continuada? E como essa formação pode ocorrer dentro do espaço escolar? Figueiró (2014), destaca de forma objetiva e clara que a “formação continuada refere-se às propostas ou ações (cursos, estudos, reflexões...) voltadas, em primeira instância, para aprimorar a prática profissional do professor” (p.105). Diz respeito a todas as formas deliberadas e organizadas para esse fim.

Visto que essa formação, tende a trazer inúmeros benefícios para os professores, uma vez que, além de terem a oportunidade de expressarem seus sentimentos, e dificuldades, é um momento de construção do saber, de um saber necessário, bem como é o momento em que o professor recebe suporte de outros profissionais que convivem e conhecem a sua realidade. Desta forma, acreditamos que juntos possam refletir e discutir sobre as dificuldades encontradas no meio escolar e, assim, construir estratégias que venham melhorar o fazer pedagógico.

Celani (1988), “Uma característica fundamental da formação continuada é ter ligação com problemas que os professores enfrentam em sua sala de aula” (p. 160). E a sexualidade por ser uma questão que traz desafios e exige do professor um aperfeiçoamento constante é comumente que se tenha uma formação continuada para estes profissionais.

Coadunamos com Figueiró (2014), que quando ressalta

Penso que se a formação continuada for desenvolvida tendo como centro a sexualidade, poderá haver significativo progresso no relacionamento professor-aluno e no processo ensino-aprendizagem como um todo. Ainda especialmente, poderá haver significativo progresso no trabalho do professor, pois refletir sobre questões ligadas a sexualidade e a Educação Sexual contribui, sobremaneira, para repensar sobre o papel do professor. Pode dar-lhe aprimoramento em sua capacidade de ser empático com os alunos e nas habilidades necessárias para trabalhar valores, atitudes e sentimentos (p 109).

E como a própria Figueiró (2014) expressa “O próprio ritmo acelerado do desenvolvimento das ciências é também um fator que incita, nos profissionais conscientes, a atitude de busca constante de novos conhecimentos” (p, 102).

Desta maneira, acreditamos que a formação continuada é imprescindível e não só dentro da temática da sexualidade, mas em todas as temáticas que trazem desafios e dificuldades para a sala de aula.

Ainda, conforme os referenciais para formação de professores do MEC (2002).

É consenso que nenhuma formação inicial, mesmo em nível superior, é suficiente para o desenvolvimento profissional, o que torna indispensável a criação de sistemas de formação continuada e permanente para todos os professores. (p. 17).

Sendo assim, a escola cumpre o seu papel primordial de formação não só dos alunos, mas também dos profissionais que fazem ela acontecer. O que se inter-relaciona com nossa pesquisa, uma vez que todos os professores participantes possuem formação superior, mas nenhum possui formação específica em sexualidade, bem como 25% deles informaram não dedicar tempo para estudar sobre a temática e 37,5%, nem sequer sente a necessidade de realizar estudos sobre o assunto.

Para tanto a formação continuada poderá assim contribuir de forma significativa, tanto para o conhecimento e aprofundamento dos professores na temática, quanto poderá servir como uma oportunidade de mostrar aos professores a importância de constantes estudos sobre o assunto. Contudo deixamos explícito que estes estudos, em formação continuada, devem ser feitos de forma aprofundada e não de maneira fragmentada, deixando brechas para dúvidas e incompreensões, pois o intuito deve ser desenvolver um trabalho amplo e completo, dentro dos objetivos propostos, no qual todas as questões e temas levantados, sejam discutidos.

### III.III O professor, a sexualidade e a escola

No ano de 2018, quando frentes conservadoras, chegaram às eleições presidenciais no Brasil, trazendo consigo diversas fake News, sobre a sexualidade ser trabalhada no contexto da escola, vislumbramos com mais ênfase o preconceito que ronda a sexualidade, quando se tenta trazê-la para o ambiente escolar.

Neste ano diante das eleições presidenciais o ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro, que naquele momento era candidato à presidência pelo PSL (Partido social liberal) e também representante da extrema direita do país, utilizou-se desta temática como uma das estratégias para convencer a população brasileira que seu partido seria a melhor escolha para a educação. Trazendo à tona a discussão de um material denominado por ele e por fundamentalista religiosos, bem como pessoas do senso comum como “KIT GAY”, material este que tem como nome ESCOLA SEM HOMOFOBIA, o qual fazia parte do programa Brasil sem homofobia (2004). Programa este, criado em 2004, em parceria com o Ministério da Saúde e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, com o objetivo de promover o respeito e a não discriminação às pessoas que possuíam orientação sexual diferente da heteronormatividade.

Cézar & Duarte (2017) remontam que o objetivo do material ESCOLA SEM HOMOFOBIA “[...] (p.146) era oferecer um conjunto de materiais de apoio aos professores/as para abordarem nas escolas o tema da diversidade sexual e gênero. O projeto visava elaborar suportes educativos para o combate à homofobia, à lesbofobia e à transfobia nas escolas”.

O que vem de acordo com o que Silva (2015) também retrata em sua tese de doutorado em que ressalta que o “Kit anti-homofobia – [...] visa à diminuição da homofobia e a violência oriunda de atitudes de discriminação entre os alunos nas escolas” (p.18). Equiparando os direitos a todas as pessoas da sociedade, independentemente de suas diferenças.

Visto que, este material era composto por um caderno, uma série de seis boletins, três DVDs com seus respectivos guias, um cartaz e cartas de apresentação para gestores e educadores e o CADERNO ESCOLA SEM HOMOFOBIA, que conforme Silva (2015, p.58) ressalta, apresentava

[...] diretrizes, informações, conteúdos teóricos, marcos normativo e legal, conceitos básicos e sugestões de dinâmicas/oficinas práticas para os educadores trabalharem o tema em toda comunidade escolar, visando à reflexão, compreensão, confronto e eliminação da homofobia.

Exatamente para auxiliar os professores em ações educativas sobre conceitos de gênero e identidade sexual, conquistas e desafios LGBT por sua cidadania, estereótipos criados em tornos dos gays, lesbicas, bissexuais, transexuais e travestis, bem como a diversidade sexual na escola (Silva, 2015).

No entanto compreendemos que antes mesmo de 2018, este material já gerava grandes discussões e polêmicas, não só pelas frentes conservadoras do país como políticos da bancada religiosa, mas também pelas

mídias sociais e pessoas de senso comum e infelizmente em 25 de maio de 2011 o material foi vetado pela presidente Dilma Rousseff, após ser pressionada por políticos do Congresso Nacional (Silva, 2015).

Assim, o fez e este projeto que demandou 1,8 milhões de investimento, ficou então engavetado e questões importantes sobre a sexualidade volta a ser silenciada. No entanto em 2018 diante da figura de Jair Messias Bolsonaro, a discussão volta à tona a partir de suas declarações inadequadas, bem como pelas suas afirmações que alegavam que o material poderia instigar os alunos à homossexualidade, mostrando o contrário do que de fato era proposto. Conforme, Junior & Maio (2014) as cartilhas

[...] debatiam temas como: o que é ser homem ou mulher? As diferenças entre os indivíduos. Tratavam sobre o preconceito e a orientação sexual. Contornavam as novas configurações familiares. Discutiam sobre a homofobia, a questão de gênero e a bissexualidade. Definiam a transexualidade e estimulavam o respeito às travestis (p.11).

Desta forma, observamos que os materiais do projeto BRASIL SEM HOMOFOBIA, de fato, vinham para mostrar aos alunos a diversidade sexual existente na sociedade, bem como auxiliar os professores nesse diálogo necessário, que embora tendo sua importância na formação dos indivíduos, tende a ser pouco debatido no ambiente escolar, pelas poucas contribuições que os materiais já existentes no currículo escolar trazem. Visto que o livro didático que para esta pesquisa foi analisado, bem como os PPPs das escolas do município e a BNCC, se mostraram minimalistas em relação a esta questão.

No entanto, na campanha eleitoral em 2018, quanto toda essa questão volta à tona em um momento político em que toda e qualquer informação por vezes torna-se escândalo, a sexualidade mais uma vez ganhou grande destaque, deixando evidente, a resistência de uma parcela da sociedade, em acreditar na importância da sexualidade ser trabalhada no contexto da escola, inclusive de bancadas religiosas que preferem deixar esta temática silenciada, pelas diversas significações que a sexualidade está inserida no contexto religioso. Convém salientar que assim como existem religiosos conservadores, existem também religiosos, sejam eles católicos, evangélicos ou de qualquer outra religião, não conservadores e abertos às novas estruturas da sociedade. No entanto, em 2018, quando essa polêmica estava em alta, o que mais se ouvia eram comentários do tipo “se meu filho ter educação sexual na escola, ele não vai” “na hora da aula de educação sexual eu vou buscar meu filho na escola” ... entre diversos outros, de pessoas defensoras da moral e dos bons costumes, que concordavam que a escola não era lugar de tratar sobre sexualidade, e que essa questão deveria ficar sob responsabilidade única e exclusiva da família, sem se quer possuir o entendimento do que é de fato sexualidade e educação sexual na escola.

Momento este que, nos fez refletir. Como os professores vão falar sobre sexualidade agora em sala de aula? Como os pais vão enxergar as aulas de ciências que mais especificamente explanam sobre a temática da sexualidade? Será que os professores deixarão de falar sobre a sexualidade em sala de aula, depois de observarem tantas resistências? Como a escola vai reagir diante de toda essa situação, quando precisar trazer

assuntos relacionados a sexualidade para o seu ambiente? Será que os professores ficarão com medo de falar sobre esse assunto em sala de aula

Visto que o principal objetivo desta pesquisa é compreender qual a concepção dos professores frente às questões de sexualidade em sala de aula, uma vez que estes podem ter se sentido intimidados em falar deste assunto em sala de aula, depois do período político de 2018.

Assim, ao questionarmos os professores, como eles se sentem em falar sobre este assunto depois do período político de 2018, em sala de aula (quadro 11) e como era antes desse período, observamos resistência de pais, alunos e colegas em falar sobre a temática (quadro 12) de acordo com as seguintes respostas:

**QUADRO 11:** Como se sentem em falar sobre a sexualidade em sala de aula depois do período político de 2018.

<b>COMO SE SENTEM EM FALAR SOBRE SEXUALIDADE EM SALA DE AULA DEPOIS DO PERÍODO POLÍTICO DE 2018</b>
Normal, tento ajudá-los da melhor maneira possível, esclarecendo e informando corretamente sem preconceito
Tranquilo, não me sinto intimidada ou medo. Porém peço a todos que desliguem o celular e o guarde na mochila, assim evita-se frases desencontradas.
Mesma forma que trabalhava antes.
Costumo deixar sempre claro o objetivo na aula (no início) fazer registro nos cadernos dos tópicos estudados. E assim me sinto segura.
Não sinto dificuldade.
Eu não percebi diferença. Eu sempre trabalhei com muito respeito e cuidado nunca queimando as etapas do adolescente.

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

**QUADRO 12:** Como era falar sobre a sexualidade antes do período político de 2018. Se perceberam resistência de pais, alunos e colegas.

<b>COMO ERA FALAR SOBRE A SEXUALIDADE ANTES DO PERÍODO POLÍTICO DE 2018. SE PERCEBERAM RESISTÊNCIA DE PAIS, ALUNOS E COLEGAS.</b>
Para mim normal, eu não percebi grandes diferenças.
Sempre continua normal.
No colégio onde trabalho não percebi diferença.
Muito colegas possuem resistência, porém se houver planejamento não há problemas.
Não.
No meu caso nada mudou. Nem uma resistência.
Não trabalhei antes de 2018.

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

Analisando essas respostas, identificamos que, mesmo após um período de turbulências, em relação à temática da sexualidade ser trabalhada em sala de aula, os professores destacaram não se sentirem, intimidados ou com dificuldades em falar sobre o assunto. Relataram, não perceberem diferença após esse

período. Como, também responderam não terem percebido grandes resistências de pais, colegas e alunos sobre a questão ser trabalhada no espaço escolar.

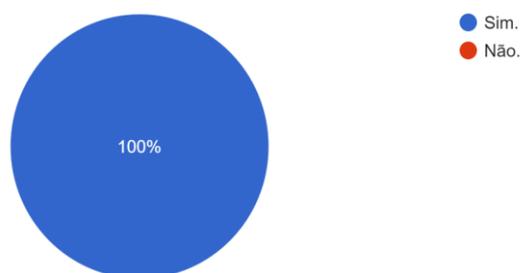
Acreditamos, assim como Aquino (1997) que “As sociedades precisam tomar conta da sexualidade, aceitá-la como uma manifestação natural e propiciar algumas possibilidades para sua expressão e elaboração” (p.77). E entendemos que para isso a escola possui um papel muito importante e que não há como se negar a falar sobre o assunto nesse meio, visto que a sexualidade de todos os indivíduos está presente de forma constante se expressando a todo momento.

E sobre o apoio aos professores diante da temática da sexualidade, interessante que todos os respondentes nessa pesquisa, afirmaram possuir apoio da escola para trabalhar questões voltadas para a temática da sexualidade, conforme mostra o gráfico a seguir.

**GRÁFICO 01:** Apoio aos professores para trabalhar questões voltadas para a sexualidade em sala de aula

Você percebe que a escola lhe apoia para trabalhar as questões de sexualidade em sala de aula?

8 respostas



E quando pedimos para justificar de que forma essa instituição, os apoia, tivemos as seguintes respostas.

**QUADRO 13:** De que forma a escola apoia o trabalho da sexualidade em sala de aula.

<b>DE QUE FORMA A ESCOLA APOIA O TRABALHO DA SEXUALIDADE EM SALA DE AULA</b>
Sempre tive autonomia em relação aos conteúdos trabalhados.
Contextualizar, problematizar e partir da curiosidade e interesse dos nossos alunos.
Busca de profissionais da área para palestras, conversas entre outros.
De forma natural, leve e esclarecedora. Como trabalhamos outros sistema e assuntos. De forma dialogada e expositiva.
Assim como em outros assuntos, a escola, dá apoio e liberdade que conteúdos de ciências possam ser trabalhados em sala de aula.
Convidando pessoas para fazer falas relacionada aos assuntos propostos.
Apoiando as minhas decisões.

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

No entanto, a partir destas respostas, compreendemos que, a forma de apoio dentre as escolas que aqui foram pesquisadas, se diferenciam, visto que umas apoiam as decisões dos professores, outras o seu apoio se mostra pelas suas próprias ações de trazerem pessoas de fora para explicar sobre o assunto, bem como pela própria liberdade e autonomia que oferece aos professores para desenvolverem o seu trabalho.

Assim, podemos conceber que, ação da escola em dar apoio aos professores é fundamental, visto que se essa instituição se mostrar contrária ou não apoiar os professores em suas atividades em relação a temática da sexualidade, ou até mesmo em qualquer outro assunto, como que os professores farão um trabalho assertivo e de qualidade? A atitude da escola em não apoiar os professores, pode trazer consequências negativas quando o assunto é sexualidade, uma vez que essa ação reforça a ideia de que a sexualidade deve ser silenciada por ser tratada por muitas pessoas, em nossa sociedade, ainda como tabu, como algo pecaminoso e vergonhoso.

Por isso, a importância de a escola abrir espaços para que esse assunto chegue em seu interior, a fim de orientar e auxiliar os alunos em suas vidas fora e dentro do espaço escolar. Mas e como seria para a escola abrir espaços para abordar a sexualidade? Para entendermos melhor esse contexto, fizemos exatamente esse questionamento aos professores e obtivemos as seguintes respostas.

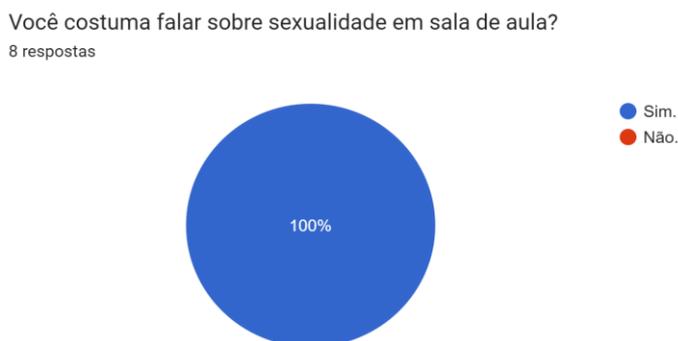
**QUADRO 14:** A concepção dos professores sobre a importância das escolas abrirem espaços para falar sobre a sexualidade.

<b>A CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS ESCOLAS ABRIREM ESPAÇOS PARA FALAR SOBRE A SEXUALIDADE</b>
Seria com trazer pessoas diferentes para ministrar palestras.
Sim, o conhecimento sobre o corpo, cuidados, higiene e prevenção a infecções e gravidez é de sua importância.
Acredito que é um local que muitos alunos tem como referência para buscar o entendimento do assunto.
Precisamos conhecer nosso corpo, para poder cuidar do mesmo.
Interessante trazer para a escola profissionais da área da saúde para falar de métodos contraceptivos e ISTs.
Por muitas vezes a escola é a única fonte de informação correta.
Seria muito importante trazer especialistas no assunto para expor o conhecimento.

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

Averiguamos então que, todos os professores, além de compreenderem a necessidade da escola em abrir espaços para falar sobre a sexualidade, abarcam a real necessidade dos alunos terem acesso a conteúdos sobre o próprio corpo, cuidados de si, prevenção, gravidez, métodos contraceptivos e ainda a terem acesso a outros profissionais especialistas nesses assuntos para expor conhecimentos e informações. Uma vez que os professores vislumbram que a escola, por vezes, pode ser o único local de referência para os alunos buscarem este tipo de conhecimento. Para tanto, ao perguntarmos se eles costumam falar sobre essa questão em sala de aula (gráfico 01) e como se sentem ao serem questionados sobre questões voltadas para a sexualidade, estes nos deram as seguintes respostas.

**GRÁFICO 02:** Os professores costumam falar sobre sexualidade em sala de aula.



**QUADRO 15:** Como os professores se sentem em falar sobre a sexualidade em sala de aula.

<b>COMO OS PROFESSORES SE SENTEM EM FALAR SOBRE A SEXUALIDADE EM SALA DE AULA</b>
Tento explicar da melhor maneira possível, evitando que façam comentários homofóbicos a respeito do tema.
Respondo a curiosidade de cada um.
Muitas vezes recatados no início da abordagem mas que com o passar eles sentem que não precisam ficar com vergonha, que a dúvida de um é a mesma do outro numa questão científica.
Normal, faz parte dos assuntos estudados. Então como professora preciso ter conhecimento ou pesquisar sobre.
Uns envergonhados, outros mais recatados, mas em geral com curiosidade sobre o assunto.
Eu me sinto tranquila e busco sempre esclarecer as dúvidas.
Tranquila.

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

Observamos que todos os professores costumam falar sobre sexualidade em sala de aula, bem como não demonstraram, através de suas respostas, sentirem dificuldades em falar sobre o assunto. Responderam que tentam ser o mais claro possível frente às dúvidas e conteúdos repassados aos alunos, uma vez que percebem que alguns ficam um tanto quanto envergonhados e recatados em falar sobre o assunto.

Muito embora, percebam este sentimento dos alunos, para com o assunto, os professores nos relataram perceberem o grande interesse que esses possuem em falar sobre a questão, principalmente quando chegam no oitavo ano, em que esse assunto é mais discutido, até mesmo nos materiais disponíveis na escola.

E apesar de 62,5% dos professores terem respondido em nossa pesquisa que acreditam que os alunos já possuem muito conhecimento sobre a questão da sexualidade, 32,5% acreditam que eles ainda não possuem, por muitas vezes terem somente conhecimentos prévios e rasos sobre o assunto e não terem uma compreensão mais científica e aprofundada (quadro 13) necessitando que esse assunto seja tratado de maneira científica, no ambiente escolar.

**QUADRO 16:** Percepção dos(as) professores(as) sobre o conhecimento dos alunos dos oitavos anos do ensino de ciências sobre a sexualidade

<b>PERCEPÇÃO DOS(AS) PROFESSORES(AS) SOBRE O CONHECIMENTO DOS ALUNOS DOS OITAVOS ANOS DO ENSINO DE CIÊNCIAS SOBRE A SEXUALIDADE</b>
Acredito que eles possuem um certo conhecimento adquirido em jornais ou redes sociais.
Porém o conhecimento é raso, precisa se aprimorado com conhecimento científico.
Conhecimentos prévios, mas sem muito conhecimentos científico.
Muitos já possuem vida sexual ativa, e trazem conhecimentos de familiares, amigos e pesquisas da internet. Bem como o conteúdo visto no 5º ano do ensino fundamental 1.
Muitos ainda não entendem que algumas doenças podem ser transmitidas por bactérias, outras por vírus e fungos ou artrópodes. Alguns confundem identidade de gênero com orientação sexual. Tem muitas dúvidas com relação ao próprio corpo em transformação. Nem todos tem acesso a consulta médica e exames de rotina para tratar problemas relacionados ao aparelho reprodutor tanto feminino quanto masculino.
Para aqueles que possuem acesso às tecnologias sim. Hoje está tudo disponível nas mídias.

(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

Desta forma, afirmamos que mesmo os alunos tendo acesso a muitas formas de conseguir captar conhecimento e mesmo a maioria dos professores acreditarem que os alunos possuem muito conhecimentos sobre a temática, é extremamente necessário que o professor esteja preparado para suas demandas diárias e como observamos através do questionário aplicado. Todos mostraram se sentirem preparados para tal atividade, o que nos deixa em dúvida, visto que apesar de todos possuírem formação em ciências, nenhum possui formação específica em educação sexual e de todos os professores 75% tiram um tempo para estudar sobre a temática e a pergunta então é COMO ENTÃO QUE TODOS SE SENTEM PREPARADOS? E O QUE TRABALHAM SOBRE O ASSUNTO PARA NÃO TEREM SIDO IMPACTADOS PELOS DISCURSOS DE 2018?

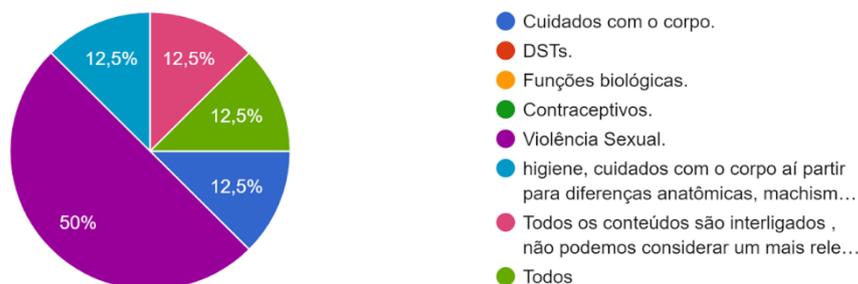
Salientamos, que a forma como cada professor enxerga a sua preparação é de maneira muito subjetiva, pois sabemos que para um profissional, seja ele professor ou não, não basta apenas possuir uma formação, ou ainda tirar um tempo para estudar sobre o assunto. É necessário agregar mais elementos que possam fazer o professor não só se sentir preparado, como estar preparado para tal atividade, uma vez que sentir se refere a ter consciência de sua preparação. No entanto, estar preparado, é de fato apresentar tal condição. Ou seja, o estar é como se fosse uma afirmação do sentir-se preparado.

Portanto, ao questionarmos os professores pesquisados sobre o que eles consideram mais relevante a escola trazer para o contexto da sala de aula, quando falamos de sexualidade, recebemos como respostas de 50% deles, a violência sexual, conforme gráfico a seguir.

**GRÁFICO 03:** O que os(as) professores(as) acreditam ser mais relevante a escola trazer para a sala de aula, quando se trata de sexualidade.

Assinale o que você considera mais relevante a escola trazer para a sala de aula, quando se trata de sexualidade?

8 respostas



(Fonte: Souza e Gagliotto; 2023).

Fomos surpreendidas porque esperávamos que as funções biológicas ganhassem relevância, uma vez que esse assunto é um dos mais discutidos em sala de aula, mas que aqui ficou sem destaque. Será por que ela de fato é a mais discutida atualmente?

É comum vermos as funções biológicas saírem na frente, em todos os documentos que regem o currículo escolar e, talvez, por já ser um dos assuntos mais discutidos em sala de aula. Os professores podem ter analisado que além destes assuntos, existem tantos outros elementos que fazem parte da sexualidade e que por vezes acabam não aparecendo nos documentos e materiais disponíveis na escola, mas que também precisam ser discutidos nesse ambiente.

Desta forma, consideramos que eles compreendem que precisam e devem trazer para o espaço da sala de aula, assuntos que vão além dos materiais disponíveis na escola e que estes materiais servem para nortear o trabalho, o que significa que é possível que o professor adapte os conteúdos de acordo com a realidade vivenciada por eles.

Nossa análise a partir da questão que os professores trouxeram a violência sexual como um assunto pertinente, no contexto da sala de aula, concordamos com Facuri et. al (2013) para justificar que “a violência sexual é um problema de saúde pública global” (p.01) e por isso pode ter aparecido como um assunto principal visto pelos professores a ser discutido em sala de aula.

Uma vez que a violência sexual pode trazer inúmeros problemas para a saúde física e psicológica dos indivíduos, conforme retrata o ministério da saúde (1998)

A violência sexual pode levar diretamente à gravidez indesejada ou a doenças sexualmente transmissíveis, entre elas, a infecção pelo HIV, influenciando sobre o uso de anticoncepcionais e sobre a adoção de práticas de autocuidado, assim como tem grande impacto sobre o estado psicológico [...] (p.08).

Observamos que a violência sexual possui impacto na vida das pessoas e por isso a importância de falar sobre ela. Visto que é necessário ensinar aos nossos adolescentes a identificarem o que caracteriza a violência sexual, para que a reconheçam e se sintam seguros e confiantes em contar para alguém de sua confiança, ao passar por uma situação que possa caracterizar violência sexual ou até mesmo para preveni-la.

E esse é o momento em que a escola assume, também, um papel primordial, visto que essa questão, assim como tantas outras, rondam a sexualidade, podem não serem discutidas no espaço familiar, conforme citado por Viodres e Ristum (2008) “Estudos sobre violência sexual contra crianças e adolescentes indicam que familiares e conhecidos são os maiores agressores (p.01).

Assim, concordamos que a escola tende a ser um espaço em que crianças e adolescentes podem se sentir seguros em falar sobre essa questão e inclusive pode ser um local em que é possível, junto com os alunos, detectar situações que estejam ocorrendo no âmbito familiar ou até mesmo fora dele, que podem caracterizar violência sexual.

Desta forma, afirmamos que a escola deve se apresentar para os alunos, como um ambiente de proteção e alternativa de apoio quando se trata de sexualidade. Visto que é na escola onde se adquire muito conhecimento sobre o mundo. Um lugar que tem o poder, não só de ensinar conteúdos básicos, mas que também é possível aprender através da experiência de outras pessoas, sejam elas professores ou alunos, pois na escola existem aquele que ensina aprendendo, os que aprendem ensinando e ainda os que aprendem, aprendendo e ensinando. Por isso o valor da escola é imensurável, pois é nela que os alunos encontram amigos, constroem novas relações, estimulam suas habilidades e se descobrem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de toda a pesquisa realizada, a qual considera a sexualidade como ponto de partida e possui como objetivo geral investigar qual a concepção dos(as) professores(as) do ensino de ciências, dos oitavos anos do ensino fundamental, frente às questões da sexualidade em sala de aula, nas escolas públicas estaduais do município de Dois Vizinhos no sudoeste do Paraná. Os objetivos específicos estiveram em compreender, historicamente, a sexualidade, bem como analisar como ela está disposta nos documentos da escola (BNCC, PPPs, PCNs, e o livro didático) e na concepção dos(as) professores(as).

Consideramos a partir da análise histórica da sexualidade que não é de hoje que ela é reprimida e vista com um tabu, pois em diversos momentos da história observamos o quanto ela era direcionada para uma visão negativa, principalmente pelo cristianismo que pregava como pecado, todo e qualquer ato que desviasse da reprodução, ação que deveria ser o único e exclusivo objetivo da sexualidade.

Visto que, ao longo da história jamais a sexualidade deveria ser vista para além da reprodução, pois como destaca Nunes (1987) a civilização cristã acreditava fielmente que o sexo estava preso à ideia de pecado e maldade se fugisse do objetivo da procriação. O que conseqüentemente começou a gerar medos, pré-conceitos e dificuldades nas sociedades em relação à temática, que até nos dias atuais assume esta posição, gerando repercussão toda a vez em que a sexualidade entra em cena.

Mas com o passar da história, observamos que a visão sobre a sexualidade foi se transformando, à medida que os homens foram a compreendendo; contudo podemos afirmar que a sexualidade sempre esteve ligada a questões biológicas, o que perdura fortemente até os dias atuais.

Uma vez que, ao analisarmos os documentos presentes nas escolas, os que retratam sobre a temática da sexualidade, em sua grande parte, descrevem questões relacionadas ao corpo humano (sistema reprodutor, DSTs, transformações do corpo, métodos contraceptivos, etc...), sendo pouco apresentadas outras dimensões da sexualidade de cada um de nós, como identidade de gênero, orientação sexual e diversidade sexual que concebe o respeito com a diferença, presente em nossa sociedade.

Dado que, diante dos documentos analisados identificamos que tanto no PCN, documento não obrigatório e o mais antigo que aqui foi analisado, bem como a BNCC que rege de forma obrigatória a educação brasileira atualmente, seja ela pública ou privada, apresentam como proposta, em relação ao trabalho com a sexualidade questões voltadas para o corpo biológico, mas também assumem a importância de trabalhar as múltiplas dimensões da sexualidade.

Nestes dois documentos, identificamos que apesar de ambos trazerem que a sexualidade deve ser trabalhada em todas as suas dimensões em sala de aula, os PCNs, aprofundam mais outras dimensões (relações preconceituosas, tema polêmico, questões sociais, orientação sexual, identidade de gênero, etc...), além da biológica, reconhecendo, na descrição do documento que, a sexualidade perpassa a potencialidade reprodutiva e se relaciona com o prazer e o desejo de cada ser humano, que se manifesta em todas as etapas do desenvolvimento humano, constituindo os sujeitos ao longo de suas vidas.

Diferente da BNCC, a qual observamos que traz de forma bem sucinta as outras dimensões da sexualidade, que devem ser trabalhadas, no contexto da sala de aula, enfatizando muito mais a potencialidade reprodutiva do que qualquer outra dimensão.

Desta forma, compreendemos que mesmo os PCNs sendo documentos mais antigos que a BNCC, retrata e reflete muito mais as outras dimensões da sexualidade do que a própria BNCC que é utilizada atualmente. Isso porque o PCN traz de forma muito clara e explicativa, as diversas questões que norteiam o trabalho da sexualidade, em sala de aula. Visto que os próprios documentos reconhecem e apontam a importância de trabalhar questões voltadas para a sexualidade em sala de aula, as quais não só possibilitam ações preventivas, mas também o desenvolvimento saudável da vida psíquica dos seres humanos. O que nos mostram um avanço maior em relação à sexualidade do que a BNCC, a qual, traz de forma breve, a importância das outras dimensões, inclusive as apresentam, de forma complementar, junto aos assuntos considerados principais de serem trabalhados no contexto da sala de aula. Já, este atual documento não traz a sexualidade como um tema transversal, ou seja, como um tema que deveria perpassar também, outras áreas do conhecimento.

Assim observamos também, em nossa análise do livro didático do oitavo ano do ensino fundamental, o qual utilizamos para esta pesquisa, que a BNCC reflete de maneira significativa neste documento orientador da prática pedagógica, visto que, o livro retrata exatamente o que está disposto na BNCC, também trazendo de forma muito sucinta outras dimensões da sexualidade, para além da potencialidade reprodutiva e assim como na BNCC, os traz como último item a ser trabalhado na disciplina de ciências.

Da mesma forma, observamos na análise dos PPPs, que uma grande parte deles não retrata as outras dimensões da sexualidade como a identidade de gênero, orientação sexual, etc... que devem ser trabalhadas no contexto da sala de aula, assim como averiguamos que existem PPPs que nem se quer apontam a importância da sexualidade, nem mesmo em suas questões mais básicas, as quais consideramos aqui, as biológicas. Igualmente pudemos verificar ainda que alguns PPPs, mesmo percebendo a importância da questão ser trabalhada, as trazem de maneira muito sucinta ou até mesmo apenas voltada para as questões biológicas, que não deixam de refletir a própria BNCC.

Sendo assim analisamos, que de todos os PPPs, poucos foram o que realmente percebem a importância de um trabalho que contemple a sexualidade, em seus aspectos gerais, assim como a grande maioria não são atualizados anualmente, o deveria ocorrer para promover uma educação de qualidade, uma vez que a cada ano as gerações mudam e este documento precisa acompanhar essas mudanças, já que os PPPs devem acompanhar a realidade de cada instituição.

E por fim na pesquisa a campo, em que aplicamos um questionário aos professores do ensino de ciências, dos oitavos anos do ensino fundamental, que precisam trabalhar questões voltadas à sexualidade, exatamente pelos próprios documentos que regem a educação brasileira trazerem esta questão com mais afinco neste ano e nesta disciplina.

Identificamos que, quando se trata de sexualidade em sala de aula, todos os professores demonstraram através de suas respostas estarem preparados para falar sobre o assunto, bem como a grande maioria informou que se dedica em estudar sobre a questão, pois compreendem as mudanças que ocorrem nesta área de conhecimento e que exige deles constante desenvolvimento, para que possam trazer informações assertivas para a sala de aula.

E que mesmo em meio ao caos de 2018, em que a sexualidade voltou ao palco, por ser um assunto que abrange diversas questões que norteiam valores e crenças, nenhum(a) professor(a) informou ter deixado de falar sobre o assunto em sala de aula, destacando em suas respostas que continuaram a realizar o trabalho sobre sexualidade, sem nenhuma dificuldade, sempre com muito cuidado e respeito para com os adolescentes conforme a descrição da resposta de um dos professores.

Bem como, observamos, ainda que, a grande maioria dos professores destacaram não terem percebido nenhuma diferença em trabalhar questões voltadas para a sexualidade se compararmos o antes e depois do período político de 2018, o que nos faz voltarmos à nossa hipótese inicial, de que, após este período, os professores poderiam ter deixado de falar sobre a sexualidade em sala de aula por se sentirem intimidados, visto a grande repressão que há, quando o assunto é sexualidade.

Assim, salientamos que, mesmo avistando esta contradição entre a hipótese inicial levantada e a resposta dos professores, o contexto político, pode não ter influenciado a forma como os professores retratam a sexualidade em sala de aula, pelo próprio documento norteador do dia a dia do professor, o livro didático, não trazer muitos detalhes sobre a dimensão da sexualidade de forma ampla e sim de maneira sucinta.

Mas, declaramos que os PPPs, os quais citamos aqui, podem demonstrar essa resistência vinda dos profissionais da educação, em falar sobre a sexualidade, que por vezes não é dita de forma verbal pelos professores, visto que analisamos vários PPPs que nem se quer traziam a palavra sexualidade em seu texto.

Entretanto, vale lembrar que a luta por uma educação sexual ampla que trabalhe todas as dimensões da sexualidade, bem como oportunize aprendizagens de igualdade aos alunos, deve continuar, pois precisamos melhorar os documentos atuais que regem a educação básica, a fim de desmistificar toda a incompreensão e tabus que envolvem a sexualidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. **A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem.** Acta Paulista de Enfermagem, v. 22, p. 71-76, 2009.

ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais.** Revista Estudos Feministas, v. 9, p. 575-585, 2001.

AMORIM, Karla Patrícia Cardoso. **Ética em pesquisa no sistema CEP-CONEP brasileiro: reflexões necessárias.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 24, p. 1033-1040, 2019.

AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus. 1997.

ARARIBÁ mais: ciências: **manual do professor/organizadora editora moderna;** obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela editora moderna; Máira Rosa Carnevalle. – 1. Ed. – São Paulo: Moderna, 2018.

BANZATO, Denise Salete Gomes; GRANT, Walkíria Helena. **Sexualidade em sala de aula: representações em entrevista de professores.** Estud. psicol. (Campinas), v. 17, n. 1, p. 5-14, 2000.

BARBOSA, Márcia Silvana Silveira. **O PAPEL DA ESCOLA: Obstáculos e desafios para uma educação transformadora.** Dissertação de mestrado. Porto Alegre. 2004.

BARDIN. Laurence. **Análise de Conteúdo.** Tradução Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo. 2016.

BENITEZ, Silvio; SOUZA, Silvana Aparecida de. **O materialismo histórico dialético enquanto enfoque metodológico para Pesquisas sobre políticas públicas da Educação.** VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL TEORIA POLÍTICA DO SOCIALISMO, 2014.

BLOISE, Denise Martins. **A importância da metodologia científica na construção da ciência.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, p. 105-122, 2020.

BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas: contradições, limites e possibilidades.** Campinas/SP 2009.

BORGES, Livaneide Cavalcanti et. al. **O impacto da gravidez na vida escolar do adolescente.** Universidade do Vale do Paraíba. 2013.

BRANDÃO, Jefferson Dagmar Pessoa. **O papel do livro didático no processo de ensino aprendizagem: uma introdução do conceito de função.** Monografia (Especialização em Educação Matemática). Campina Grande: UEPB, 2013.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2022: notas estatísticas.** Brasília, DF: Inep, 2023.

BRASIL, Senado Federal. **Constituição da república federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei 8.069/90. Brasília. 2021.

BRASIL. MEC. SEF. **Referenciais para formação de professores.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde da mulher prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes.** Brasília.1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva.** Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 126p. 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2018. Acesso em 08 de agosto de 2021, disponível em:

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf).

BRILHANTE, Aline Veras Moraes; CATRIB, Ana Maria Fontenelle. **Sexualidade na adolescência**. Femina, 2011.

BRITTOS, Eritânia Silmara; SANTOS, Aline Bruna; GAGLIOTTO, Gisele Monteiro. **A Importância da Educação Sexual na Formação de Professores: O Projeto Laboratório de Educação Sexual Adolescer e a Intervenção necessária junto aos adolescentes no espaço escolar**. III Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2013.

CABRAL, R.; ROMEIRO, A. **Sobre a sexualidade controlada: poder e repressão sexual em Michel Foucault**. Educação, Batatais, v. 1, n. 1, p. 87-106, 2011.

CARLOMAGNO, Márcio C.; DA ROCHA, Leonardo Caetano. **Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica**. Revista Eletrônica de Ciência Política, v. 7, n. 1, 2016.

CELANI, Maria Antonieta Alba. **A educação continuada do professor**. Ciência e Cultura, v.2, n.40, p. 158-163, fev. 1988.

CÉSAR, M. R. A. de. **A invenção da “adolescência” no discurso Psicopedagógico**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1998.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo. **Governamento e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios**. Educar em Revista, p. 141-155, 2017.

DA SILVA, Juliana Collares et al. **Gênero e Sexualidade na BNCC: uma análise sob a perspectiva freiriana**. Diversidade e Educação, v. 8, n. 2, p. 152-176, 2020.

DE MACEDO NETO, Manoel Pereira. **Parâmetros Curriculares Nacionais De História: desafios e possibilidades da história ensinada na Educação Básica.** Revista Eletrônica História em Reflexão, v. 3, n. 6, 2009.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS SEXUAIS. 1999. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/dedi/declaracao\\_direitos\\_sexuais.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/dedi/declaracao_direitos_sexuais.pdf).

DUARTE, A. J. O. **Religião e comportamento sexual: concepções cristãs sobre sexualidade.** Relegens Thréskeia, 6 (1), 74-98. 2017.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 1972.

FACURI, Cláudia de Oliveira et al. **Violência sexual: estudo descritivo sobre as vítimas e o atendimento em um serviço universitário de referência no Estado de São Paulo, Brasil.** Cadernos de Saúde Pública, v. 29, p. 889-898, 2013.

FARIAS, Thaiz Maira da Silva; NANTES, Elaine da Silva; AGUIAR, Sirlei Maria de. **Fases Psicosssexuais Freudianas.** Simpósio Internacional de Educação Sexual. UEM. 2015.

FAZENDA, Ivani. **Metodologia da Pesquisa Educacional** – 12.ed – São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRA, Bruno; MACHADO, Luisa Aguiar; PEDREIRA, Ana Júlia Lemos Alves. **O tema sexualidade humana nos livros didáticos de Biologia mais distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático 2015.** Educação em Perspectiva, v. 11. 2020.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade.** Londrina: UEL. 2007.

\_\_\_\_\_, Mary Neide Damico. **Educação sexual no dia a dia.** Londrina: Eduel, 218p. 2013.

\_\_\_\_\_, Mary Neide Damico. **Educação sexual: em busca de mudança.** Londrina: UEL, 2009.

\_\_\_\_\_, Mary Neide Damico. **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível,** 2. Ed – Londrina: Eduel. 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber** (1926-1984). Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra 2020.

\_\_\_\_\_, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2004.

FRADE, Alice, Marques, A., Alverca, C. & Vilar, D. **Educação sexual na escola: guia para professores, formadores e educadores**. Lisboa: Texto editora. 2010.

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 6: **três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)**. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2016.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A educação sexual na escola e a pedagogia da infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias**. Campinas/SP. 2009.

\_\_\_\_\_, Giseli Monteiro. **A educação sexual na escola e a pedagogia da infância: Matrizes Institucionais, Disposições culturais, Potencialidades e Perspectivas**. Jundia. Paco editorial: 2014.

\_\_\_\_\_, Giseli Monteiro. **Sexualidade, educação sexual, pedagogia e formação de professores: aspectos filosóficos, culturais, históricos e institucionais**. 1.ed – Curitiba: Brasil Publishing, 2020.

GARRITANO, Eliana Julia; SADALA, Gloria. **O adolescente e a cultura do corpo: uma visão psicanalítica**. Polêm! ca, v. 9, n. 3, p. 56-64, 2010.

Gil, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GUEDES, Josenilson Viana; SILVA, Angela Maria Ferreira da; GARCIA, Luciane Terra dos Santos. **Projeto político-pedagógico na perspectiva da educação em direitos humanos: um ensaio teórico**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 98, p. 580-595, 2017.

GUIMARÃES, Mesquita; SOBRAL, Francisco; MENEZES, Isabel. **Adolescência na escola: o desafio do desenvolvimento integral**. Um estudo sobre as opções pedagógicas e organizacionais de uma escola Kentenichiana. Revista Interações, p. 82p.-109, 2007.

GUTIERRA, Beatriz Cauduro Cruz. **Adolescência, psicanálise e educação: o mestre “possível” de adolescentes** – São Paulo: Avercamp, 2003.

JÚNIOR, de Oliveira Isaias Batista; MAIO, Eliane Rose. **Kit gay:'dá para continuar discutindo esse assunto**. Revista latino-americana de geografia e gênero, v. 5, n. 1, p. 208-227, 2014.

KNOBEL, M., & ABERASTURY, A. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artemed.1981

LE BRETON, D. **Uma breve história da adolescência**. Belo Horizonte: Ed. PUC. 2017.

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem**. Obtido a, v. 9, n. 1, p. 1-28, 2011.

LORENZI, Franciele. **A Educação Sexual na formação do/a pedagogo/a no estado do Paraná**. Francisco Beltrão (PR). 2017.

MAIA, Bortolozzi Cláudia Ana. **Sexualidade e educação sexual**. 2014.

MAROUN, Kalyla; VIEIRA, Valdo. **Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade**. Psicologia em Revista, v. 14, n. 2, p. 171-186, 2008.

MARX, Karl. 1818-1883. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Tradução e notas Nélcio Schneider; prólogo Herbert Marcuse. São Paulo: Boitempo, 2011.

MELO, Waisenhowerk Vieira de; BIANCHI, Cristina dos Santos. **Discutindo estratégias para a construção de questionários como ferramenta de pesquisa**. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v. 8, n. 3, 2015.

MENIN, Franciéle Trichez et al. **Sexualidade, adolescência e educação sexual a partir dos quereres e poderes da internet.** 2017.

MIRANDA, Margarete Parreira. **Adolescência na escola – Soltar a corda e segurar a ponta;** ilustração Sandra Bianchi, - Belo Horizonte: Formato editorial, 2001.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. **Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 44, p. 205-212, 2010.

NACIONAIS, I. A. P. C. **Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental.** Brasília: MEC-Secretaria de Educação Fundamental. 1998.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Educa. Lisboa. 2002.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade.** SP: Papyrus, 1987.

NUNES, Cesar Aparecido; SILVA, Edna. **A educação sexual das crianças.** Campinas, Autores Associados, 2000.

\_\_\_\_\_, César; SILVA, Edna. **Sexualidade(s) adolescente(s): uma abordagem didática das manifestações da sexualidade na adolescência.** Florianópolis, SC, Sophos, 2001.

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro; CALDEIRA, Rachel Cherubini Tomedi. **Formação de professores: um investimento em autoconhecimento.** Revista Psicopedagogia, v. 24, n. 74, p. 169-181, 2007.

PEREIRA, Ricardo Marcelo. **A impostura do mestre –** Belo Horizonte/MG. Argvmentvm, 2008.

PIMENTEL, Gisele Arendt. **Sexualidade e Agressividade do Adolescente no espaço escolar: contribuições psicanalíticas.** Francisco Beltrão – 2017.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a educação.** Interface-comunicação, saúde, educação, v. 1, p. 83-94, 1997.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual de Dois Vizinhos/PR – Ensino Fundamental Médio e Profissional – Dois Vizinhos/PR - 2021.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual do Campo de São Francisco do Bandeira – Ensino Fundamental e Médio – Dois Vizinhos/PR – EFM/2021.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual do Campo Germano Stédile – Ensino Fundamental e Médio. Dois Vizinhos/PR. 2021.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual do Campo Linha Conrado - Ensino Fundamental. Dois Vizinhos/PR. 2021.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Duque de Caxias – Ensino Fundamental Anos Finais. 2020.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual José de Anchieta – Ensino Fundamental e Médio. Dois Vizinhos/PR. 2022.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Leonardo da Vinci – Ensino Fundamental, Médio, Normal e Profissional. Dois Vizinhos/PR. 2020.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Monteiro Lobato – Ensino Fundamental e Médio. Dois Vizinhos/PR. 2021.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Paulo Freire – Ensino Fundamental. Dois Vizinhos/PR. 2020.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Vinicius de Moraes Cívico Militar – Ensino Fundamental e Médio. Dois Vizinhos/PR. 2021.

RIBEIRO, Marcos. **Sexo sem mistérios**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos. 1992.

RIBEIRO, Marcos. **A conversa sobre sexualidade na escola: da educação infantil ao ensino médio**. Rio de Janeiro. Wak Editora. 2021.

ROZA, Rosângela da. **Diversidade sexual no espaço escolar: concepções, percepções e práticas de adolescentes em escola pública urbana do sudoeste do Paraná**. Francisco Beltrão/PR, 2017.

SALEM, Maura Lucia Azevedo et al. **A importância da percepção do aluno adolescente na reflexão da prática docente**. 2006.

SAMPAIO, Maria Manuela A. **Escola e educação sexual**. Livros horizonte, 1987.

SANTOS, Jeaneandrea dos Prazeres; SILVA, Grayce Kelli Barbosa; TAVARES, Carla Valéria Ferreira. **Educação em sexualidade: uma abordagem investigativa**. 2018.

SANTOS, Vera Márcia Marques. **Pontes que se estabelecem em educação sexual: um diálogo sobre a formação continuada e os saberes das práticas pedagógicas de professores no Brasil e em Portugal**. 2011. 218f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2011.

SILVA, Airton Marques da. **Metodologia da Pesquisa**. 2. Ed. Ver – Fortaleza, CE: EDUECE, 2015.

SILVA, Edna Aparecida da. Filosofia. **Educação e Educação Sexual: matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da Sexualidade Humana**. 300 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SILVA, Karla Firmino da. **Pedagogia da sexualidade: o papel do professor**. 2016.

SILVA, Maria Leticia Miranda Barbosa da. **O materialismo histórico e sua influência na teoria histórico-cultural**. Tramas para Reencantar o Mundo, n. 1, 2015.

SILVA, Ricardo Desidério da. **Educação audiovisual da sexualidade: olhares a partir do kit Anti-Homofobia**. 2015.

TRIVIÑOS. Augusto Nivaldo Silva, 1928. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2019.

VIANNA, Cláudia Pereira. **O sexo e o gênero da docência**. Cadernos pagu, p. 81-103, 2002.

VIODRES, Inoue Silvia Regina; RISTUM, Marilena. **Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola**. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 25, p. 11-21, 2008.

## APÊNDICES

### Apêndice 01: Carta de Apresentação

#### Carta de Apresentação

Vimos, por meio desta apresentar à vossa instituição de ensino, a acadêmica/ pesquisadora **Andréia de Souza**, portadora da cédula de identidade RG: **12.458.580-5**, devidamente matriculada no **Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Educação – Nível de Mestrado da Universidade Estadual do Oeste de Paraná-UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão-PR, turma 2021.**

Solicitamos o consentimento para a realização da pesquisa de campo descritiva – através da aplicação de um questionário semiaberto (combinado) aos professores/as - indispensável ao desenvolvimento da pesquisa intitulada: **Sexualidade, Adolescência e Educação: as concepções dos(as) professores(as) do oitavo ano nas escolas estaduais do sudoeste do Paraná**, sob a orientação da professora: **Dra. Giseli Monteiro Gagliotto.**

Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

---

**Orientadora**

---

**Mestranda**

**Apêndice 02:** Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Escola

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

(Escola – Colégio Estadual da Rede Pública de Ensino)

Sr./Sra. \_\_\_\_\_

Cargo: \_\_\_\_\_

da(o) Instituição \_\_\_\_\_

Convidamos vossa escola a participar da pesquisa **Sexualidade, Adolescência e Educação: as concepções dos(as) professores(as) do oitavo ano nas escolas estaduais do sudoeste do Paraná**, que esta sendo desenvolvida pela psicóloga Andréia de Souza, acadêmica do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* de Francisco Beltrão-PR.

Esta pesquisa pretende identificar como os professores/as compreendem e abordam a temática da sexualidade em sala de aula. Elegemos professores/as dos oitavos anos do ensino fundamental, pelo fato de serem requisitados a tratar de questões que envolvem a sexualidade em seu trabalho pedagógico, nas temáticas de vida e evolução propostas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Esta base, documento nacional obrigatório, que as instituições escolares precisam seguir, como referencial curricular.

Você estará autorizando a pesquisadora a realizar um procedimento de coleta de dados, na forma de aplicação de questionários semiabertos (combinado), através da plataforma Google Forms, aos professores selecionados, com a sua concordância.

Cada professor/a participante da pesquisa, receberá o link para acesso ao questionário a ser respondido. Salientamos que, a *confidencialidade* das respostas será garantida, bem como o *anonimato* dos/as participantes/as da pesquisa. A participação de todos/as é *voluntária*. Assim, terão autonomia para decidir se querem ou não respondê-lo, bem como desistirem a qualquer momento.

A realização desta pesquisa trará benefícios ao Corpo Docente desta instituição; uma vez que a temática da sexualidade deve ganhar mais espaço no ambiente da escola, onde se dá início à construção do conhecimento interdisciplinar.

Diante de qualquer dúvida, entrar em contato com a responsável pela pesquisa Andréia de Souza, acadêmica do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* de Francisco Beltrão-PR, no endereço: Rua Aníbal Bonatto, 156 – São Francisco Xavier, Dois Vizinhos/PR, CEP: 85.660-000. Telefone (46) 98808-1351.

\_\_\_\_\_  
Andréia de Souza

Declaro ter ciência dos propósitos da pesquisa e concordo que a instituição participe da mesma.

Assinatura

\_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Apêndice 03:** Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professores

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

(Professores)

Sr./Sra. \_\_\_\_\_

Profissional da instituição \_\_\_\_\_

Está convidado(a) a participar da pesquisa **Sexualidade, Adolescência e Educação: as concepções dos/as professores/as do oitavo ano nas escolas estaduais do sudoeste do Paraná**, que está sendo desenvolvida pela psicóloga Andréia de Souza, acadêmica, do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* de Francisco Beltrão-PR.

Esta pesquisa pretende identificar como os professores/as compreendem e abordam a temática da sexualidade em sala de aula. Elegemos professores/as dos oitavos anos do ensino fundamental, pelo fato de serem requisitados a tratar de questões que envolvem a sexualidade em seu trabalho pedagógico, nas temáticas de vida e evolução propostas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Esta base, documento nacional obrigatório, que as instituições escolares precisam seguir, como referencial curricular.

Você poderá participar desta pesquisa, através de um questionário semiaberto (combinado) que poderá ser respondido através da plataforma Google Forms, sobre o tema. O questionário será utilizado para análise de dados. Convém salientar que, a *confidencialidade* das respostas será garantida, bem como o *anonimato* dos participantes. A sua participação é *voluntária*. Assim, você terá autonomia para decidir se quer ou não respondê-lo, bem como desistir a qualquer momento. Sua decisão será respeitada e não irá afetar o apoio institucional que você já recebe.

Diante de qualquer dúvida, entrar em contato com a responsável pela pesquisa Andréia de Souza, acadêmica do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* de Francisco Beltrão-PR, no endereço: Rua Aníbal Bonatto, 156 – São Francisco Xavier, Dois Vizinhos/PR, CEP: 85.660-000. Telefone (46) 98808-1351.

\_\_\_\_\_  
Andréia de Souza

Declaro ter ciência dos propósitos da pesquisa e concordo espontaneamente em participar da mesma.

Assinatura do/a professor/a

\_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Apêndice 04: Identificação dos professores

IDENTIFICAÇÃO DOS PROFESSORES	
Escola:	
Como gostaria de ser chamado na pesquisa?	
Idade:	
Sexo: F ( ) M ( ) Outros ( )	
Estado Civil: Casado/a ( ) Divorciado/a ( ) Solteiro/a ( ) União Estável ( ) Viúvo/a ( ) Outros ( )	
Qual sua formação profissional: Magistério ( ) Universitário ( ) Qual? _____ Especialização ( ) Qual? _____ Mestrado ( ) Qual? _____ Doutorado ( ) Qual? _____	
Está estudando atualmente? Se SIM. Qual curso está fazendo?	
Tempo de docência:	
Regime de Trabalho: 20h ( ) 40hr ( ) Outro ( ) _____	
Você possui formação na área de sexualidade? ( ) Sim ( ) Não	
Você é adepto de alguma religião ou doutrina? Se sim; qual sua religião ou doutrina?	
Você acha que a religião contribui para a compreensão da sexualidade? ( ) Sim ( ) Não Justifique sua resposta:	

**Apêndice 05:** Questionário semiaberto (combinado) para coleta de dados

<b>QUESTIONÁRIO</b>
<p><b>1 - Você costuma falar sobre sexualidade em sala de aula?</b> <input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não. <b>Justifique sua resposta:</b></p>
<p><b>2 - Você sente vergonha em falar sobre sexualidade em sala de aula?</b> <input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não. <b>Justifique sua resposta:</b></p>
<p><b>3 - Na sua opinião é importante que as escolas abram espaços para falar sobre sexualidade?</b> <input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não. <b>Justifique sua resposta:</b></p>
<p><b>4 - O que você pensa sobre a sexualidade ser trabalhada em sala de aula?</b></p>
<p><b>5 - Você percebe que a escola lhe apoia para trabalhar questões de sexualidade em sala de aula?</b> <input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não. <b>Se Sim. Justifique sua resposta:</b></p>
<p><b>6 - Você acredita que os alunos já possuem muito conhecimento sobre a sexualidade?</b> <input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não. <b>Justifique sua resposta:</b></p>

<p><b>7 - Você se sente preparado para trabalhar com questões referentes à sexualidade com os adolescentes?</b></p> <p><input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não.</p> <p><b>Em caso negativo, se você se sente despreparado para trabalhar com as manifestações da sexualidade dos adolescentes, explicite quais são suas maiores dificuldades e porquê.</b></p>
<p><b>8 - Você entende que a escola deve abordar a sexualidade? Se sim; de que forma, por exemplo?</b></p>
<p><b>9 - Como você se sente quando os alunos abordam temas relacionados à sexualidade em sala de aula?</b></p>
<p><b>10 - Você costuma dedicar algum tempo para estudar sobre a sexualidade?</b></p> <p><input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não.</p> <p><b>Justifique sua resposta:</b></p>
<p><b>11 - Você sente necessidade de realizar estudos para compreender melhor a sexualidade dos adolescentes?</b></p> <p><input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não.</p> <p><b>Em caso afirmativo, quais aspectos você considera relevantes?</b></p>
<p><b>12 - Como você entende que a escola deveria abordar a temática da sexualidade?</b></p>
<p><b>13 - Como você se sente em falar sobre sexualidade, em sala de aula, depois do período político de 2018, em que diversas fakes News foram disseminadas nas redes sociais, havendo um retrocesso na concepção da sexualidade e a negação em se desenvolver um trabalho em sala de aula?</b></p>

**14 - Como era para você falar sobre sexualidade, em sala de aula antes do período político de 2018? Você percebeu certa resistência dos alunos, pais, colegas em falar sobre a temática depois desse período?**

**15 – Assinale o que você considera mais relevante a escola trazer para a sala de aula, quando se trata de sexualidade?**

cuidado com o corpo.

DSTs.

Funções biológicas.

Contraceptivos.

Violência sexual.

Outro – Cite:

**16 - Ao chegar no nono ano, frente ao trabalho acerca das questões biológicas do corpo, como prevê a BNCC e os livros didáticos; você percebe os alunos interessados em falar sobre o assunto?**

Sim.

Não.